

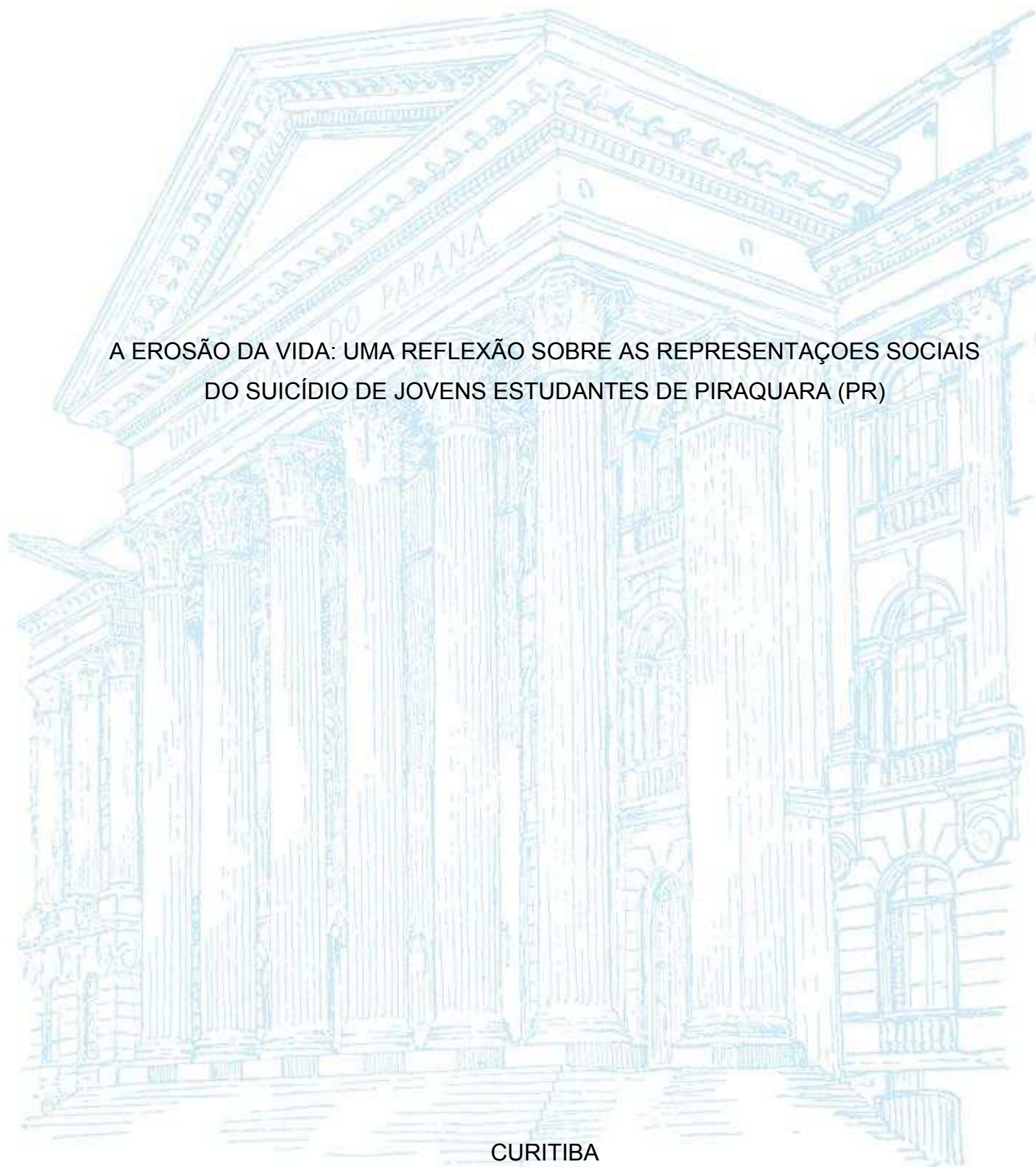
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FRANCISCO MAFFIA DE ASSIS

A EROSÃO DA VIDA: UMA REFLEXÃO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
DO SUICÍDIO DE JOVENS ESTUDANTES DE PIRAQUARA (PR)

CURITIBA

2021



FRANCISCO MAFFIA DE ASSIS

A EROSÃO DA VIDA: UMA REFLEXÃO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
DO SUICÍDIO DE JOVENS ESTUDANTES DE PIRAQUARA (PR)

Dissertação apresentada ao curso do Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Marisete Teresinha Hoffmann-Horochovski

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Luisa Fayet Sallas

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Assis, Francisco Maffia de

A erosão da vida : uma reflexão sobre as representações
sociais do suicídio de jovens estudantes de Piraquara (PR). /
Francisco Maffia de Assis. – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado profissional em Sociologia) – Setor
de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.
Orientadora : Profª. Drª. Marisete Teresinha Hoffmann-
Horochovski

1. Suicídio – Aspectos sociais. 2. Jovens – Comportamento
suicida. 3. Representações sociais – Piraquara. I. Horochovski,
Marisete Teresinha Hoffmann, 1971-. II. Título.

CDD – 364.1522



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA EM REDE
NACIONAL - 25016016039P8

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **FRANCISCO MAFFIA DE ASSIS** intitulada: **A EROSÃO DA VIDA: UMA REFLEXÃO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO SUICÍDIO DE JOVENS ESTUDANTES DE PIRAQUARA (PR)**, sob orientação da Profa. Dra. MARISETE TERESINHA HOFFMANN HOROCHOVSKI, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 29 de Abril de 2021.

Assinatura Eletrônica

29/04/2021 16:55:37.0

MARISETE TERESINHA HOFFMANN HOROCHOVSKI

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

30/04/2021 10:03:13.0

LEONARDO CARBONIERI CAMPOY

Avaliador Interno (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

29/04/2021 19:05:53.0

ALEXANDRE HENRIQUE DOS REIS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO)

Rua General Carneiro, 460 - 9º andar - sala 906 - Curitiba - Paraná - Brasil
CEP 80060-150 - Tel.: (41) 3360-5173 - E-mail: profsocio.ufpr@gmail.com

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 90269

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 90269

Dedico este texto à minha família, às minhas professoras e professores que sempre acreditaram em mim e me incentivaram a seguir adiante.

E a todas as pessoas que em algum momento de suas vidas sentiram-se desamparados(as), solitários(as) e/ou angustiados(as).

AGRADECIMENTOS

Esses anos que me dediquei ao mestrado (da seleção até a defesa) exigiram muito esforço, dedicação, empenho e renúncia. São incontáveis as vezes que precisei renunciar às atividades familiares, às viagens, aos momentos de lazer em família e às noites de descanso – as quais foram substituídas por noites intermináveis de estudos para conseguir conciliar as atividades do trabalho docente com a pesquisa do mestrado – e, por isso, sou muito grato à minha esposa Jéssica e à minha filha Alícia, pois foram sempre muito compreensivas e me incentivaram a todo momento para eu não desistir.

Gostaria de agradecer à minha mãe, Marília, a qual ainda muito jovem, teve de encarar o desafio de educar duas crianças após a morte do meu pai. Passamos muitas dificuldades, mas ela sempre me ensinou a importância de buscar agir da maneira correta, agir com justiça, me importar com o próximo e a importância da educação como instrumento de transformação. Agradeço também minha irmã, Juliana, pois mesmo distante demonstrou seu afeto em todos os momentos.

Não posso deixar de lembrar dos meus amigos Renato e Andressa, que sempre me apoiaram em todas as etapas deste processo.

Agradeço à Rede Nacional do PROFSOCIO e principalmente ao PROFSOCIO-UFPR, o qual, através do seu corpo docente, Profa. Dra. Simone Meucci, sempre muito atenciosa e preocupada com nosso desenvolvimento e adaptação ao mestrado; Profa. Dra. Maria Tarcisa Silva Bega, que nos fez perceber que sempre quando achávamos que o trabalho estava encaminhado, ainda teria muita algo para melhorar; Profa. Dra. Ana Luisa Fayet Sallas, que na disciplina de Sociologia da Juventude nos mostrou que não existe apenas um modelo de juventude, mas que elas são plurais; ao Prof. Dr. Fagner Carniel, que mesmo não estando tão próximo nos ensinou que a paz e a tranquilidade são essenciais para o desenvolvimento de uma boa pesquisa; à Profa. Dra. Valeria Floriano Machado, por conhecer a nossa realidade como professores de ensino médio e pela maneira como este conhecimento enriqueceu as nossas aulas; Prof. Dr. Rodrigo Czajka, que nos ensinou sobre compreensão, humanidade e empatia ao lecionar sua disciplina durante o início da pandemia causada pelo Covid-19 e ao Prof. Dr. Leonardo Carbonieri Campoy, que durante as aulas de antropologia nos ensinou sobre a importância de dar voz aos nativos, de conhecê-los pelo o que têm a dizer e não pela narrativa do pesquisador.

Quero estender meus agradecimentos aos funcionários Marcel, Katiano e Luciane, que sempre nos atenderam com a muita disposição e simpatia.

Aos meus colegas de turma Angélica, Débora, Eduardo, Gilmar, Julio, Lahra, Lislaine, Maristela e Regina. Afinal, quantos perrengues passamos juntos, não é mesmo? Durante este período os comentários e críticas apontados por todos vocês contribuíram muito para que minha pesquisa se concretizasse.

Queria fazer um agradecimento muito especial à Profa. Dra. Ana Luisa Fayet Sallas e ao Prof. Dr. Leonardo Carbonieri Campoy por fazerem parte das minhas bancas de pré-qualificação e de qualificação do projeto. Os apontamentos de vocês foram muito importantes para repensar o projeto e dar forma ao texto final.

Por fim, gostaria de agradecer a Profa. Dra. Marisete Teresinha Hoffmann-Horochovski, minha orientadora, sem sombra de dúvidas uma das pessoas mais sensíveis, dedicadas e atenciosas que passaram por minha vida. Quantos foram os desafios que enfrentamos durante a pesquisa? Sempre que achávamos que as coisas estavam se encaminhando, surgia um novo obstáculo. Mas isso não te abalava. Você sempre encontrou uma alternativa e manteve o otimismo. Graças à sua atitude eu nunca desanimei e seu exemplo como pessoa e profissional ficarão gravados em meu ser para sempre.

“Neste momento, estamos sendo desafiados
por uma espécie de erosão da vida”.

(KRENAK, 2020, p. 95)

RESUMO

Este trabalho se propõe a refletir sobre o tema do suicídio no ambiente escolar a partir das representações sociais sobre o suicídio elaboradas por jovens estudantes do ensino médio na cidade de Piraquara-PR. Considerando o aumento de suicídio entre jovens, que pode ser observado em diferentes lugares – incluindo o Brasil e a cidade em foco –, a Organização Mundial da Saúde (OMS) esclarece que falar sobre o tema é uma das melhores formas de combatê-lo e preveni-lo. Para orientar as discussões, a OMS criou um conjunto de manuais para os profissionais da mídia, da saúde e da educação sobre quais os cuidados necessários para falar sobre o suicídio sem que se faça uma apologia dele. Um material que pode ser utilizado, inclusive, para pensar as ações do Setembro Amarelo ou similares e no próprio ambiente escolar, posto que a escola é central na vida dos jovens. Neste cenário, interessa pensar como o suicídio é representado por jovens, e se/como essas representações aparecem nas produções disciplinares dos/as estudantes. Partiu-se das seguintes hipóteses: as representações sociais da morte em geral, e do suicídio em especial, aparecem nas mais diversas produções escolares, mesmo que o objeto de estudo não esteja associado diretamente a elas; os/as jovens sentem necessidade de falar sobre o tema, mas a comunidade escolar não está preparada para lidar com ele, tampouco conhece as diretrizes da OMS. Metodologicamente, a pesquisa se apoia em observação participante e análise de material fotográfico e escrito produzido por estudantes em sala de aula ou que circulam no ambiente escolar. A pesquisa permitiu identificar e compreender a existência de diversas representações sociais sobre o suicídio. Espera-se que o estudo possa contribuir no desenvolvimento de estratégias de prevenção e combate ao suicídio.

Palavras-chave: Suicídio. Jovens. Representações sociais. Piraquara

ABSTRACT

This work aims to reflect on the theme of suicide in the school environment from the social representations about suicide elaborated by young high school students in the city of Piraquara-PR. Considering the increase in suicide among young people, which can be observed in different places – including Brazil and the city in focus –, the World Health Organization (WHO) clarifies that talking about the topic is one of the best ways to combat and prevent it. To guide the discussions, WHO created a set of manuals for media, health and education professionals on what care is needed to talk about suicide without making an apologia for it. This manuals can even be used to think about the actions of the Yellow September or similar and at the school environment, since the school is central in young people lives. In this scenario, it is interesting to think about how suicide is represented by young people, and whether how these representations appear in students' disciplinary productions. We started from the following hypotheses: the social representations of death in general, and suicide in particular, appears in the most diverse school productions, even if the object of study is not directly associated with them; young people feel the need to talk about it, but the school community is not prepared to deal with suicide, nor do they know the WHO guidelines. Methodologically, the research is based on participant observation and analysis of photographic and written material produced by students in the classroom or circulating in the school environment. The research allowed to identify and understand the existence of several social representations about suicide and it is hoped that it can contribute to the development of strategies to prevent and combat suicide.

Keywords: Suicide. Young. Social representations. Piraquara.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	– TAXA HISTÓRICA DE SUICÍDIOS ENTRE JOVENS DE 15 A 19 ANOS DA CIDADE DE PIRAQUARA-PR X TAXA HISTÓRICA NACIONAL ENTRE JOVENS DE 15 A 19 ANOS (1999-2013).....	25
FIGURA 2	– TAXA HISTÓRICA DE SUICÍDIOS ENTRE JOVENS DE 15 A 19 ANOS DA CIDADE DE PIRAQUARA-PR X TAXA HISTÓRICA NACIONAL ENTRE JOVENS DE 15 A 19 ANOS (1999-2013).....	26
FIGURA 3	– CRESCIMENTO DA TAXA DE SUICÍDIOS DO BRASIL	27
FIGURA 4	– A HUMANIDADE E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MORTE AO LONGO DA HISTÓRIA.	42
FIGURA 5	– VANITAS	44
FIGURA 6	– A MORTE DE ÁJAX	53
FIGURA 7	– SUICÍDIO EGOÍSTA: IDEAÇÃO	68
FIGURA 8	– OS TIPOS DE SUICÍDIOS ALTRUISTAS.....	74
FIGURA 9	– COLETÂNEA DE IMAGENS PRODUZIDAS PELOS ESTUDANTES	78
FIGURA 10	– MINHAS CONQUISTAS.....	82
FIGURA 11	– RELICÁRIOS DIVERSOS	83
FIGURA 12	– MINHA MÃE, MEU GUIA	85
FIGURA 13	– O AMOR É UM SONHO!.....	87
FIGURA 14	– DOIS IRMÃOS E UM SONHO... ..	88
FIGURA 15	– EU CLARICE	92
FIGURA 16	– AMARELO	93
FIGURA 17	– AMARELO 2	94
FIGURA 18	– TRANSCRIÇÃO DE TEXTO 14 – PEDIDO DE AJUDA: PÁGINA 2	97
FIGURA 19	– OS VÍCIOS E A JUVENTUDE.....	109
FIGURA 20	– UM CRIME CONTRA DEUS	110

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – CLASSIFICAÇÃO TIPOLOGICA E MORFOLÓGICA DOS TIPOS SOCIAIS DE SUICÍDIO	58
------------------------------------------------------------------------------------------	----

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – TAXA DE SUICÍDIOS POR 100 MIL HABITANTES: MÉDIA DE PIRAQUARA-PR X MÉDIA NACIONAL.....	24
TABELA 2 – TAXA DE SUICÍDIOS POR 100 MIL HABITANTES – FAIXA ETÁRIA 15 A 19 ANOS: MÉDIA DE PIRAQUARA-PR X MÉDIA NACIONAL.....	24
TABELA 3 – BANCO DE IMAGENS: REPRESENTAÇÕES DE VIDA E MORTE	32

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

ABP	–	Associação Brasileira de Psiquiatria
CVV	–	Centro de Valorização da Vida
CFM	–	Conselho Federal de Medicina
IBGE	–	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPARDES	–	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
IPEA	–	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
OMS	–	Organização Mundial da Saúde
OPAS	–	Organização Pan-americana de Saúde
RCO	–	Registros de Classe <i>Online</i>
RS	–	Representação Social
SEED-PR	–	Secretaria de Estado da Educação e do Esporte do Paraná
SIM	–	Sistema de Informações sobre a Mortalidade.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA	22
2.1	O PONTO DE PARTIDA	22
2.2	A METODOLOGIA DA PESQUISA.....	28
2.3	O MATERIAL DA PESQUISA	30
2.4	VIDA E MORTE: CONCEITOS EM DISPUTA.....	36
3	AS REPRESENTAÇÕES DA MORTE E DO SUICÍDIO NO OCIDENTE	39
3.1	A MORTE INTERDITA.....	46
3.2	A MORTE VOLUNTÁRIA X SUICÍDIO	51
3.3	DURKHEIM E O SUICÍDIO COMO FATO SOCIAL.....	56
3.4	O DEBATE SOBRE O SUICÍDIO HOJE	59
3.5	O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL E AS POSSIBILIDADES DE INTERPRETAÇÃO.....	62
4	EM BUSCA DE SENTIDOS: EXPLORANDO OS MATERIAIS PESQUISADOS	67
4.1	A TIPIFICAÇÃO DO SUICÍDIO NA PERSPECTIVA DE DURKHEIM.....	67
4.1.1	O suicídio egoísta.....	67
4.1.2	O suicídio altruísta.....	69
4.1.3	O suicídio anômico.....	77
4.2	ENTRE A CELEBRAÇÃO E O LAMENTO: RELICÁRIOS	81
4.3	FESTIVAL DO MINUTO	89
4.4	ESCRITA COLETIVA.....	90
4.5	MATERIAIS ESPONTÂNEOS	95
4.5.1	Iniciação à pesquisa científica	95
4.5.2	Um pedido de ajuda	96
5	AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O SUICÍDIO ELABORADAS PELOS JOVENS ESTUDANTES DE PIRAQUARA- PR.....	101
5.1	O SUICÍDIO COMO UM TIPO DE MORTE	101
5.2	A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO SUICÍDIO NA PERSPECTIVA DO JOVEM COM IDEAÇÃO SUICIDA.....	102

5.2.1	“O mundo como um lugar de tortura”	102
5.2.2	“O suicídio é uma forma de descanso”	103
5.2.3	“Eu sou um peso para eles, a melhor forma de expressar meu amor é livrando-os deste fardo”	104
5.2.4	“A única saída possível”	104
5.2.5	“Um ato de entrega à Deus”	104
5.3	JUÍZOS DE VALOR: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ELABORADAS POR PESSOAS PRÓXIMAS AOS SUJEITOS QUE MANIFESTAM O DESEJO DE MORTE	105
5.3.1	Juízos de valor sobre a pessoa	105
5.3.1.1	“O suicídio acontece porque a pessoa já está morta por dentro”	105
5.3.1.2	“O suicídio é o resultado do encontro das angústias pessoais com fracasso da sociedade”	106
5.3.1.3	“É só frescura dela”, “O suicídio é um ato de fraqueza”	106
5.3.1.4	“Dizem que ele se suicidou por causa de um coração partido”	106
5.3.2	O suicídio e suas causas ou motivações	107
5.3.2.1	“Suicídio não é um ato de coragem e sim de desespero”	107
5.3.2.2	“Suicídio não é brincadeira”	107
5.3.2.3	“Depressão = suicídio”	107
5.3.2.4	“Os jovens estão se suicidando pois não sabem resolver problemas”	108
5.3.3	“Um crime contra Deus”	109
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
	REFERÊNCIAS.....	114
	DOCUMENTOS CONSULTADOS	119
	APÊNDICE 1 – ESCRITA COLETIVA: MÚSICAS QUE EMBASARAM OS TEXTOS.....	120
	ANEXO 1 – IMAGENS TRANSCRITAS.....	128
	ANEXO 2 – PRODUÇÃO TEXTUAL SOBRE A VIDA E A MORTE: TRANSCRIÇÃO DOS TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ESTUDANTES	144

1 INTRODUÇÃO

No decorrer da história ocidental, a morte foi sendo interpretada de diferentes formas e gradativamente foi se tornando interdita (ARIÈS, 2017). Com isso, o suicídio deixou de ser visto como uma maneira de morrer e passou a ser interpretado como uma forma de se matar. Se a transformação na morte resulta de um processo lento e gradual, a transformação na forma de interpretar o suicídio tem um contexto específico, pois remonta à condenação da morte de Lucrecia por Santo Agostinho. Desse momento em diante, o ocidente começa a considerar o suicídio como um homicídio de si, que resultaria na quebra do mandamento divino que estabelece o “não matarás” (REIS, 2019).

Apesar da condenação em torno do suicídio, a prática de tirar a própria vida continuou presente ao longo da história, apresentando índices crescentes no século XX e XXI. Inúmeras iniciativas alertam para esse crescimento. Em 2015, o Centro de Valorização da Vida (CVV), o Conselho Federal de Medicina (CFM) e a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) criaram no Brasil o “Setembro Amarelo”, isto é, uma campanha em que o mês de Setembro passa a ser dedicado a ações de prevenção e ao combate ao suicídio.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera que falar sobre o suicídio é uma das melhores formas de combate e prevenção. Sendo assim, o Setembro Amarelo tem potencial de ser um fomentador das reflexões sobre o tema no Brasil. Os debates já tinham começado a avançar antes do Setembro Amarelo, mas questionava-se qual a melhor forma de falar sobre o suicídio sem difundi-lo. Para orientar as discussões, a OMS (2000) criou um conjunto de manuais para os profissionais da mídia, da saúde e da educação sobre os cuidados necessários para falar sobre o suicídio sem que se faça uma apologia a ele. É um material que pode ser utilizado, inclusive, para pensar as ações do Setembro Amarelo ou similares. O uso do manual, especialmente no ambiente escolar, deve ser incentivado, uma vez que a escola é central na vida dos jovens e que é justamente entre esses que os números são mais alarmantes.

Nesse sentido, este trabalho se propõe a refletir sobre o tema do suicídio no ambiente escolar. Inicialmente, o projeto tinha como objetivo analisar as representações sociais sobre o suicídio na comunidade escolar de Piraquara-PR, considerando a equipe diretiva e pedagógica, os professores e os estudantes do

Ensino Médio. A ideia era analisar as representações sociais e averiguar a existência de ações e/ou debates, orientadas pela cartilha da OMS, no sentido de prevenção do suicídio e valorização da vida. Mas a realidade imposta pela pandemia resultou na necessidade de rever o objetivo do trabalho e optou-se por analisar os materiais que foram coletados em períodos anteriores ao ano de 2020, restringindo esta análise às representações sociais do suicídio de acordo com a perspectiva dos (as) jovens estudantes que a compõem.

Em 26 de fevereiro de 2020, a pandemia ocasionada pela COVID-19 teve seu primeiro caso em território brasileiro confirmado¹. A partir dessa data, a vida começou a se transformar e o crescimento da pandemia em terras tupiniquins exigiram medidas restritivas e a suspensão das aulas presenciais em todos os estados.

No Paraná, o Decreto nº 4.230², de 16 de março de 2020, estabeleceu uma série de orientações de combate ao novo Coronavírus, entre elas a suspensão das aulas presenciais a partir do dia 20 de março do mesmo ano (art. 8). As aulas foram suspensas por duas semanas e o recesso escolar foi antecipado de julho para março. A partir do dia 06 de abril, as aulas começaram a ser ministradas pela Secretaria de Estado da Educação e do Esporte (SEED-PR) através do aplicativo Aula Paraná, do *YouTube*, e por meio da rede aberta de televisão. O *Google Classroom*, plataforma de aulas, começou a ser utilizado como uma ferramenta para possibilitar a interação entre estudantes e professores. Aos estudantes que não possuíam os meios e a possibilidade de acompanhar as aulas através dessas ferramentas tecnológicas foi ofertada a possibilidade de realizar suas atividades através de material impresso.

Professores e estudantes tiveram de se adaptar a essa nova realidade. Muitas dificuldades surgiram, entre elas: a falta de treinamento dos profissionais da educação para utilização das ferramentas digitais, o funcionamento instável dos aplicativos, a dificuldade de acesso à *internet*, o número insuficiente de aparelhos eletrônicos em cada residência, a defasagem tecnológica no acompanhamento das aulas, a falta de pacote de dados ou a baixa velocidade das redes de *internet* banda larga, a falta de espaço para que todas as pessoas da residência desempenhassem suas atribuições

¹ A notícia com o título “Brasil confirma primeiro caso da doença” pode ser checada através do portal de notícias do Ministério da Saúde. Conferir Referências.

² PARANÁ. Decreto nº 4.230 de 16 de março de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus – COVID-19. **Diário Oficial do Estado do Paraná**, Paraná, 16 mar. 2020

simultaneamente e as complicações decorrentes da dificuldade de conciliar as atividades domésticas com as atividades escolares.

Na sequência, a SEED-PR colocou compulsoriamente em licença *premium* todos os profissionais da educação que tinham adquirido este direito em momentos anteriores de sua carreira. Pouco depois, contudo, todas as licenças foram revogadas e novos critérios para usufruir delas foram estabelecidos.

A SEED-PR realizou inúmeras promessas: o professor seria o protagonista deste processo; a SEED-PR transmitiria os conteúdos e caberia aos professores atender aos estudantes e esclarecer as dúvidas que surgissem durante o processo; a plataforma do *Google* seria conectada automaticamente ao nossos Registros de Classe *Online* (RCO) e a realização das atividades resultariam na atribuição da presença ou falta dos estudantes.

Mas esse mundo idealizado de fantasia começou a ruir: o número de estudantes que acessavam as ferramentas tecnológicas ofertadas era muito pequeno, as promessas sobre a integração entre o *Google Classroom* e o Registro de Classe *Online* não se concretizaram e todos os conteúdo trabalhados até então estavam acumulados e precisavam ser alimentados manualmente pelos professores, bem como a frequência dos estudantes. Isto resultou em um aumento significativo na jornada de trabalho de nós, professores.

O tempo passou e o primeiro trimestre letivo chegava ao fim. Muitas cobranças recaíram sobre os docentes pois, como consequência do baixo índice de participação dos alunos, as médias de vários estudantes seriam muito baixas e isso possivelmente resultaria em um alto índice de desistência caso os estudantes não alcançassem médias elevadas no 2º e 3º trimestre. Somando-se a isso, a falta de participação dos estudantes estava diretamente ligada à realização das atividades ofertadas, que confirmariam um elevado número de faltas e prejudicariam a apropriação do conteúdo e uma possível progressão para etapa seguinte.

Em 1º de junho foi iniciado o 2º trimestre letivo. O índice de participação dos estudantes aumentou quando eles perceberam que o ano letivo estava seguindo. Sem demora, a SEED-PR reabriu os registros de notas e faltas do 1º trimestre como forma de resgatar esses estudantes. Com isso, além das atribuições do 2º trimestre, era preciso atender os estudantes atrasados em relação ao que já havia sido trabalhado, como forma de garantir um incentivo para que eles/elas não desistissem. Chegamos

em julho de 2020 com muitas idas e vindas e, enfim, tivemos uma semana de recesso para recuperar nossas energias.

Particularmente, acreditei que esse tempo poderia ser utilizado para avançar na pesquisa. Mas as atribuições de pai, marido e o cansaço exacerbado resultou na minha exaustão. O tempo das férias foi utilizado para tentar amenizá-la, pois estávamos ainda na metade do ano e as cobranças provavelmente iriam aumentar significativamente. Infelizmente eu estava correto. As aulas retornaram, mas muitos estudantes não. Tornou-se necessário atender aos estudantes que não desistiram, motivar os que desistiram e, a tarefa mais difícil, localizar aquelas e aqueles que até então não estavam inseridos no novo modelo de ensino e aprendizagem.

Por se tratar de um mestrado profissional, os participantes devem estar vinculados à escola e seu objeto de estudo deve estar diretamente ligado ao contexto escolar. Consequentemente, o desenvolvimento da pesquisa idealizada anteriormente foi prejudicado na medida em que o distanciamento social se fez necessário. Antes da pandemia, não era incomum ouvir comentários na sala dos professores sobre o modo como os estudantes estavam apáticos e não conseguiam se concentrar ou realizar as atividades por causa da atenção voltada para seus celulares.

Com a pandemia, a obrigação com a dependência da tecnologia entrou em evidência. O trabalho, o estudo, o lazer e as maneiras de se relacionar com outras pessoas mudaram significativamente e, em muitos casos, passaram a ser mediadas e realizadas exclusivamente através dela.

Para mim, refletir sobre a morte no contexto da pandemia se tornou algo muito significativo e marcante, pois estou cercado por uma série “coincidências”. Atualmente tenho a mesma idade que meu pai tinha quando faleceu em decorrência de um AVC (Acidente Vascular Cerebral). Se isso não bastasse, minha filha tem a mesma idade que eu tinha naquela época. Estou para realizar uma cirurgia em fevereiro de 2021 e meu pai faleceu após uma cirurgia em fevereiro de 1991. A vida realmente tem um senso de humor muito peculiar!

Durante esse processo de reflexão e análise, recordei-me de diversas etapas de minha vida em que a morte produziu uma marca significativa em mim.

A primeira delas foi a morte do meu pai, quando eu tinha apenas seis anos de idade. Isso me marcou profundamente, principalmente pelo fato de as pessoas me enxergarem como uma extensão dele. Toda minha personalidade foi negada, pois a

partir de sua morte as pessoas esperavam que eu fizesse algo da maneira que julgavam que meu pai faria.

Na adolescência isso se agravou. Passei a viver minha vida a partir das experiências dos meus colegas e nunca falava sobre algo que eu tinha realizado, mas sobre as realizações de outras pessoas.

Na adolescência, uma desilusão amorosa muito forte despertou em mim a ideação suicida. Comecei a ter ideias associadas à minha morte e dei o próximo passo: o planejamento. Durante o planejamento cheguei a escrever três cartas de despedida e deixá-las escondidas para que fossem encontradas caso eu desse cabo da minha vida.

Nunca tentei efetivar o suicídio, pois não queria trazer sofrimento para minha mãe. Acreditei que ela não merecia enfrentar a morte de um filho. Conforme diria Durkheim (2014), a família atuou como profilático ao suicídio: fui salvo pelos laços societários.

Na fase adulta, mudei de Minas Gerais para o Paraná, constituí família e no ano de 2012 comecei a lecionar a disciplina de Filosofia na rede estadual paranaense de ensino.

No ano de 2013, uma de minhas alunas do 2º ano do ensino médio diurno se matou. Esse fato me marcou profundamente e mudou meu olhar em relação aos estudantes. Eu, que era um professor rígido, vim a me tornar um “colecionador de histórias”. Passei a fazer aquilo que ninguém fez durante a minha adolescência: passei a ouvi-los não apenas nos assuntos relacionados à disciplina de Filosofia, mas também sobre aquilo que eles demonstravam interesse em compartilhar. Com isso, fiquei mais sensível às suas dores, anseios e expectativas, mesmo que os conteúdos escolares não sejam favoráveis a isso.

Esta pesquisa, portanto, surgiu do desejo de ajudar professores e estudantes nessa mediação. Por isso, conhecer e analisar o modo como esses jovens representam socialmente o suicídio torna-se essencial.

Como mencionei, o contexto de pandemia dificultou a concretização do projeto inicial. Com isso, compreender as representações sociais da comunidade escolar sobre o suicídio tornou-se ainda mais complexo. Sendo assim, foi necessário alterar a abordagem do tema e trabalhar com materiais que já haviam sido coletados, focando mais no modo como os alunos elaboram suas representações sociais sobre o suicídio.

Esta pesquisa torna-se socialmente relevante na medida em que, através da compreensão das representações sociais dos jovens sobre o suicídio, constrói-se mais um instrumento para auxiliar na tentativa de compreender o crescimento dos casos de suicídios dos jovens em geral e dos jovens de Piraquara em particular.

Espera-se que a pesquisa permita compreender a maneira pela qual o conjunto de estudantes elaboraram suas representações sociais sobre o suicídio. Para tanto, ela está dividida em seis partes – incluindo esta introdução, que visou apresentar e justificar a escolha do tema. Na segunda parte será apresentado o modo como a pesquisa foi construída no período de pandemia.

No terceiro capítulo apresenta-se a fundamentação teórica: o processo de interdição da morte na cultura ocidental, a perspectiva de alguns pesquisadores do tema e o conceito de representação social, que permitirá analisar o material pesquisado.

A quarta parte explora o cenário da pesquisa, detalha a metodologia e apresenta os materiais produzidos pelos discentes, estabelecendo-se as categorias de análise. Já o quinto capítulo apresenta as representações sociais dos estudantes da cidade de Piraquara sobre o suicídio. Por fim, a sexta e última parte consiste na conclusão e nos possíveis encaminhamentos a partir dos resultados obtidos.

2 A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

2.1 O PONTO DE PARTIDA

O título desta pesquisa é inspirado na obra de Ailton Krenak (2020), embora, no texto original, o conceito de erosão da vida decorra de uma visão ecológica na qual estaríamos destruindo a Terra, nossa casa natural (OIKOS, expressão grega). Neste texto, tomo o conceito de erosão da vida como um processo de desconstrução do sentido de vida, o qual é expresso nos textos dos estudantes na medida em que eles se deparavam com a ideia de morte. É como se a vida fosse consumida por suas experiências.

A opção em manter o foco nas representações sociais dos estudantes é justificado. De acordo com Botega et al. (2009), o número de suicidas tem aumentado em todo o mundo e, segundo a OMS, o número de suicídios cresceu significativamente nos últimos 45 anos, sendo que “os maiores coeficientes de suicídio mudaram da faixa etária mais idosa da população para faixas mais jovens”. Além disso, ainda segundo Botega et al. (2009, p. 2632), “na maioria dos países o suicídio se situa entre as duas ou três causas mais frequentes de morte em adolescentes e adultos jovens”.

Uma reportagem do portal de notícias G1³, publicada em setembro de 2019, afirma que nos últimos seis anos as taxas de suicídio do Brasil aumentaram 7%, enquanto que no restante do mundo esta taxa apresentou redução de 9,8%.

Em 10 de setembro de 2020, a Organização Pan-americana de Saúde (OPAS) afirmou que a pandemia ocasionada pelo novo Coronavírus (COVID-19) potencializou os riscos de suicídio. A reportagem afirma que a campanha do Setembro Amarelo no Brasil se torna ainda mais essencial neste ano que “tende a ser o setembro mais amarelo de todos” (OPAS, 2020).

O Manual de Prevenção ao Suicídio da OMS (2000), voltado para professores e educadores, aponta que:

No mundo inteiro, o suicídio está entre as cinco maiores causas de morte na faixa etária de 15 a 19 anos. Em vários países ele fica como primeira ou segunda causa de morte entre meninos e meninas nessa mesma faixa etária.

³ Notícia “Na contramão da tendência mundial, taxa de suicídio aumenta 7% no Brasil em seis anos”, publicada no G1 em 10 de setembro de 2019. Conferir Referências.

Sendo assim, a prevenção do suicídio entre crianças e adolescentes é de alta prioridade. Devido ao fato de em muitas regiões e países a maioria dos adolescentes dessa idade frequentarem a escola, este parece ser um excelente local para desenvolvermos a prevenção (OMS, 2000, p. 6).

Os manuais elaborados pela OMS partem da premissa de que o suicídio é resultado somente de uma condição médica. Dessa forma, o discurso reducionista legitima apenas o discurso médico, embora os próprios manuais estabeleçam a necessidade de debater o tema nas mais diversas áreas sociais. O discurso externo comumente é considerado ilegítimo e, desse modo, os manuais deveriam atuar como fomentadores da discussão, e não como seus limitadores.

Conforme Waiselfisz (2014), os dados do Mapa da Violência demonstram um crescimento significativo do número de casos de suicídios entre jovens na cidade de Piraquara/PR em um curto espaço de tempo.

A taxa de suicídios entre jovens na cidade de Piraquara praticamente dobrou em um período de seis anos e, além disso, os dados evidenciam que a cidade subiu 122 posições no ranking nacional de suicídio entre jovens no mesmo período. Esse crescimento foi o responsável pelo fato de as autoridades municipais adotarem estratégias de prevenção ao suicídio, as quais foram descritas no Plano Municipal de Saúde.

A cidade de Piraquara identificou este crescimento e no Plano Municipal de Saúde destaca que:

Das tentativas de suicídio, 58,9% ocorreram na faixa etária de 20 a 39 anos. Podemos associar as tentativas de suicídio a problemas de saúde de cunho biopsicossocial, entre eles, transtornos mentais, depressão, ideação suicida, abusos, estresse, ansiedade etc. [...] Campanhas, como o “Setembro Amarelo” são realizadas para discutir a saúde mental e prevenir o suicídio (PIRAQUARA, 2017, p. 186).

Nesse contexto, conhecer mais sobre a temática do suicídio, especialmente as representações sociais do suicídio elaboradas pelo conjunto desses/dessas estudantes, permite dar melhor interpretação aos dados e pode resultar em ações mais efetivas de conscientização e de prevenção.

Uma consulta ao portal DEEPASK⁴ permite identificar uma grande oscilação nas taxas históricas de suicídios cometidos por jovens entre 15 e 19 anos na cidade

⁴ O portal utiliza os dados do Sistema de Informações sobre a Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde e tem como referência os anos de 1999 a 2013.

de Piraquara entre os anos de 1999 a 2013. No ano de 2000, essa taxa chegou a ser quase dez vezes maior que a média nacional (vide TABELA 2 e FIGURA 1):

TABELA 1 – TAXA DE SUICÍDIOS POR 100 MIL HABITANTES: MÉDIA DE PIRAQUARA-PR X MÉDIA NACIONAL

ANO	Média Geral PIRAQUARA-PR	Média Nacional
1999	8,67 óbitos/100 mil pessoas	3,98 óbitos/100 mil pessoas
2000	6,86 óbitos/100 mil pessoas	3,99 óbitos/100 mil pessoas
2001	7,70 óbitos/100 mil pessoas	4,49 óbitos/100 mil pessoas
2002	7,35 óbitos/100 mil pessoas	4,42 óbitos/100 mil pessoas
2003	4,67 óbitos/100 mil pessoas	4,44 óbitos/100 mil pessoas
2004	6,69 óbitos/100 mil pessoas	4,48 óbitos/100 mil pessoas
2005	5,06 óbitos/100 mil pessoas	4,64 óbitos/100 mil pessoas
2006	6,76 óbitos/100 mil pessoas	4,63 óbitos/100 mil pessoas
2007	1,85 óbitos/100 mil pessoas	4,68 óbitos/100 mil pessoas
2008	2,33 óbitos/100 mil pessoas	4,92 óbitos/100 mil pessoas
2009	4,58 óbitos/100 mil pessoas	4,90 óbitos/100 mil pessoas
2010	4,29 óbitos/100 mil pessoas	4,95 óbitos/100 mil pessoas
2011	5,29 óbitos/100 mil pessoas	5,12 óbitos/100 mil pessoas
2012	4,17 óbitos/100 mil pessoas	5,32 óbitos/100 mil pessoas
2013	4,95 óbitos/100 mil pessoas	5,01 óbitos/100 mil pessoas

FONTE: DEEPASK (2013).

TABELA 2 – TAXA DE SUICÍDIOS POR 100 MIL HABITANTES – FAIXA ETÁRIA 15 A 19 ANOS: MÉDIA DE PIRAQUARA-PR X MÉDIA NACIONAL

ANO	Média Geral PIRAQUARA-PR	Média Nacional
1999	17,43 óbitos/100 mil pessoas	3,13 óbitos/100 mil pessoas
2000	28,68 óbitos/100 mil pessoas	2,93 óbitos/100 mil pessoas
2001	13,41 óbitos/100 mil pessoas	3,87 óbitos/100 mil pessoas
2002	0,00 óbitos/100 mil pessoas	3,50 óbitos/100 mil pessoas
2003	0,00 óbitos/100 mil pessoas	3,52 óbitos/100 mil pessoas
2004	0,00 óbitos/100 mil pessoas	3,38 óbitos/100 mil pessoas
2005	0,00 óbitos/100 mil pessoas	3,21 óbitos/100 mil pessoas
2006	10,09 óbitos/100 mil pessoas	3,20 óbitos/100 mil pessoas
2007	0,00 óbitos/100 mil pessoas	3,46 óbitos/100 mil pessoas
2008	0,00 óbitos/100 mil pessoas	3,73 óbitos/100 mil pessoas
2009	0,00 óbitos/100 mil pessoas	3,37 óbitos/100 mil pessoas
2010	0,00 óbitos/100 mil pessoas	3,56 óbitos/100 mil pessoas
2011	11,34 óbitos/100 mil pessoas	3,66 óbitos/100 mil pessoas
2012	22,33 óbitos/100 mil pessoas	3,91 óbitos/100 mil pessoas
2013	10,68 óbitos/100 mil pessoas	4,03 óbitos/100 mil pessoas

FONTE: DEEPASK (2013).

FIGURA 1 – TAXA HISTÓRICA DE SUICÍDIOS ENTRE JOVENS DE 15 A 19 ANOS DA CIDADE DE PIRAQUARA-PR X TAXA HISTÓRICA NACIONAL ENTRE JOVENS DE 15 A 19 ANOS (1999-2013)



FONTE: DEEPASK (2013).

Através dos dados do DATASUS (2020) (FIGURA 2), é possível afirmar que o maior número de suicídios em Piraquara acontece na juventude, entre 15 e 29 anos. Nessa faixa etária são 57 casos, sendo 44 casos entre 20 e 29 anos e 13 casos entre 15 e 19 anos. Em segundo lugar está a faixa etária dos 30 aos 39 anos, com 23 casos, e em terceiro os adultos de 40 a 49 anos, com 22 casos.

Os jovens de 15 a 19 anos em Piraquara, no período analisado, segundo os dados do DATASUS (2020) (FIGURA 1 X FIGURA 2), são evidentes na taxa de suicídios e ultrapassaram a média nacional, enquanto em outros momentos a mesma taxa foi nula.

Já o número de suicídios cometidos por pessoas da faixa etária de 0 a 9 anos foi nula nos períodos investigados:

FIGURA 2 – TAXA HISTÓRICA DE SUICÍDIOS ENTRE JOVENS DE 15 A 19 ANOS DA CIDADE DE PIRAQUARA-PR (1999-2013)

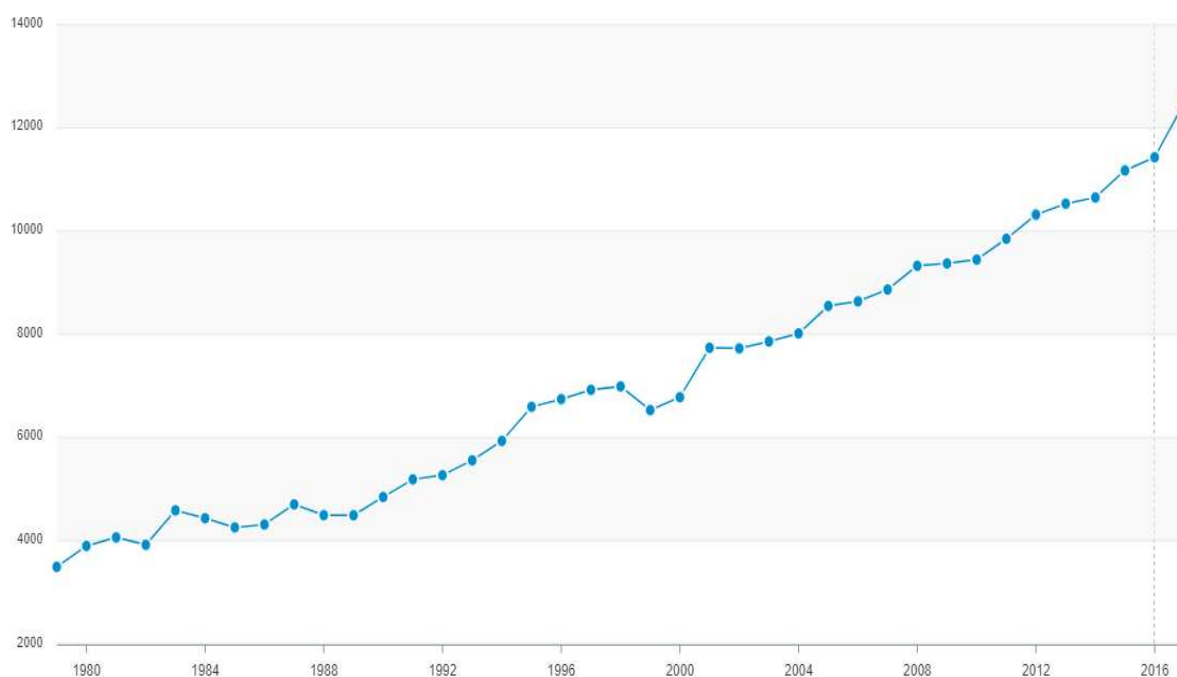
Mortes por suicídios na cidade Piraquara registradas segundo o CID-10 (Classificação Internacional de Doenças-10) como Lesões autoprovocadas voluntariamente (categorias X60-X84)														
Ano	Faixa etária													
	Menor de 1 ano	1 a 4 anos	5 a 9 anos	10 a 14 anos	15 a 19 anos	20 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 59 anos	60 a 69 anos	70 a 79 anos	80 anos e mais	Idade ignorada	Total
1996	0	0	0	0	1	1	1	1	1	0	0	0	1	6
1997	0	0	0	0	1	1	0	2	1	0	0	0	0	5
1998	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	3
1999	0	0	0	0	1	1	2	1	0	0	1	0	0	6
2000	0	0	0	0	2	0	1	0	2	0	0	0	0	5
2001	0	0	0	0	2	4	0	1	0	0	0	0	0	7
2002	0	0	0	0	0	4	1	1	1	1	0	0	0	8
2003	0	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	3
2004	0	0	0	0	1	1	2	1	1	0	0	0	0	6
2005	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	4
2006	0	0	0	0	1	2	1	1	0	0	2	0	0	7
2007	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
2008	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	2
2009	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0	3
2010	0	0	0	0	0	1	2	0	1	0	0	0	0	4
2011	0	0	0	0	1	3	1	0	1	0	0	0	0	6
2012	0	0	0	0	0	2	0	0	0	1	0	0	0	3
2013	0	0	0	0	1	2	1	2	0	1	0	0	0	7
2014	0	0	0	1	1	3	1	3	0	0	0	0	0	9
2015	0	0	0	0	0	2	1	2	0	0	0	1	0	6
2016	0	0	0	0	0	1	1	2	0	0	0	0	0	4
2017	0	0	0	0	0	0	2	4	0	0	0	0	0	6
2018	0	0	0	0	0	5	3	1	1	1	1	0	0	12
Total	0	0	0	1	13	44	23	22	9	5	4	1	1	123

FONTE: DATASUS (2020).

Estudos como o Mapa da Violência, elaborado pelo sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz (2014), o Atlas da Violência (2020) elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) evidenciam o crescimento do número de suicídios no Brasil e a necessidade de refletir sobre o tema.

Os dados do que Waiselfisz (2014) traz, no Mapa da Violência, indicam que os suicídios de jovens da cidade Piraquara praticamente dobraram em um período de seis anos. Isso resultou na ascensão da cidade no ranking nacional de suicídios, saindo da posição 207º e alcançando a posição 85º nesse curto período.

FIGURA 3 – CRESCIMENTO DA TAXA DE SUICÍDIOS DO BRASIL



FONTE: IPEA (2020).

LEGENDA: Taxa de suicídios do Brasil: 1979-2017.

De acordo com Peres (PARANÁ, 2016)⁵, o Perfil Epidemiológico do Suicídio no Estado do Paraná relata que no ano de 2014, em todo o estado, ocorreram 627 suicídios, sendo 513 cometidos por homens e 114 por mulheres, totalizando uma média de aproximadamente dois casos de suicídio por dia.

Por fim, é evidente que a situação está cada vez mais alarmante. Por isso, além de analisar as representações sociais do suicídio elaboradas pelas(os) estudantes de colégios estaduais do município de Piraquara/PR, este estudo estabelece como objetivo secundário investigar se/como as representações sociais da morte e do suicídio aparecem nas produções disciplinares dos/as estudantes, seja de maneira direta ou indireta.

A análise dessas representações sociais sobre o suicídio permite, primeiramente, questionar se o suicídio resulta do rompimento dos laços sociais ou não e, em um segundo momento, possibilita refletir como o corpo docente e a equipe pedagógica e diretiva lidam com o tema do suicídio no contexto escolar. Por fim, em um terceiro momento o estudo também permite verificar se as representações sociais da morte em geral, e do suicídio em especial, aparecem nas mais diversas produções escolares, mesmo que o objeto de estudo não esteja associado diretamente a elas

⁵ Material produzido pelo CRR-UFPR em outubro de 2016.

Ressalta-se que a obtenção dos dados através de uma pesquisa qualitativa, com realização de entrevistas com jovens do ensino médio, foi inviabilizada através do parecer negativo do Comitê de Ética em Saúde da UFPR. Optou-se, então, em manter a pesquisa qualitativa a partir de uma aproximação etnográfica da comunidade escolar, tendo como instrumento a observação participante e análise de material fotográfico e escrito, produzido pelos estudantes nas aulas de Filosofia ministradas por mim (professor pesquisador) ou que circulam no ambiente escolar.

2.2 A METODOLOGIA DA PESQUISA

De acordo com resenha de Valladares (2007, p. 153-154), William Foote Whyte, em sua obra “Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada”, estabelece os dez passos a serem seguidos no método da observação participante, sendo eles:

- a) o tempo é um elemento importante para compreender o grupo estudado;
- b) o pesquisador não sabe o que encontrará;
- c) necessidade de interação entre pesquisador e pesquisado;
- d) o pesquisador deve ter consciência de que nunca será um nativo e, por isso, deve se colocar como alguém de fora;
- e) é necessário estabelecer uma mediação entre pesquisador e pesquisado;
- f) o pesquisador observa enquanto é observado pelo grupo;
- g) é preciso ler o que está nas entrelinhas, no modo como uma informação é passada ou negada;
- h) estabelecer uma rotina de trabalho, mesmo que ela seja desgastante
- i) transformar os erros em experiências que contribuam para o aprendizado e para o desenvolvimento da pesquisa;
- j) apresentar uma devolutiva para o grupo e saber justificar para eles porque a pesquisa é importante.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa com aproximação etnográfica que tem como base a observação participante, as fontes primárias foram obtidas através da observação de campo e do levantamento de fontes secundárias.

O projeto de pesquisa estabelecia que a aproximação etnográfica ocorreria no ambiente escolar, tendo como foco: os alunos(as), os(as) funcionários(as), professores, membros das equipes pedagógica e da equipe diretiva das escolas. O

objetivo era captar o modo como esses sujeitos lidam com as representações sociais da morte e do suicídio no âmbito da comunidade escolar.

Mas a pandemia impôs à realidade a necessidade de manter o distanciamento social e a suspensão das aulas presenciais. Sendo assim, em vez de tentar descobrir o modo como a comunidade escolar lida com as representações sociais do suicídio, o foco da investigação passou a ser os jovens. A ideia é coletar informações para auxiliar no entendimento sobre o modo como os jovens elaboram essas representações sociais, seja através de atividades escolares ou de relatos espontâneos que apresentam traços de ideação suicida.

Os materiais produzidos por estudantes do ensino médio das escolas estaduais de Piraquara se tornaram o principal material dessa análise. Assim, este objeto de estudo contém também um conjunto de materiais não escolares produzidos por esses estudantes em suas redes sociais, bilhetes, pichações e outros materiais que tomei conhecimento durante a pesquisa. A privacidade e o anonimato dos estudantes e desses materiais foi assegurando em todas as etapas desta pesquisa e posterior a ela.

Os dados secundários foram obtidos em fontes diversas: literatura, *site* do Ministério da Educação, Ministério da Saúde, Secretaria do Estado de Educação do Paraná, Prefeitura Municipal de Piraquara, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) e redes sociais.

Na tentativa de compreender as representações sociais do suicídio elaboradas por esses estudantes, todos esses dados foram considerados.

A observação participante ocorreu em meu ambiente de trabalho durante o ano de 2019. Isso permitiu certa integração com os sujeitos pesquisados – sem esquecer que eu, o pesquisador, não sou parte da pesquisa, embora esteja consciente de que também fui observado na medida em que observei os participantes e as representações que produzem sobre a morte e sobre o suicídio.

Desse modo, segundo Valladares (2007, p. 153-154), a obra de Foote Whyte demonstra que “a observação participante exige, sim, uma cultura metodológica e teórica”. Logo, a observação participante pode ser um instrumento valioso na análise de um fato social e permite compreender aspectos que não seriam demonstrados por uma pesquisa quantitativa.

Tendo como base a pesquisa qualitativa, fundamentada em uma metodologia

associada diretamente à observação participante, os dados coletados foram confrontados com o objetivo de analisar o modo como esses(as) estudantes estabelecem suas representações sobre a morte, mas principalmente sobre o suicídio.

Esta abordagem difusa também contribuiu para melhor compreensão sobre como a comunidade escolar se relaciona com essas representações em seu interior e, principalmente, ponderar sobre estratégias metodológicas que permitam desconstruir o tabu existente sobre o suicídio, uma vez que a OMS estabelece que uma das formas de combatê-lo e de preveni-lo é o diálogo. No entanto, isso precisa ser feito da maneira correta, para que não resulte no efeito contrário.

Para facilitar a exposição e a análise dos materiais, eles foram agrupados da seguinte maneira:

- 1) materiais dirigidos: atividades didáticas elaboradas por mim, previstas nos documentos oficiais e que resultaram de forma direta ou indireta em um contato com a temática do suicídio;
- 2) materiais espontâneos: produzidos pelos estudantes de maneira autônoma e que não possuem relação com os conteúdos escolares.

Ressalta-se, novamente, que em função das mudanças na pesquisa, ampliou-se o recorte temporal dessas atividades. Ou seja, também estão contemplados os materiais dirigidos desde o ano de 2016, conforme será detalhado no próximo item.

2.3 O MATERIAL DA PESQUISA

O material de pesquisa é composto por quatro atividades didáticas (dirigidas) – Vida e Morte, Relicários, Escrita Coletiva e Festival do Minuto – elaboradas por mim e um conjunto de conteúdos autônomos extracurriculares (espontâneos).

A primeira atividade foi aplicada em 2016, em uma escola localizada na região central da cidade de Piraquara, para os estudantes do 1º ano ensino médio. A atividade tinha como objetivo trabalhar o conteúdo estruturante⁶ de teoria do conhecimento, definido pelas Diretrizes Curriculares da Educação Básica da disciplina de filosofia da seguinte forma:

Constituída como campo do conhecimento filosófico de forma autônoma apenas na Idade Moderna, a teoria do conhecimento se ocupa de modo

⁶ Modo como a SEED-PR nomeia os conteúdos essenciais que devem ser trabalhados em cada disciplina.

sistemático com a origem, a essência e a certeza do conhecimento humano. Basicamente, aborda questões como: • Critérios de verdade – O que permite reconhecer o verdadeiro? • Possibilidade do conhecimento – Pode o sujeito apreender o objeto? • Âmbito do conhecimento – Abrange ele a amplitude do real ou se restringe ao sujeito que conhece? • Origem do conhecimento – Qual é a fonte do conhecimento? Em contato com as questões acima e ao deparar-se com a realidade que o cerca, o estudante do Ensino Médio pode exercer a atividade filosófica ao tentar encontrar caminhos e respostas diferentes para elas. Além de evidenciar para o educando os limites do conhecimento, este conteúdo lhe possibilita perceber fatores históricos e temporais que influíram na sua elaboração e assim retomar problemáticas já pensadas na perspectiva de novas soluções relativas a seu tempo (PARANÁ, 2008, p. 57).

Esta atividade foi realizada próximo ao final do ano letivo de 2016 e tentou demonstrar para os estudantes o modo como o mesmo conceito pode ser abordado por perspectivas distintas. Em seguida, cada estudante produziu duas fotografias: a primeira precisaria expressar o conceito de vida e a segunda o conceito de morte.

Esta atividade resultou em um banco de imagens com 23 fotografias – um número significativo quando se considera que alguns estudantes já haviam alcançado a nota para a aprovação para o ano seguinte e optaram por não realizar a tarefa.

No mês de setembro de 2018, início do 3º trimestre, a mesma atividade foi aplicada para os estudantes do 3º ano do ensino médio, em três escolas localizadas em regiões distintas da cidade. Nesse momento o conteúdo estruturante abordado na disciplina de Filosofia foi a Estética e não mais o conteúdo estruturante da Teoria do Conhecimento.

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Filosofia definem a Estética da seguinte forma:

A atitude problematizadora e investigativa, característica da Filosofia, volta-se também para a realidade sensível. Compreender a sensibilidade, a representação criativa, a apreensão intuitiva do mundo concreto e a forma como elas determinam as relações do homem com o mundo e consigo mesmo, é objeto do conteúdo estruturante Estética.

Voltada principalmente para a beleza e à arte, a Estética está intimamente ligada à realidade e às pretensões humanas de dominar, moldar, representar, reproduzir, completar, alterar, apropriar-se do mundo como realidade humanizada.

Na contemporaneidade, a Estética nos conduz para além do império da técnica, das máquinas e da arte como produto comercial, ou do belo como conceito acessível para poucos, na busca de espaço de reflexão, pensamento, representação e contemplação do mundo.

Aos estudantes do Ensino Médio, a Estética possibilita compreender a apreensão da realidade pela sensibilidade, perceber que o conhecimento não é apenas resultado da atividade intelectual, mas também da imaginação, da intuição e da fruição, que contribuem para constituir sujeitos críticos e criativos (PARANÁ, 2008, p. 59).

Esta atividade tinha como objetivo central ilustrar para os estudantes o modo como o conhecimento poderia se voltar para a realidade sensível a partir de uma representação criativa dos conceitos de vida e morte.

A participação dos/das estudantes foi muito expressiva e resultou em um banco de imagens composto por 194 fotografias que representam os conceitos de vida e morte.

Se considerarmos os anos de 2016 e 2018, o banco de imagens é composto por 222 fotografias que podem ser organizadas conforme TABELA 3:

TABELA 3 – BANCO DE IMAGENS: REPRESENTAÇÕES DE VIDA E MORTE

REPRESENTAÇÕES DE VIDA E MORTE	TOTAL
Alimentação e bem-estar	07 fotos
Cemitério	10 fotos
Ciclos/etapas	09 fotos
Cotidiano/Rotina	03 fotos
Crianças	07 fotos
Diversas	01 foto
Família	02 fotos
Natureza	96 fotos
Pets/Animais aleatórios/Animais de estimação	07 fotos
Religiosos: Cerimônias e eventos	09 fotos
Suicídio	04 fotos
Tecnologia	09 fotos
Vegetarianismo/Veganismo	10 fotos
Vícios	20 fotos

FONTE: O Autor (2016 – 2018).

O maior grupo, a Natureza, totalizou 96 fotografias, sendo 47 delas retratando a vida, enquanto as outras 49 retratavam a morte. Todas essas representações sociais sobre a vida e a morte que foram compostas por elementos da natureza tinham como elementos: paisagens, flores, árvores e frutos, o que demonstra uma desassociação da vida com a humanidade.

As fotos que associaram o conceito de morte ao Suicídio constituem aproximadamente 1,8% do total de imagens produzidas.

As fotografias sobre a vida e a morte que foram produzidas pelos estudantes em 2016 e 2018 podem ser organizadas da seguinte maneira:

- 1) alimentação e bem-estar: sete fotografias. Três associadas à vida e às práticas esportivas e duas aos hábitos saudáveis de alimentação. Já a morte é representada por uma fotografia associada a uma alimentação gordurosa e uma fotografia que remete à falta de exercícios físicos;

- 2) cemitérios: dez fotografias. Oito delas representando a morte pela imagem de túmulos. O restante é composto pelas imagens de uma senhora circulando entre os túmulos e de um carro fúnebre;
- 3) ciclos / etapas: nove fotografias. Quatro comparam as diferentes etapas do ciclo de vida humana; três retratam o apodrecimento dos elementos como algo “natural”; uma compara o tamanho de dois cachorros – evidenciando com ela o ciclo da vida – e, por fim, uma imagem composta por diversas fotografias de pessoas que já faleceram;
- 4) cotidiano: composto por três fotografias relacionadas ao trânsito. Duas representando a morte (acidente e congestionamento) e uma representando a vida (viagem);
- 5) crianças: sete fotografias. Todas escolhidas para representar a vida;
- 6) diversas: uma fotografia de duas tatuagens do próprio estudante que em conjunto compõem o equilíbrio entre a vida e a morte;
- 7) família: duas fotografias e que foram escolhidas para representar a vida;
- 8) natureza: maior grupo, totalizando noventa e seis fotografias autorais que comparavam a relação entre a vida (quarenta e sete fotos) e a morte (quarenta e nove fotos). A vida é representada por paisagens, por uma flor, por plantas e árvore vivas, ou frutos em bom estado, enquanto a morte é representada pela natureza morte e em decomposição. Foram encaminhadas duas imagens retiradas da *internet* que fazem comparação com os dois lados da mesma árvore: lado esquerdo associando-a à morte e à escuridão, e o lado direito associando-a à vida e a cores vibrantes;
- 9) pets: sete fotografias de animais. cinco representam a vida e duas representam a morte: um gato dormindo e pássaro engaiolado;
- 10) religioso: nove fotografias que relacionam a vida com um relacionamento com deus e a morte à escolha de não seguir seus ensinamentos;
- 11) suicídio: três fotografias que encenam um suicídio. Uma imagem foi retirada da internet com o objetivo de representar vida e morte em uma única imagem, nesta imagem a morte está vinculada ao suicídio.
- 12) tecnologia: nove fotografias. Dentre elas, quatro relacionam a vida ao funcionamento adequado da tecnologia e à conservação dos instrumentos tecnológicos, enquanto as outras cinco relacionam a morte com a falta de conservação ou pelo funcionamento inadequado da tecnologia;

- 13) vegetarianismo/veganismo: conjunto de oito fotografias. A vida é representada pelo bem-estar animal, enquanto a morte é representada pelo consumo de proteína de origem animal;
- 14) vícios: grupo composto por vinte fotografias que representam a morte, sendo onze delas associadas ao consumo de cigarro, seis ao consumo de bebida alcóolica e três ao consumo de drogas ilícitas.

A segunda atividade proposta aos estudantes foi totalmente inspirada em uma atividade coordenada pela professora Ana Luisa Fayet Sallas durante um curso de extensão universitária em 2019 (informação verbal)⁷. A proposta era que os participantes escolhessem 10 fotografias que contassem uma história de suas vidas e compartilhar com os colegas do curso. Adaptei esta atividade para ser aplicada na disciplina de Filosofia com o objetivo de trabalhar o conteúdo estruturante de Estética com os estudantes das sete turmas de 3º ano que lecionei no ano de 2019.

Os(as) estudantes deveriam escolher uma história de suas vidas que gostariam de compartilhar com seus colegas de turma. Em seguida, trabalhariam na atividade ao longo do 3º trimestre e, ao final, a exposição dos trabalhos aconteceria na forma de um relicário entre o final do mês de novembro e início do mês de dezembro de 2019. Considerei que esta seria uma ótima forma de celebrar o encerramento dessa etapa de suas vidas e que todos(as) escolheriam histórias que resultassem em finais felizes.

A atividade foi dividida em etapas distintas e constituíam parte do processo avaliativo. Na primeira etapa os(as) estudantes deveriam elaborar um esboço da história que pretendiam contar através de seus relicários; na segunda etapa deveriam escrever um texto que contasse sobre os objetos selecionados e o modo como eles se relacionavam com a história que pretendiam contar; na terceira e última etapa aconteceria a exposição dos relicários produzidos pelos(as) estudantes.

A primeira e segunda etapa da atividade não poderia ser compartilhada previamente com os colegas – justamente para garantir que as interpretações dos relicários ocorressem de maneira livre e independente, sem interferência dos autores. Ao contrário, a atividade deveria ser entregue apenas para o professor.

O Festival do Minuto é a terceira atividade que compõe os materiais analisados nesta pesquisa. A atividade foi produzida de maneira interdisciplinar pelas

⁷ Curso de extensão universitária em INTRODUÇÃO AOS MÉTODOS DE PESQUISA: escola do conhecimento, realizado na Universidade Federal do Paraná, UFPR, Brasil.

disciplinas de Filosofia, Geografia, Artes e Língua Portuguesa em uma escola da região central da cidade de Piraquara, com o objetivo de estimular os estudantes a produzirem algo para ser apresentado durante a Semana do Conhecimento, em novembro de 2019.

A ideia era que o Festival do Minuto fosse composto por vídeos curtos, de um minuto de duração, produzidos por estudantes do ensino noturno. Cada turma deveria ser coordenada pelo professor representante, o qual seria responsável pela organização da atividade, avaliação e repasse das notas para os demais professores envolvidos no projeto interdisciplinar. Fiquei responsável pela atividade em uma turma do 3º ano do ensino médio. Optamos por dividir as turmas em grupos que deveriam escolher livremente os temas que abordariam em seus vídeos.

O trabalho resultou em vídeos com temáticas diversas, entre eles: apresentação da cidade para turistas, assédio, bullying, violência, o mistério sobre um assassinato e um vídeo que representou uma pessoa deprimida e seu suicídio.

Muitas das histórias apresentadas de fato retratavam vitórias, objetivos alcançados e momentos felizes. Mas os relicários também trouxeram histórias com finais infelizes, histórias de perdas, de abusos sexuais, de morte e de doenças. Isso foi algo impactante em todas as turmas.

Ao término da atividade, os estudantes que optaram por compartilhar essas experiências relataram que a atividade foi libertadora, produziu um efeito catártico, permitiu ressignificar a experiência traumática e, simultaneamente, contribuiu para que seus colegas os conhecessem melhor.

A escrita coletiva é a quarta atividade que compõe os materiais que foram produzidos nas aulas de Filosofia. Essa atividade foi realizada no mês de setembro com a totalidade das turmas nas duas escolas em que lecionei nesse período. Os conteúdos estruturantes específicos foram orientados para cada etapa de formação.

Os estudantes deveriam produzir uma história a partir das músicas (APÊNDICE 1) que foram entregues para cada grupo. A cada 10 minutos, as músicas trocavam de grupo e a história deveria seguir incorporando os novos elementos ao texto que já estava em produção. Foram necessárias duas aulas em cada turma para finalizar esta etapa.

No 1º ano, a análise do texto coletivo foi produzida com foco na teoria do conhecimento e na coerência e lógica interna da produção. No 2º ano, a análise buscou aprofundar as questões éticas vinculadas à liberdade e à responsabilidade

social. No 3º ano, a análise se voltou para a questão estética e para percepção da realidade através do mundo sensível.

Na terceira e quarta aula dessa atividade cada grupo deveria ilustrar seu texto com desenhos e/ou colagens. O resultado final (texto + ilustração) foi socializado com a turma na quinta aula desta atividade e o melhor trabalho em cada turma foi agraciado com uma caixa de chocolate – uma surpresa para os estudantes que até então desconheciam a possibilidade de serem premiados.

A quinta e última fonte de materiais que compõem esta pesquisa são produções espontâneas dos estudantes das escolas estaduais de Piraquara. Entre elas estão postagens nas redes sociais, desabafos em provas, cartas contendo ideação suicida e planejamento. Enfim, a experiência de estudantes que tentaram suicídio em algum momento de suas vidas.

2.4 VIDA E MORTE: CONCEITOS EM DISPUTA

Esta seção é o resultado direto das provocações e questionamentos que foram apresentados na defesa da dissertação da Chari⁸, na qual eu estava presente como ouvinte, e também à minha pesquisa durante as sessões de pré-qualificação e qualificação. Novamente fui levado a repensar meu objeto de pesquisa e tentar desenvolver uma escrita que tomasse como ponto de partida as produções desses estudantes. Como fazê-lo?

Minha pesquisa e a da Chari estão diretamente relacionadas. Ela estuda o corpo e o modo como ele é cerceado no espaço escolar. Enquanto isso, eu me dediquei a estudar sobre as representações sociais do suicídio elaboradas por jovens estudantes na cidade de Piraquara-PR. Embora aparentemente possa não existir uma relação direta, esta relação é evidenciada quando consideramos o conceito de vida e morte que regem esses jovens e que permeiam toda comunidade escolar. Além disso, em uma análise mais profunda é possível compreender, a partir da perspectiva defendida por Ingold (2019), que a vida é movimento, enquanto a morte resulta de uma estagnação.

⁸ NOBRE, Chari Meleine Brevers Gonzalez. **Corpografia**: experiência docente e estudantil do corpo em ação em aulas de Sociologia. 2020. 185 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

No ano de 2019, realizei uma atividade com meus estudantes do ensino médio na qual eles deveriam escrever um texto sobre a vida e a morte. Essa atividade resultou em 189 textos produzidos. Embora a temática englobasse os conceitos de vida e morte, o termo “vida” foi mais recorrente e é descrito nos textos como algo sublime, repleto de sentimentos e experiências.

A morte é apresentada como algo oposto à vida, algo amedrontador, um fato repentino ou como a libertação da alma.

Com o intuito de exemplificar os conceitos apresentados, foram selecionados e transcritos⁹ alguns textos (ANEXO 1)¹⁰:

Transcrição de TEXTO 1 – Atividade “Vida e morte”: “A VIDA E A MORTE”:

O QUE É A VIDA? A VIDA PARA MIM É O CONTRÁRIO DA MORTE, A VIDA TEM VÁRIAS CARACTERÍSTICAS COMO EXPRESSAR SENTIMENTOS COMO ALEGRIA E FELICIDADE A VIDA TE DÁ RAZÕES PARA VIVER COMO NAMORAR, CASAR, COMER, JOGAR OU CRIAR UMA FAMÍLIA OU SEJA HÁ VIDA TE DÁ CHANCES PARA VOCÊ FAZER O QUE QUIZER. ENTÃO ISSO TORNA A VIDA UNICAMENTE BOA OU RUIM DE ACORDO COM SUAS DECISÕES, A VIDA TE DÁ O LIVRE ARBITRÁRIO.

A MORTE NÃO TE DÁ OPÇÕES COMO A VIDA DÁ, A MORTE É SEM GRAÇA, A MORTE SÓ TE, UMA OPÇÃO QUE É CONTINUAR MORTO, A MORTE É O FIM DA VIDA MAS ELA É UMA OPÇÃO ENQUANTO HÁ VIDA.
(ANEXO 1, Acervo pessoal. Texto escrito por um aluno do 3º ano noturno, 2019).

Transcrição de TEXTO 2 – Atividade “Vida e morte”: “A VIDA E A MORTE”:

A morte, tema tão amedrontador, quanto curioso, pois ninguém sabe como realmente funciona, se existe algo após ela, e é isso que causa tanto medo quando se trata desse assunto.

Nós seres humanos não gostamos da ideia de enfrentar algo novo, sem o conhecer primeiro, como a morte, mas talvez a mesma possa ser algo bom, pois com ela se vai todas as coisas ruins que nos perseguem, coisas que todos nós gostaríamos de nos livrar.

Já a vida como todos sabemos é uma coisa boa, pois quem está vivo não quer morrer. Pois com a vida conseguimos fazer o que nos deixa feliz, nos deixa ficar ao lado de pessoas que amamos, por isso não queremos conhecer a morte.

Mas também é por estarmos vivos que temos tantas coisas ruins que nos invadem, que nos deixam tristes e deprimidos, e é por conta desses problemas que talvez a morte não seja uma coisa tão amedrontadora.
(ANEXO 1, Acervo pessoal. Texto escrito por uma aluna do 3º ano noturno, 2019).

⁹ O estilo de escrita de todos dos estudantes foi preservado em todas as reproduções em sua íntegra, ou seja, foram preservados os erros ortográficos, bem como a não diferenciação entre maiúsculas e minúsculas que o texto original foi escrito em caixa alta, por considerar que o estilo de escrita revela muito sobre o próprio autor. Isso serve para TODAS as transcrições daqui em diante.

¹⁰ Os textos originais foram digitalizados e alocados no ANEXO 1 – IMAGENS TRANSCRITAS e ANEXO 2 – PRODUÇÃO TEXTUAL SOBRE A VIDA E A MORTE: TRANSCRIÇÃO DOS TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ESTUDANTES.

Transcrição de TEXTO 3 – Atividade “Vida e morte”: “VIDA E MORTE”:

Ultimamente tenho me perguntado muito sobre esse assunto, como pode em um dia a pessoa estar bem e junto a nos, e no outro ela simplesmente deixar de existir. Me questiono muito. Minha avó faleceu a pouco tempo e o que mais queria é que ela estivesse viva e com saúde, mas sei que foi melhor para ela, a dor que ela sentia não desejaria a ninguém.

Penso que temos tantos problemas, julgamos tanto e quando uma coisa assim acontece queremos tantas respostas e nem sem as encontramos.

Já a vida é algo sublime.

(ANEXO 1, Acervo pessoal. Texto escrito por uma aluna do 3º ano noturno, 2019).

Transcrição de TEXTO 4 – Atividade “Vida e morte”: “EXPLICAÇÃO SOBRE A VIDA E A MORTE”:

A VIDA: *Pra mim, a vida é uma sessão onde os seres humanos podem sentir, reproduzir, sonhar e aprender. A vida pode ser uma experiência, uma passagem ou até um teste que algum ser onisciente, onipresente e onipotente esteja nos passando. Um teste espiritual talvez, mas, o principal objetivo é sentir e ser sentido, sair da zona de conforto e viver de verdade.*

A MORTE: *A morte, seria a parada que nossa alma ficaria livre, e em paz. Ao passar no “teste” poderia seguir livre no universo. Seguindo a ideia de um “DEUS”, seguiria para o “PARAÍSO”, ou para o “SOFRIMENTO”, ou poderíamos sumir junto com o universo, viraríamos pó e tudo acabaria.*

(ANEXO 1, Acervo pessoal. Texto escrito por um aluno do 3º ano noturno, 2019).

Ao analisarmos os textos, fica evidente que o conceito de vida e de morte não é algo apaziguado. Pelo contrário, ele está em disputa.

Os textos apontam que as representações sociais de vida e de morte são influenciadas por convicções religiosas, ensinamentos de seus pais e até mesmo por um tipo de ceticismo, embora a argumentação tenha eventualmente sido construída de forma contraditória e confusa.

Uma parte desse material foi transcrita e alocada no ANEXO 2.

Contudo, antes de analisar e refletir sobre esse material, será necessário abordar de maneira teórica o tema da morte em geral, e do suicídio em especial, bem como o conceito de representação social.

3 AS REPRESENTAÇÕES DA MORTE E DO SUICÍDIO NO OCIDENTE

A morte está diretamente ligada à existência. Pensar sobre a morte implica pensar sobre a vida e vice-versa. Destarte, tudo que nasceu um dia irá morrer e a humanidade não escapa desta regra.

Parafraseando Bourdieu (apud A SOCIOLOGIA, 2001), é possível afirmar que o conceito de vida e de morte se fazem presentes em um campo de batalha. É objeto em disputa por diversas vertentes: pela ciência, que tenta estabelecer o ponto exato em que um ser toma vida ou morre; pela religiosidade cristã, que fundamenta a existência humana em uma origem divina e fundamenta a morte ou na possibilidade de um reencontro com uma entidade ou na punição eterna; pela ideia de ancestralidade e de continuidade, como defendida por alguns povos nativos do Brasil; ou pela antropologia, que ensina de a vida é movimento, enquanto a morte resulta de uma estagnação, perspectiva defendida por Ingold (2019).

A disputa pelo veredicto é árdua e ainda não se findou. Mas a partir do momento em que a humanidade toma consciência de sua finitude, ela estabelece uma série de rituais que determinam o modo de enfrentar a morte.

Ariès (2017) descreve diversos estágios da relação entre vida e morte na história ocidental. Num primeiro momento, a morte é tida como algo natural. Mas ao longo da história ela passa por inúmeras transformações sociais ao ponto de se tornar um assunto interdito.

Segundo Epicuro (2002) o temor que enfrentamos diante da possibilidade de morrer é uma contradição lógica, já que quando a tememos ela não nos atinge e, quando ela finalmente nos atinge, já não pode nos fazer sofrer. Então por que a morte é capaz de despertar tantas emoções?

Ainda segundo Epicuro (2002), a humanidade se move em direção ao prazer, tentando evitar sempre a dor. No entanto, muitas pessoas encontram no suicídio a única forma de escapar da dor. E é nesse ponto que chegamos à perspectiva de Camus (2018), que considera o suicídio como o único problema filosófico realmente sério.

Compreender o modo como encaramos a morte ajuda a entender como encaramos a vida. Nessa medida, falar sobre a morte é, também, falar sobre a vida.

A morte torna-se algo temido na medida em que demonstra nossa finitude e nossa incapacidade de concretizar todos os nossos planos, sonhos e metas. Enfim,

tudo aquilo que foi idealizado e pode não ser efetivado. A morte se tornou um tabu (ARIÈS, 2017) e gera preocupação não somente quando diz respeito à nós mesmos, mas ao outro também – já que nos tornamos dependentes emocionalmente dos que estão próximos a nós.

Por conseguinte, a morte não é apenas temida: ela agora é interdita. E, como tal, deve se restringir aos ambientes reservados e controlados. Ela deixa de ser algo público para se tornar parte da esfera privada. Os sentimentos, agora, diante dela, não devem chegar às outras pessoas. Torna-se um tabu, um assunto proibido.

O tabu parece ser ainda maior quando o assunto é o suicídio, que cresce cada vez mais entre os jovens. Segundo Durkheim (2014), o suicídio é um “fato social” e cada povo possui uma tendência própria ao suicídio. Logo, é importante investigar os fatores sociais que influenciam no crescimento do número de casos de suicídio em qualquer objeto de estudo.

Durkheim (2014) tentou identificar as causas sociais e os tipos de suicídio, pois acreditava que, ao conhecer suas causas, poderia reduzir seus efeitos. A pergunta central na obra de Durkheim está associada à identificação das situações nos diferentes grupos sociais (religião, família, sociedade política, grupos profissionais), em função dos quais o suicídio varia. Para ele, a coesão social é um fator determinante na prevenção do suicídio e a religião atua como uma profilaxia – desde que estabeleça vínculos ou laços sociais significativos. Isto significa, portanto, que quanto mais laços sociais fortes o indivíduo estabelecer, menores serão as suas chances de efetivar o ato.

O fato social, na perspectiva do autor, deve ser tratado como uma coisa que existe independentemente da vontade individual:

Os fatos sociais têm uma existência independente dos fatos individuais. São exteriores às consciências individuais, existem nas partes porque antes existem no todo. E é isso que os diferencia dos objetos da psicologia (DURKHEIM, 1987, p. 11).

Enquanto coisa, o fato social é desconhecido e ignorado. Somente uma análise com objetividade, que parte do exterior, é que o tornará conhecido.

Ao tomar a morte e o suicídio como fatos sociais, é possível afirmar que eles são objetos socialmente construídos e, como tal, se tornam objetos de investigação sociológica. Uma das formas de analisá-los é por meio das representações sociais elaborados por um determinado grupo social, posto que estas, segundo Horochovski

(2004, p. 92), atuam “como instrumento de pesquisa que permite entender as concepções dos grupos e atua como uma das formas de compreender as mudanças e permanências promovidas socialmente”.

Para isso, é importante ter nota de que a relação do ser humano com a morte passou por diversas etapas, sistematizadas por Ariès (2017) da seguinte maneira:

- morte domada: a morte é naturalizada, ou seja, ela é parte do ciclo natural da vida;
- morte de si mesmo: na medida em que a humanidade reconhece sua própria finitude, passa a ser necessário uma preparação para a morte no encontro da paz;
- morte selvagem: a morte desperta medo, é incontrolável e selvagem; a relação que até então era apaziguada torna-se aterrorizante;
- a morte do outro: o luto é doloroso. As pessoas que acompanham o moribundo em sua partida tornam-se mais ativas no processo; os sobreviventes passam a ter mais dificuldades ao lidar com a morte do outro; a morte do outro passa a ser temida, uma vez que a morte do moribundo ganha um novo significado;
- a morte interdita: esta é a etapa atual em que a humanidade se encontra, na perspectiva do historiador francês. A morte passou a ser tratada de maneira velada e as emoções associadas a ela devem se limitar ao velório, ao lugar da morte. As crianças e os mais jovens devem ser impedidos de participar do ritual como uma forma de preservá-las. Um véu é colocado sobre o tema e a relação com morte deixa de ser algo que acontecia nas casas para deslocar-se para outros lugares.

A FIGURA 4 mostra um mapa conceitual da sistematização do autor:

FIGURA 4 – A HUMANIDADE E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MORTE AO LONGO DA HISTÓRIA.



IMAGEM INSPIRADA NA OBRA DE ARIÈS (2017) - HISTÓRIA DA MORTE NO OCIDENTE DA IDADE MÉDIA AOS NOSSOS DIAS

FONTE: Mapa conceitual criado a partir da obra de Ariès (2017). Descrição das etapas que a humanidade vivenciou em sua relação com a morte.

Em “A solidão dos moribundos”, Elias (2001) faz uma crítica a Ariès (2017) afirmando que sua obra é uma ótima compilação de fatos históricos, mas que não explica nada. Este erro decorreria do fato de tomarmos uma única obra como verdade. Além disto, Elias (2001) questiona o modo como Ariès retrata a morte, mas concorda que o tema era discutido mais abertamente, embora isto não significasse que o tema era mais apaziguado.

O medo diante da morte afligia ricos e pobres. Aos pobres restava rezar e se arrependar, enquanto os ricos sustentavam as igrejas e os mosteiros como forma de assegurar a sua tranquilidade quando a morte chegasse.

Para Elias (2001), Ariès não deveria ter desconsiderado em suas análises o medo que a igreja espalhava em relação à morte e à possível condenação da morte ao inferno.

Pois, nessa perspectiva, a maneira de lidar com a morte é resultado direto do processo civilizador e, a partir da Idade Média, a maneira como lidamos com ela passou por transformações significativas. Tais transformações nos conduziram aos dias atuais e ao modo como a percebemos.

A morte era um evento público. As moradias eram aglutinantes (muitas pessoas habitavam um pequeno espaço), a vida (nascimento) e a morte eram parte de um ciclo que constituíam aspectos animais da vida humana.

O autor afirma que, na medida em que a criança toma consciência de sua finitude e dá espaço para sua imaginação, ela estabelece uma relação benéfica com a morte, pois vivencia essa experiência: “Antigamente, as crianças também estavam presentes quando as pessoas morriam. Onde quase tudo acontece diante dos olhos dos outros, a morte também tem lugar diante das crianças” (ELIAS, 2001, p. 15).

Na sociedade ocidental atualmente existe, em contrapartida, uma tentativa de preservar as crianças em relação aos fatos conexos com a morte.

Mas o perigo para as crianças não está em que saibam da finitude de cada vida humana, inclusive a de seu pai, sua mãe e de sua própria; de qualquer maneira as fantasias infantis giram em torno desse problema, e o medo e a angústia que o cercam são muitas vezes reforçados pelo poder intenso de sua imaginação. A consciência de que normalmente terão uma vida longa pela frente pode ser, em contraste com suas perturbadoras fantasias, realmente benéfica (ELIAS, 2001, p. 15).

Na medida em que a criança é preservada da experiência da morte, ela não toma consciência de sua existência finita.

Segundo Elias, essas transformações podem ser melhor compreendidas através do ‘processo civilizador’, o qual pode ser entendido da seguinte forma:

No curso de um processo civilizador, mudam os problemas enfrentados pelas pessoas. Mas não mudam de uma maneira desestruturada, caótica. Examinando de perto, detectam uma ordem específica, mesmo na sucessão de problemas sociais que acompanham o processo. Esses problemas também têm formas que são específicas de seu estágio particular (ELIAS, 2001, p. 14).

É importante ressaltar que a reflexão de Elias se refere às sociedades ocidentais e que nelas, antigamente, falava-se mais abertamente sobre a morte. Hoje em dia, muitas vezes, não se fala sobre a morte, pois ela é vista como algo sombrio e repugnante.

Em outro momento, a exortação sobre a morte estava associada às coisas do cotidiano ou à brincadeira, hoje ela exige um tom mais solene e distante.

[...] No registro dos sentimentos contemporâneos dificilmente encontramos qualquer coisa que corresponda a essa mistura de funéreo e irreverente, essa

Elias descreve que o modo como as gerações anteriores lidavam com a morte já não é válido para os mais jovens. Atualmente, vivenciamos um momento de transição em que o velho já não serve mais e o novo processo ainda não se estabeleceu.

Nessa etapa do processo civilizatório predomina a informalidade entre as pessoas e qualquer tipo de clichê é encarado com desconfiança. Sendo assim, a comunicação sem a utilização dos clichês habituais resultou na indisposição de muitas pessoas em expressarem ou demonstrarem emoções fortes em público. Se a experiência do luto se tornou algo exclusivamente privado, é porque há uma expectativa de que as emoções sejam contidas.

[...] Os rituais seculares foram esvaziados de sentimentos e significados; as formas seculares tradicionais de expressão são pouco convincentes. Os tabus proíbem a excessiva demonstração de sentimentos, embora eles possam acontecer. [...] O crescente tabu da civilização em relação a expressão de sentimentos espontâneos e fortes trava suas línguas e mãos. E os vivos podem, de maneira semiconsciente, sentir que a morte é contagiosa e ameaçadora: afastam-se involuntariamente dos moribundos (ELIAS, 2001, p. 21)

Para Elias, o discurso sobre a morte se transformou. Enquanto em outras épocas os poetas falavam sobre a morte abertamente, atualmente as empresas fúnebres vendem seus serviços omitindo a morte, pois entendem que, para a clientela, falar sobre a morte é algo de mal gosto.

De acordo com Elias, quando usamos a expressão “os mortos”, é como se estivéssemos atribuindo uma existência para além da memória aos que já se foram. Para ele, é muito importante que a humanidade compreenda que o sentido de tudo o que fazemos só existe nas gerações futuras, na continuação da própria humanidade.

Desse modo, a existência humana só faz sentido em sua coletividade. Mas atualmente, na sociedade ocidental, muitas pessoas se recusam a enfrentar sua própria finitude. Se isolam e, ao fazê-lo, a existência humana se torna absurda. Essa tomada de consciência – de que o indivíduo está totalmente sem lugar no mundo –, seria o que Camus (2018) aponta como o fator determinante para que alguém dê fim a sua própria existência.

Neste contexto, quando a humanidade descobre sua própria finitude, surge uma necessidade de combatê-la e, com isso, a imaginação assume um lugar de protagonismo que pode desempenhar ou produzir consequências indesejadas nas

gerações futuras na medida em que oculta nossa própria finitude, cria a ideia de uma existência eterna em algum outro lugar ou, ainda, cria fantasias sobre a nossa própria imortalidade. É por meio dessas fantasias que somos capazes de criar uma série de planos e metas que traçamos, como forma de atribuir sentido à nossa existência individual. Mas, ao fazê-lo, estabelecemos uma existência frustrada.

Outra característica determinante para a condenação da imaginação, em relação às crianças, está no fato de que para elas a distinção entre fantasia e realidade nem sempre é apropriada.

[...] Além disso, as crianças pequenas não podem distinguir de maneira apropriada entre o desejo de agir e o ato realizado, entre as fantasias e a realidade. O surgimento espontâneo do ódio e dos desejos de morte têm para eles poder mágico, o desejo de matar mata (ELIAS, 2001, p. 25).

A experiência da morte ainda desperta experiências “mágicas” que vão contra a realidade, pois o sentimento de culpa e medo ainda nos assombra.

Nossa sociedade constantemente tenta encobrir a nossa finitude – principalmente das crianças, ao apresentá-las ideias coletivas acalentadoras como: “seu avô está no céu agora”.

3.1 A MORTE INTERDITA

Elias (2001) e Ariès (2017) identificaram diferentes modos pelos quais a morte se tornou interdita. Enquanto para o primeiro a morte faz parte do processo civilizador e é deslocada para os bastidores da vida normal, para o segundo ela representa uma etapa em que a humanidade se encontra agora, na qual a morte passou a ser tratada de maneira velada e as emoções associadas a ela devem se limitar ao velório, ao lugar da morte. Embora por caminhos diferentes, ambos identificaram a existência de um tabu sobre a morte.

Ariès descreve que, nesta etapa, a sociedade entende que as crianças e os mais jovens são impedidos de participar do ritual, como uma forma de preservá-los. Um véu é colocado sobre o tema e a relação com morte deixa de ser algo que acontece somente nas casas para se deslocar para outros lugares.

Elias afirma que a imaginação é um risco para as gerações futuras e que não há nada de benéfico em afastar as crianças do contato com a morte, pois ela é inevitável.

De forma geral, contudo, o tabu que existia sobre a sexualidade foi desconstruído quando a centralização do poder ruiu e, concomitantemente, na mesma medida em que a sexualidade se tornou pública, a morte se estabeleceu como um tabu.

Atualmente, na sociedade ocidental, a morte é tratada com mais reverência do que a sexualidade, pois a primeira é o fim da existência humana, algo contra o qual não há remédio.

Pode-se supor que diferenças no grau de risco envolvido desempenhem um papel nessa questão. O perigo que a sexualidade irrestrita ou super-restrita representa é, pode-se dizer, um perigo parcial. [...] A morte é o fim absoluto da pessoa. Assim, a maior resistência a sua desmitologização talvez corresponda à dimensão do temor experimentado.

Mas ao refletir sobre tais questões não podemos ignorar o fato de que não é a própria morte que desperta temor e terror, mas a imagem antecipada da morte. Se eu caísse morto aqui e agora sem qualquer dor, isso não seria minimamente assustador para mim. Não estaria mais aqui, e, conseqüentemente, não sentiria o terror. O terror e o temor são despertados somente pela imagem da morte na consciência dos vivos. Para os mortos não há temor nem alegria.

Há, portanto, uma ligação fundamental entre os dois aspectos da vida discutidos antes. E ela pode ser facilmente ignorada. Tanto a sexualidade como a morte são fatos biológicos moldados pela experiência e pelo comportamento de maneira socialmente específica, isto é, de acordo com o estágio alcançado pelo desenvolvimento da humanidade, e da civilização como um aspecto desse desenvolvimento. [...]. Se percebemos que o determinante na relação das pessoas com a morte não é simplesmente o processo biológico desta, mas a ideia, em constante evolução e específica do estágio da civilização, que se tem dela e a atitude associada a isso, o problema sociológico da morte aparece com contornos mais claros. Torna-se mais fácil perceber pelo menos algumas das características específicas das sociedades contemporâneas, e das estruturas de personalidade associadas a elas, que são responsáveis pela peculiaridade da imagem da morte, e, portanto, pela natureza e pelo grau de recalcamento da morte em sociedades mais desenvolvidas (ELIAS, 2001, p. 29).

Epicuro afirmava que a morte não pode nos atingir: pois no momento em que a tememos ela não nos afeta e, quando ela finalmente nos atinge, já não pode nos fazer sofrer.

Mas Elias rebate afirmando que o que de fato desperta o temor não é a morte, mas a sua imagem antecipada. E isso é produzido pela imaginação que desperta terror e temor pela imagem da morte na consciência dos vivos.

Torna-se mais fácil perceber pelo menos algumas das características específicas das sociedades contemporâneas, e das estruturas de personalidade associadas a elas, que são responsáveis pela peculiaridade da imagem da morte, e, portanto, pela natureza e pelo grau de recalçamento da morte em sociedades mais desenvolvidas (ELIAS, 2001, p. 29).

Elias aponta uma série de características específicas das sociedades contemporâneas que seriam as responsáveis pela imagem da morte nestas sociedades, são elas:

- 1) o aumento da expectativa de vida que torna remota a possibilidade da morte de um jovem;
- 2) o distanciamento da ideia da morte por um período maior, quer seja pela interdição do tema, quer seja pelo não contato com o processo de morte de alguém próximo;
- 3) a experiência da morte como o estágio final de um processo natural, fato que alivia a angústia;
- 4) os avanços da medicina que permitiram, em muitos casos, retardar a chegada da morte e nos dá a esperança de que a ela conseguirá deixar a morte cada vez mais distante;
- 5) a possibilidade de visualizarmos nossa morte em um ambiente pacífico, de forma natural e após uma vida longa;
- 6) a morte violenta é vista como uma excepcionalidade (poder da imaginação);
- 7) alto grau e padrão específico de individualização¹¹.

A imagem da morte na memória de uma pessoa está muito próxima de sua imagem de si mesma e dos seres humanos prevaletentes em sua sociedade. Em sociedades mais desenvolvidas as pessoas em geral se veem como seres individuais fundamentalmente independentes, como mônadas sem janelas, como “sujeitos” isolados, em relação aos quais o mundo inteiro, incluindo todas as outras pessoas, representa o “mundo externo”. Seu “mundo interno”, aparentemente, é separado desse “mundo externo”, e, portanto, das outras pessoas, como que por um muro invisível (ELIAS, 2001, p. 33).

O conceito mônadas, utilizado por Elias, foi desenvolvido por Leibniz para retratar a menor unidade indivisível existente. No fragmento anterior, o conceito é utilizado para exemplificar o fato de que, nas sociedades modernas, as pessoas vivem

¹¹ Fato já questionado por Marx e por Durkheim que perceberam o processo de transição entre os laços societários e a individualização.

como sujeito isolados, ou seja, o seu mundo interno é separado do mundo externo (outras pessoas). A humanidade pode ser definida, então, como *homo clausus*, isto é, a humanidade fechada em si mesma, enclausurada.

[...] Mas a pesquisa sobre a morte — por razões que não são independentes da repressão social — ainda está num estado incipiente. Há ainda muito a fazer para uma melhor compreensão da experiência e das necessidades dos moribundos e da conexão entre tal experiência e tais necessidades, de um lado, e o modo de vida e autoimagem, de outro. De forma velada, com a ajuda de conceitos como “mistério” e “nada”, escritos existencialistas às vezes projetam uma imagem quase solipsista de um ser humano em agonia. O mesmo pode ser dito do “teatro do absurdo”. Seus expoentes também partem implicitamente — e às vezes explicitamente — da suposição de que a vida de uma pessoa, como a veem — isto é, a vida de um ser fundamentalmente isolado e hermeticamente segregado do mundo —, deve ter um sentido, e talvez mesmo um sentido predeterminado, apenas em si mesma e para si mesma. Sua busca pelo sentido é uma busca pelo sentido de uma pessoa individual em isolamento. Quando deixam de encontrar essa espécie de sentido, a existência humana lhes parece sem sentido; sentem-se desiludidos; e o vazio de sentido assim estabelecido para a vida humana geralmente encontra a seus olhos sua expressão suprema na constatação de que cada ser humano deve morrer (ELIAS, 2001, p. 33-34).

A reflexão filosófica buscou dar sentido à existência humana. Tomou como referência o indivíduo, esquecendo-se que ele não está isolado no mundo. Tomou a parte como um todo, mas não se ateuve a esse fato.

A revolução científica e tecnológica levou a humanidade a se conceber como seres divinos, *Homo Deuses* (HARARI, 2016), aos quais está associada a ideia de uma sociedade do desempenho, onde tudo é possível desde que você se esforce (HAN, 2017).

O sentido da existência humana não pode ser dado a partir do indivíduo. É preciso sair do universal para chegar ao particular, ou seja, é preciso sair da humanidade para chegar ao indivíduo, se desejamos compreender o sentido de nossa existência. “O sentido é uma categoria social; o sujeito que lhe corresponde é uma pluralidade de pessoas interconectadas” (ELIAS, 2001, p. 34).

Elias apresenta um argumento sobre como o sentido se construiu como algo tão significativo, ou seja, apresenta um argumento sobre o processo de construção social do sentido. A ideia de sentido aqui apresentada está ligada com a ideia de identificação. Por isso, quando o indivíduo não é capaz de encontrar o sentido da vida, ela perde seus atrativos.

Mas o que Elias está dizendo é que a ideia de sentido presume a ideia do outro, pois quando o indivíduo fala sobre o sentido da vida o outro precisa compreendê-lo.

O sentido é em geral tratado como mensageiro do mundo íntimo de um indivíduo enclausurado.

O resultado, a distorcida imagem de uma pessoa como ser totalmente autônomo, pode refletir sentimento muito reais de solidão e isolamento emocional. Tendências deste tipo são bastante características [...] de nossa época (ELIAS, 2001, p. 36).

Por fim, Elias descreve a morte como um processo solitário, o qual não é possível compartilhar com ninguém. É uma experiência que não pode ser negada.

Na sequência, estabelece uma diferença entre os termos “morte isolada” e “morrer sozinho”. No primeiro termo, temos um fenômeno social característico de nosso tempo; enquanto no segundo é retratada uma experiência de morte na qual ela não pode ser compartilhada com outras pessoas, mesmo que haja alguém ao seu lado durante o processo.

Neste aspecto, a ideia de sentido retorna ao debate, mas agora sobre outro ponto de vista: o que passa a estar em jogo é o modo como a sociedade atribuiu sentido à existência ou à morte de uma pessoa, e não mais a maneira como o indivíduo é capaz de atribuir sentido à sua própria existência.

Ao propor uma reflexão sobre o modo como a morte afeta as pessoas, Elias conclui que a melhor forma de amenizar o sofrimento do moribundo diante da morte ou das pessoas ficam seria falar abertamente sobre o tema, ou seja, desmistifica-lo.

Enquanto nas sociedades pré-industriais a morte de um membro da família era vivenciada por todos, hoje em dia a morte se distanciou da juventude, seja pelo aumento da expectativa de vida, seja por não experimentar a morte durante a infância. Esse distanciamento acontece ao menos no discurso, já que a juventude vivencia a experiência da morte mesmo sem o consentimento dos pais.

Atualmente a morte é representada socialmente como um ato de violência, como uma quebra brusca de sonhos, metas e expectativas. A morte é vista como resultado de nossa decadência e, por isso, ela é interdita.

[...] A decadência do organismo humano, o processo que chamamos morrer, quase sempre é acompanhado de mau cheiro. Mas as sociedades desenvolvidas inculcam em seus membros uma grande sensibilidade aos cheiros fortes (ELIAS, 2001, p. 53)

Tornarmo-nos sensíveis à morte revela nossa decadência através dela. Apesar de termos avançado em relação ao conhecimento sobre as doenças, a morte revela nossa finitude.

3.2 A MORTE VOLUNTÁRIA X SUICÍDIO

Assim como a morte, o conceito de morte voluntária passou por inúmeras etapas históricas. Mas segundo Minois (2018), os principais autores que constituem o cânone da reflexão sobre a morte – Michel Vovelle, François Lebrun, Pierre Chaunu, Phillippe Ariès, John McManners – não abordam a temática da morte voluntária.

Minois (2018) afirma que a exclusão desse tema das obras seria decorrente da dificuldade em encontrar fontes que abordem a temática, uma vez que “Os famosos registros paroquiais de óbito não têm nenhuma serventia neste caso, já que os suicidas não tinham direito ao sepultamento religioso” (MINOIS, 2018, p. 1). Era preciso, então, “o historiador lançar mão dos arquivos judiciais, pois a morte voluntária era considerada crime” (MINOIS, 2018, p. 1).

O objetivo deste capítulo é problematizar sobre o momento em que a morte voluntária se estabeleceu como um tabu e passou a ser condenada moralmente, até mesmo criminalmente, ao longo do processo histórico e sociológico.

Minois afirma que os escritos de Durkheim¹² sobre o tema foram significativos para mudar o modo como diferentes áreas do conhecimento passaram a investigar a morte voluntária a partir de um conjunto de estatísticas, uma vez que “a morte voluntária é um tipo de óbito cujo significado não é de ordem demográfica, mas filosófica, religiosa, moral e cultural” (MINOIS, 2018, p. 2).

A partir do pensamento de Jean Baechler, Catão, Sêneca, Montherlant, Bettelheim, Shakespeare e Camus, Minois (2018) defende que tudo que estiver associado ao processo de criação do homem deve ser analisado sem nenhum tipo de preconceito. Isso se aplica também, portanto, à morte voluntária.

Ela é um gesto da liberdade humana? Na verdade, ela é fruto da nossa escolha de queremos ou não existir, tal como formulada por Shakespeare em Hamlet,

¹² “O suicídio: estudos de sociologia”, publicado pela primeira vez em 1897. Este estudo será abordado de forma mais detalhada no próximo capítulo.

ou por Camus (2014, p.19) quando este afirma que “só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio”.

Minois (2018) afirma que o termo suicídio surge apenas em 1700 como um substitutivo para o termo utilizado até então: a morte de si mesmo.

Minois (2018) aponta inúmeros exemplos históricos de pessoas que foram levadas a julgamento por terem causado a morte de si mesmos, tais como:

- 1249 – Pierre DellaVigna, jurista e poeta, ministro do imperador Frederico II, se suicida. É reencontrado no Inferno de Dante (MINNOIS, 2018, p. 7);
- 1238 e 1266 – duas mulheres se suicidam na jurisdição da justiça da abadia de Santa Genova, em Paris; seus corpos serão “escondidos” (MINNOIS, 2018, p. 7);
- 1274 – Pierre Crochet, de Boissy-Saint-Léger, suspeito de assassinato, se mata. A justiça da abadia de Saint-Maur-des-Fossés condena o cadáver a ser arrastado e enforcado (MINNOIS, 2018, p. 7);
- 1278 – Um homem se suicida em Reims; os religiosos de Saint-Remi mandar arrastar e enforcar o corpo; mas o Parlamento de Paris os condena a restituir o cadáver à jurisdição do arcebispo (MINNOIS, 2018, p. 8);
- 1288 – Um homem se suicida na jurisdição da abadia de Santa Genova, que manda enforcar o corpo. Pouco depois, o preboste real condena a abadia a recomeçar a execução (MINNOIS, 2018, p. 8);
- 1423 – Michelet le Cavalier: bordador parisiense, ao contrair uma doença que o faz sofrer terrivelmente, se joga pela janela (MINNOIS, 2018, p. 9).

Reis (2019), no minicurso intitulado História do Suicídio, utilizou o suicídio de Ajax, ilustrado na FIGURA 6, como um exemplo do modo como a civilização grega antiga enfrentava o suicídio com naturalidade, de modo que a morte voluntária raramente era condenada.

FIGURA 6 – A MORTE DE ÁJAX



FONTE: Wikipedia. Imagem de domínio público.

Ainda segundo Reis (2019), a partir do verso 1110 da obra de Sófocles (1993) é possível observar o modo como o suicídio de Ajax foi tratado:

Está firme a espada para o sacrifício,
pronta a varar meu corpo da melhor maneira,
se ainda posso demorar-me em falatórios.
Ela foi o presente de um anfitrião
Abominado por minha alma e por meus olhos,
e agora está fixada no solo inimigo
de Tróia detestada, depois de afiada
na pedra que desgasta o ferro, e bem planta
com maior desvelo para me trazer,
como um grande favor, a morte imediata.
Já estou pronto. Agora, Zeus, és o primeiro,
como convém, a quem devo implorar ajuda.
Não pretendo pedir-te um favor muito grande.
Concede-me somente a graça de mandar
um mensageiro a Teucro dando-lhe a notícia,
para que ele seja o primeiro a levantar
meu corpo traspassado pela espada férrea
molhada com meu sangue quente. Não desejo
que ele, encontrado antes por meus inimigos,
seja pasto de cães e de aves carniceiras.
Eis tudo que espero de ti agora, Zeus.
Invoco depois dele Hermes Infernal,
guia dos mortos. Peço-lhe que me entorpeça
suavemente, que num salto ao mesmo tempo
fácil e rápido eu consiga atravessar
a longa espada no meu corpo. Ainda invoco
as virgens inflexíveis, divinas Erínias
de calcanhares rápidos, que sempre observam
os males praticados pelos homens maus.
Fiquem elas sabendo como vou morrer
- pobre de mim! -; e da mesma forma que elas
Verão meu próprio sangue derramado aqui,
eles pereçam sob os golpes de parentes

depois de derramarem por seu turno o sangue!
 Avante, Erínias, vingadoras expeditas!
 Participai deste banquete e não poupeis
 nenhum dos súditos dos dois chefes argivos!
 E tu, sol cintilante que guias teu carro
 pelas alturas do insondável firmamento,
 quando vires a terra de meus ancestrais
 retrai as rédeas recobertas de ouro puro
 para comunicar minha desventura
 e meu fim melancólico a meu velho pai
 e a minha mãe – coitada! E quando a infeliz
 receber a notícia, logo sairão
 de sua boca soluços intermináveis
 que repercutirão pela cidade inteira.
 Mas, de que serve lamentar-me inutilmente?
 Devo entregar-me por inteiro à minha obra,
 e com a máxima presteza! Ah! Morte! Ah! Morte!
 Chegou a hora! Vem! Olha bem para mim!
 No outro mundo ainda falarei contigo,
 pois estarás perto de mim a todo instante.
 Tu, ao contrário, claridade deste dia,
 e tu, sol em teu carro! Desejo saudar-vos
 pela última vez! Nunca mais vos verei!
 Luz e solo sagrados da terra natal!
 Ah.! Salamina, que sempre servers de assento
 à lareira da casa dos antepassados!
 Atenas, muito ilustre com teu povo irmão!
 E vós, fontes e rios que meus olhos viram
 nestas planícies troianas, agradeço-vos!
 Adeus, vós todos me haveis dessedentado!
 Dirijo-vos as minhas últimas palavras.
 A partir deste instante falarei apenas
 com os habitantes das profundezas do inferno!
 Ájax lança-se sobre sua espada.
 Seu corpo fica encoberto por uma moita.
 (SÒFOCLES, 1993, versos 1110-1180).

A certeza de uma vida após a morte e a crença nos deuses permitiu que Ájax enfrentasse a morte de si com muita naturalidade, pois tinha a consciência de que seu castigo era merecido – após perder a batalha contra Odisseu pela armadura de Aquiles, ele se enfureceu e dizimou todo o rebanho do exército grego.

Nos primórdios do cristianismo, a morte voluntária em nome da fé também era algo socialmente aceito na comunidade cristã. Não são raros os exemplos históricos de pessoas consideradas mártires que foram fundamentais para espalhar a mensagem do cristianismo de que a vida após a morte é o que realmente importa.

Segundo Minois (2018, p. 30), “O evento fundador do cristianismo é um suicídio, e os textos dos discípulos exaltam o sacrifício voluntário”.

Os patriarcas da Igreja oscilam constantemente a sua posição em relação ao suicídio, e isto é demonstrado por alguns levantamentos trazidos por Minois, como nos exemplos abaixo (MINOIS, 2018, p. 30):

- Santo Anásio: não conseguia decidir se os cristãos deveriam optar entre a rendição ou pelo exemplo de Cristo;
- São Gregório de Nazianzo: elogia o suicídio da mãe dos Macabeus, mas condena o suicídio de um modo geral;
- São Gregório de Nissa: louva a morte voluntária de alguns mártires;
- São Jerônimo: condenou os cristãos que se rendiam, mas exaltou as viúvas pagãs que preferiam morrer a se casarem outra vez.
- Orígenes e Dênis de Alexandria: afirmavam que Jesus teria se matado, mas aconselhava que os cristãos fugissem em vez de se expor sem motivo.

Minois (2018) ainda afirma que o início da condenação cristã ao suicídio teria ocorrido em 348 com o Concílio de Cartago, o qual:

condena a busca da morte voluntária, como reação ao donatismo, que exaltava essa prática. Em 381, o bispo de Alexandria, Timóteo, decide que não haverá mais preces pelos suicidas, salvo em caso de loucura comprovada, o que significa que os assassinos de si mesmo estão condenados às penas do inferno (MINOIS, 2018, p. 31).

Segundo Reis (2019), é possível estabelecer o momento histórico em que o suicídio deixou de ser uma maneira de morrer para se tornar uma maneira de se matar.

A posição da Igreja Cristã em relação ao suicídio foi construída ao longo do tempo. O que antes era visto como um exemplo para fé passou a ser condenado veementemente a partir do momento que Santo Agostinho, em seu livro intitulado “A Cidade de Deus”, no livro I, capítulo XIX, estabelece o julgamento de Lucrecia. Deste ponto em diante é possível estabelecer a virada ontológica sobre o suicídio na perspectiva cristã: a morte voluntária passa a ser definida como o homicídio de si mesmo.

De acordo com Minois, a interdição sobre o suicídio imposta por Santo Agostinho resulta do V mandamento, como é possível observar na citação abaixo:

A interdição de todos os tipos de suicídio se baseia no quinto mandamento que não prevê nenhuma exceção. O bispo a reforçou por meio de outras considerações: quem se mata é um covarde que não consegue suportar a adversidade, um pretensioso que dá importância àquilo que os outros pensam dele. Catão reúne esses dois defeitos. Nenhuma circunstância pode desculpar o suicídio: nem estupro, como no caso de Lucrecia (se sua alma permaneceu pura por que se matar? Se ela sentiu prazer, ainda que involuntário, é preciso que viva para se penitenciar), nem a vontade de fugir

da tentação (pois, nesse caso, comete-se um crime incontestável para escapar de um pecado possível, sem possibilidade de arrependimento), nem a fuga diante dos sofrimentos e da dor (é a covardia), nem o desespero diante da imensidão de seus erros (como Judas, que comete um segundo crime). Não temos, em nenhum caso, o direito de abrir para nós mesmos a porta da vida eterna.

Essa proibição absoluta do suicídio se deve, ao mesmo tempo, à influência platônica predominante e uma reação exagerada diante do donatismo. Embora admitam algumas exceções, os platônicos consideram, na verdade, que o suicídio é um atentado contra os direitos de Deus, ideia retomada por Plotino, Porfírio, Macróbio e Apuleio. Santo Agostinho aprofunda esse princípio à luz do “Não matarás”. A vida é um dom sagrado de Deus, diz ele, e só Deus tem o direito de dispor dela. E os hereges donatistas agem como criminosos quando defendem o martírio voluntário (MINOIS, 2018, p. 32).

A integração entre a Igreja e poder terreno resultou na extensão da condenação eclesiástica para o direito civil.

Durkheim afirma que:

[...] Em 452, o concílio de Arles declarou que o suicídio era um crime e só podia ser feito por um ato diabólico. Mas, foi apenas no século seguinte, em 563, no concílio de Praga, que essa prescrição recebeu uma sanção penal. Foi decidido que os suicidas não seriam “honrados com nenhuma comemoração no santo sacrifício da missa, e que o canto dos salmos não acompanharia seu corpo ao túmulo”. A legislação civil inspirou-se no direito canônico, acrescentando penas materiais às penas religiosas. Um capítulo do Estatuto de São Luís regulamenta especialmente a matéria; movia-se um processo contra o cadáver do suicida perante autoridades para o caso de homicídio de outrem; os bens do falecido eram retirados dos herdeiros habituais e eram entregues ao barão. Um grande número de costumes não se contentavam com o confisco e, além disso, prescreviam diferentes suplícios. [...]

Por uma brusca reação, a revolução de 1789, aboliu todas essas medidas repressivas e eliminou o suicídio da lista de crimes legais (DURKHEIM, 2014, p. 324)

Apenas no século XVIII e XIX a condenação do suicídio começou a ser revista em todo mundo cristão, mas esse processo foi lento e gradativo. Todavia, essa discussão ainda está presente em muitos lugares. No Brasil, o Direito ainda estabelece algumas consequências – que serão retomadas mais à frente – que afetam os suicidas e seus familiares.

3.3 DURKHEIM E O SUICÍDIO COMO FATO SOCIAL

Durkheim começa sua análise sobre os fatos sociais em “As Regras do Método Sociológico” (2003), em que afirma que é muito incomum tratar os fatos

sociais de modo científico. Mas se o suicídio é um fato social e a sociologia se ocupa de estudá-los, nada mais óbvio do que a sociologia estudar o suicídio.

Já em “O suicídio: estudos de Sociologia” (2014), o autor executa as regras propostas na obra anterior. O primeiro passo é tentar definir o que é o suicídio e, para isso, ele analisa diversas definições possíveis.

A primeira definição: “chama-se suicídio a toda morte que resulta mediata ou imediatamente de um ato positivo ou negativo pela própria vítima” (DURKHEIM, 2014, p. 15). Na definição vulgar: “[...] o suicídio é, antes de tudo, o ato de desespero de um homem que já não quer viver” (DURKHEIM, 2014, p. 16).

A seguir, definição adotada por Durkheim:

Chama-se de suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo pela própria vítima, e que ela saiba que produziria esse resultado. A tentativa é o ato assim definido, mas interrompido antes de resultar em morte (DURKHEIM, 2014, p. 16).

A definição do conceito é fundamental para construir uma categoria sólida e para certificar-se de que o objeto de estudo está bem delimitado. Por isso, Durkheim iniciou sua análise apresentando uma primeira definição do conceito, mas a intencionalidade precisou ser revista, uma vez que a subjetividade não constitui um fato social.

O estudo sobre o suicídio, elaborado por Durkheim, foi fundamental para o estabelecimento da sociologia como uma ciência. Durkheim analisou uma série de dados com o intuito de tentar estabelecer as origens do suicídio e demonstrou, dentre outras coisas, que não existe a comprovação de um efeito epidêmico ou contagioso – uma vez que a imitação não altera significativamente as taxas de suicídios.

Logo, se o suicídio fosse contagioso entre os indivíduos, como as taxas de suicídios podem permanecer constantes? A resposta é simples, a imitação também não exerce nenhuma influência sobre o suicídio.

A intensidade da predisposição coletiva continuaria a mesma, pois o estado moral do grupo não mudaria por causa disso. [...] Na realidade, o que pode contribuir para o desenvolvimento do suicídio ou do assassinato não é o fato de falar deles, é maneira como se fala deles (DURKHEIM, 2014, p. 128).

Cada um desses fatores precisou ser desconstruído/desnaturalizado ao longo de sua pesquisa. Somente a partir desse ponto inicia-se a análise das causas sociais associadas ao suicídio enquanto um fenômeno social.

Na tentativa de investigar os fatores extrassociais como responsáveis pela oscilação das taxas de suicídio, Durkheim encontrou uma relação existente entre os fatores sociais e a variação das taxas de suicídio.

As causas sociais do suicídio não podem ser as mesmas para tipos diferentes de suicídios e, embora muitas vezes encontremos uma causa aparente para o suicídio, a simples descrição detalhada do acontecimento não é suficiente para classificá-los.

“Em vez de procurar resolver os problemas insolúveis de casuística moral, devem empenhar-se em identificar com mais cuidado os concomitantes sociais do suicídio” (DURKHEIM, 2014, p. 140). Ou seja, é preciso determinar quais são as causas sociais do suicídio.

A investigação sobre essas causas sociais inicia-se com um apontamento do modo como a religião influenciaria as taxas de suicídios – algo que ele já havia encontrado indícios ao analisar a relação entre raça e/ou hereditariedade e a possível alteração nas taxas de suicídios.

Durkheim, propõe o seguinte quadro para retratar as características gerais do suicídio:

QUADRO 1 – CLASSIFICAÇÃO TIPOLOGICA E MORFOLÓGICA DOS TIPOS SOCIAIS DE SUICÍDIO

Formas individuais que assumem			
Caráter fundamental			Variedades secundárias
ELEMENTARES	Suicídio egoísta	Apatia	Melancolia indolente com complacência por sim mesma.
			Sangue-frio desiludido e cético
	Suicídio altruísta	Energia passional ou voluntária	Com sentimento calmo do dever.
			Com entusiasmo místico.
			Com coragem tranquila.
	Suicídio anômico	Irritação	Recriminações violentas contra a vida em geral.
		Repulsa	Recriminações violentas contra uma pessoa em particular (homicídio-suicídio).
MISTOS	Suicídio ego-anômico		Mistura de agitação e apatia, de ação e de devaneio.
	Suicídio anômico-altruísta		Eferlescência exasperada.
	Suicídio ego-altruísta		Melancolia moderada por certa firmeza moral.

FONTE: Durkheim (2014, p. 291).

Após definir os tipos de suicídio e estabelecer as características necessárias para classificá-los, Durkheim descreve o suicídio como um fenômeno social e reafirma que, as “particularidades individuais não podem explicar a taxa social de suicídios, [...] elas não são causas determinantes dos atos a que procedem” (DURKHEIM, 2014, p. 295). Logo, “não é possível explicar desse modo a taxa social de suicídios” (DURKHEIM, 2014, p. 296).

Isto posto, o importante é definir as influências sociais, o modo como as causas sociais interferem nas taxas de suicídio.

“As causas sociológicas assim determinadas até mesmo nos explicaram as convergências diversas que com frequência foram atribuídas à influências de causas materiais e, nas quais se quis ver uma prova dessa influência” (DURKHEIM, 2014, p. 297), consequentemente, “a taxa social de suicídios só se explica sociologicamente. [...] Existe, pois, para cada povo, uma força coletiva de energia determinada, que impele os homens a se matar” (DURKHEIM, 2014, p. 297).

Essas causas são frutos de uma sociedade. Destarte, as causas individuais refletem o estado moral desta sociedade. Por isso, existe uma constância na taxa social de suicídios, “a regularidade com a qual alguns fenômenos sociais se repetem durante períodos de tempo idênticos” (DURKHEIM, 2014, p. 298). O autor prossegue afirmando que “há em cada sociedade um tipo determinado, que a maioria reproduz com maior ou menor exatidão, e do qual apenas a minoria tende a se afastar” (DURKHEIM, 2014, p. 298). Sendo assim, “é muito mais difícil para uma sociedade mudar em massa do que para um ou alguns indivíduos em particular” (DURKHEIM, 2014, p. 299), e “a invariabilidade é a regra, enquanto a mudança é excepcional” (DURKHEIM, 2014, p. 299).

3.4 O DEBATE SOBRE O SUICÍDIO HOJE

As discussões em torno da morte, nos dias de hoje, não estão apaziguadas. Os debates sobre o suicídio muito menos. Não há um único entendimento, tampouco uma única representação social sobre o suicídio.

Camus (2018) considera que a questão do suicídio deve ser vista como o ponto de partida, não como uma consequência, como defendido por Durkheim (2014).

A legislação brasileira, durante muito tempo, buscou encontrar a motivação do suicídio como forma de validar ou não a atribuição de benefícios no seguro de vida. Atualmente, na sociedade brasileira, o suicida ainda recebe punições decorrentes do seu ato, segundo art. 798 do Código Civil (BRASIL, 2002), ficando a seguradora isenta de pagar o benefício caso o segurado tenha se matado em um período inferior a dois anos da contratação do seguro.

Petraroli e Carlini consideram relevantes estudar e analisar “O sujeito social que contrata o seguro de pessoas, na modalidade vida, e posteriormente se suicida” (2011, p. 5), pois sua ação repercutirá em diversas áreas. Isso implica na necessidade de analisar o problema de modo multidisciplinar, tendo em vista que o suicídio atinge tanto as pessoas que são definidas como típicas, como as pessoas que são rotuladas como desequilibradas. A subjetividade do ato é algo que não pode ser julgado, mas um suicídio ecoa nos familiares do suicida, nas pessoas mais próximas, bem como na sociedade em si, uma vez que é preciso legislar sobre o tema.

Em contraposição à nossa legislação punitiva em relação aos seguros, as políticas públicas de prevenção ao suicídio apresentaram um avanço significativo.

O Ministério da Saúde do Brasil, por exemplo, instituiu uma série de portarias que tratam o tema do suicídio (BRASIL, 2006, 2011, 2014, 2017a, 2017b, 2017c, 2017d):

- 1) Portaria nº 1.876, de 14 de agosto de 2006: Institui Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio, a ser implantadas em todas as unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão;
- 2) Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011: Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental, incluindo aquelas com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS);
- 3) Portaria nº 1.271, de 6 de junho de 2014: Define a Lista Nacional de Notificação Compulsória de doenças, agravos e eventos de saúde pública nos serviços de saúde públicos e privados em todo o território nacional, nos termos do anexo, e dá outras providências;
- 4) Portaria nº 3.479, de 18 de dezembro de 2017: Institui Comitê para a elaboração e operacionalização do Plano Nacional de Prevenção do Suicídio no Brasil;

- 5) Portaria nº 3.491, de 18 de dezembro de 2017: Institui incentivo financeiro de custeio para desenvolvimento de projetos de promoção da saúde, vigilância e atenção integral à saúde direcionados para prevenção do suicídio no âmbito da Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde (SUS), a onerarem o orçamento de 2017;
- 6) Boletim Epidemiológico de 2017: traça o perfil epidemiológico das tentativas e óbitos por suicídio no Brasil e a rede de atenção à saúde;
- 7) Agenda de Ações Estratégicas para a Vigilância e Prevenção do Suicídio e Promoção da Saúde no Brasil – 2017 a 2020: busca estabelecer uma Agenda Pública de ações vinculadas a prevenção do suicídio e a promoção da saúde no Brasil.

Além destas ações que foram implantadas no Brasil, a Organização Mundial da Saúde (OMS) elaborou uma série de manuais que visam orientar profissionais de diversas áreas sobre a melhor maneira de agir diante de uma situação vinculada. Entre estes manuais é possível encontrar: “Prevenção do Suicídio: um Recursos Para Conselheiros”, “Prevenção do Suicídio: um manual para profissionais da mídia”, “Prevenção do Suicídio: Manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental” e “Prevenção do suicídio: Manual para Professores e Educadores”.

O Setembro Amarelo também é outra iniciativa importante e parte do princípio de que “combater o estigma é algo importante”¹³. No Brasil, a campanha é desenvolvida por algumas instituições: o Centro de Valorização da Vida (CVV) e a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), que iniciaram as atividades a partir do ano de 2014, em parceria com o Conselho Federal de Medicina¹⁴.

O Setembro Amarelo está se tornando cada vez mais popular como mês da conscientização do suicídio no Brasil e, nos últimos anos, aumentou o seu alcance através das redes sociais, dos meios de comunicação em massa e do *YouTube*.

¹³ SETEMBRO AMARELO, Prevenção ao Suicídio – Brasil. **A campanha Setembro Amarelo® salva vidas!**. Não paginado. Disponível em: <<https://www.setembroamarelo.com/>>. Acesso em 01 mar.2020.

¹⁴ SETEMBRO AMARELO, Mês da prevenção ao suicídio. **O movimento – Setembro Amarelo**. Não paginado. Disponível em: <<https://www.setembroamarelo.org.br/o-movimento/>> Acesso em: 01 mar. 2020.

3.5 O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL E AS POSSIBILIDADES DE INTERPRETAÇÃO

O suicídio é descrito por Durkheim como um fato social (Conferir item 3.3 desta pesquisa). Consequentemente, isto o torna objeto de estudo da sociologia e, como tal, pode ser analisado a partir do conceito de representação social.

Segundo Almeida, Santos e Trindade (2014), a obra responsável pelo surgimento da Teoria das Representações Sociais foi escrita por Serge Moscovici e é intitulada “*La psychanalyse son image e son public*” (“A psicanálise, sua imagem e seu público”).

De acordo com Castro (2014), a obra de Moscovici se consolidou como um marco para psicologia social e pode ser descrita como uma releitura do conceito de representações coletivas, elaborado por Durkheim (2003), na medida em que a realidade não é construída apenas por um indivíduo, mas coletivamente pela sociedade:

A releitura de Durkheim permitiu que a consideração da vida cotidiana e suas múltiplas complexidades estabelecesse um novo paradigma para a psicologia social e as ciências humanas e sociais como um todo. O cotidiano apreendido por Moscovici é dinâmico e se move intensamente entre as duas categorias fundamentais de tempo e espaço. [...]

O novo objeto da psicologia social é um encontro muitas vezes indiferenciados, entre indivíduos e a sociedade (CASTRO, 2014, p. 8-9).

Sendo assim, a obra de Moscovici (apud CASTRO, 2014) pode ser definida como uma psicologia social psicológica. Ou seja, a análise enfatiza as redes e relações sociais nelas próprias. Isso a diferencia de qualquer tipo de psicologia social psicológica, na qual o indivíduo é apontado como o foco de toda análise e o aspecto social não passaria de uma forma de contextualizar o indivíduo em um determinado tempo e espaço.

A análise psicossocial do cotidiano implica necessariamente um desdobramento complexo das relações sociais e a compreensão dos fenômenos que ali ocorrem e que só ali podem ocorrer. Ou seja, a psicologia social tem como objeto o acontecimento social e está impossibilitada de identificá-lo e conhecê-lo fora daquele lugar. Isto significa que a psicologia social estava obrigada ao diálogo com outras ciências sociais e humanas e, justamente por conta desta relação intrínseca, também obrigada a definir com mais precisão o seu objeto específico e distinto de estudo (CASTRO, 2014, p. 9).

O tipo de conhecimento proposto por Moscovici (apud CASTRO, 2014) tem como ponto de partida as relações sociais analisadas dentro do contexto social e não pode ser analisada fora dele. Sua teoria dialoga diretamente com o senso comum e toma-o como ponto de partida para investigação social. Logo, a vida cotidiana torna-se passível de uma análise social.

As representações sociais, entendidas como categorias de análise social segundo Horochovski (2004, p. 92), permitem-nos estabelecer parâmetros para analisar o modo como um determinado grupo social compreende, interpreta e vivencia o mundo.

O conceito de Representação Social, proposto por Moscovici (apud CASTRO, 2014), e o de Representações Coletivas, elaborado por Durkheim, demonstram que o indivíduo – ou melhor, o sujeito – é resultado da sociedade na qual está inserido.

Os textos dos estudantes sobre os conceitos de Vida e Morte vai ao encontro do que afirmam Perdigão e Silveira (2019) sobre o modo como “as representações sociais podem ser definidas como ideias valores e práticas que circulam nas diversas formas interação social”:

Elas são elaboradas no esforço de compreender e dar significado a diferentes aspectos das nossas experiências. Esse saber, que está diretamente vinculado ao senso comum, expressa visões de mundo que orientam o modo de agir de homens e mulheres no cotidiano, colaborando, assim, para a construção de suas realidades sociais (PERDIGÃO; SILVEIRA, 2019, p. 3).

O saber tácito adquire um novo status e contribui para que as representações sociais se tornem um mecanismo singular de compreensão de um determinado grupo social e do próprio mundo.

[...] o objeto do conhecimento não antagoniza com o objeto real, porque a representação tem acontecimento e eficácia, e estrutura modos de vida e de realidade. Em Moscovici, não cabe mais a discussão clássica da representação, já antes rompida pelo surgimento das ciências sociais, mas outra espécie de formulação, porque a realidade é dinâmica, mas circunstanciada (CASTRO, 2014, p. 11-12).

Castro (2014) afirma também que a Teoria das Representações Sociais, no Brasil, é utilizada para identificar, descrever e comparar diferentes representações regionais de um mesmo objeto, partindo do cotidiano e evidenciando a plurimultiplicidade. Assim, “O estudo das representações sociais, ao dar conta do

pensamento social que nasce do cotidiano, torna evidente a pluralidade e multiplicidade dos diferentes grupos de cidadãos brasileiros” (2014, p. 16-17).

Quando falamos sobre as representações sociais, é importante rememorar as contribuições de Jodelet para o desenvolvimento e consolidação dessa teoria.

Para Almeida, Santos e Trindade,

[...] foi Denise Jodelet quem, nestes 50 anos, tomou para si a tarefa de organizar em um corpo conceitual orgânico as definições de RS e difundi-lo já no bojo de uma teoria. Ao se referir à rica evolução do campo de pesquisa em torno das RS (2014, p. 138).

Para elas, em *La psychanalyse*, Jodelet (apud ALMEIDA; SANTOS; TRINDADE, 2014, p. 361) assim definiu: “As RS são modalidades de pensamento prático, orientadas para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal”.

Jodelet (1993), afirma que as representações sociais resultam diretamente da necessidade de nos adequar ao mundo, pois não existimos em um vazio social. Muito pelo contrário, “compartilhamos o mundo com os outros, neles nos apoiamos — às vezes convergindo; outras divergindo — para compreender, o gerenciar ou afrontar”:

Por isso as representações sociais e são tão importantes na vida cotidiana. Elas nos guiam na maneira de nomear e definir em conjunto os diferentes aspectos da nossa realidade cotidiana, na maneira de interpretá-los, estatuí-los e, se for o caso, de tomar posição a respeito e defende-la. Com as representações sociais tratamos fenômenos diretamente observáveis ou reconstruídos por um trabalho científico. Esses fenômenos tornaram-se, depois de alguns anos, um objeto central das ciências humanas. Em torno deles constitui-se um domínio de pesquisa dotado de instrumentos conceituais e metodologias próprias, interessando a muitas disciplinas, como fica claro na composição da presente obra (JODELET, 1993, p. 1)

Em seu texto de 1993, Jodelet descreve o modo como as representações sociais estão diretamente ligadas aos objetos de estudo e, tomando o senso comum como ponto de partida, é possível chegar ao conhecimento científico. Assim, o rompimento dessa dicotomia se torna essencial para o desenvolvimento das ciências humanas, pois permite compreender melhor o objeto estudado.

As representações sociais “são carregadas pelas palavras, veiculadas nas mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas nas condutas e agenciamentos materiais ou espaciais” (JODELET, 1993, p. 1) na medida em que essas

representações tornam tangíveis os valores morais vigentes para o indivíduo, para um grupo ou para a sociedade como um todo.

As representações sociais evidenciam a complexidade dos fenômenos que atuam sobre cada indivíduo. Mesmo que em alguns casos ele se apresente isoladamente, o saber científico só pode ser elaborado a partir do todo, ou seja, da análise do indivíduo a partir do meio social no qual está inserido.

Assim, duas representações, uma moral e outra biológica, constroem-se para acolher um elemento novo — e veremos que se trata de uma função cognitiva importante da representação social. Estas se instalam sobre valores variáveis segundo os grupos sociais dos quais retiram suas significações, bem como sobre os saberes anteriores reativados por uma situação social particular — e veremos que se trata de um processo central na elaboração representativa. São ligadas a sistemas de pensamento mais amplos, ideológicos ou culturais, a um estado dos conhecimentos científicos, bem como à condição social e à esfera da experiência privada e afetiva do indivíduo (JODELET, 1993, p. 4).

Consequentemente, a representação social “É uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (JODELET, 1993, p. 36)”.

Ainda segundo Jodelet, o senso comum assume um papel fundamental neste processo de análise da vida social, principalmente em decorrência dos “esclarecimentos que traz acerca dos processos cognitivos e as interações sociais” (JODELET, 1993, p. 4).

Ao reconhecer a importância das Representações Sociais como um sistema que permite interagir com o mundo, é possível estabelecer mecanismos de interpretação da realidade, das práticas e da forma de pensar e agir de um determinado grupo – compreendendo, assim, seu *modus operandi* a partir de uma diversidade de pontos de vistas que estão vinculados a essas representações.

Deste ponto de vista, as representações sociais são abordadas simultaneamente como o produto e o processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e da elaboração psicológica e social da realidade. [...] De fato, representar ou se representar corresponde a um ato de pensamento pelo qual o sujeito relaciona-se com um objeto. Este pode ser tanto uma pessoa, uma coisa, um evento material, psíquico ou social, um fenômeno natural, uma ideia, uma teoria etc.; pode ser tanto real quanto imaginário ou mítico, mas sempre requerer um objeto. Não há representação sem objeto. Quanto ao ato de pensar, que estabelece a relação entre o sujeito e o objeto, este tem características específicas em relação a outras atividades mentais (perceptiva, conceitual, memorial etc.) (JODELET, 1993, p. 4).

Em suma, através da aproximação etnográfica e das representações sociais como categorias de análise social (HOROCHOVSKI, 2004, p. 92), compreendemos que o senso comum pode ser o ponto de partida para uma análise científica da realidade social. A partir do que defendem Moscovici e Jodelet, compreende-se que as representações sociais se tornam um instrumento precioso e essencial para análise dos materiais elaborados pelos jovens estudantes do ensino médio em Piraquara (PR) sobre os conceitos de vida e morte, além de ser possível elaborar o modo como cada um dos conceitos está interligado às representações sociais sobre o suicídio.

4 EM BUSCA DE SENTIDOS: EXPLORANDO OS MATERIAIS PESQUISADOS

A análise a seguir toma como referência parte dos materiais produzidos por este conjunto de estudantes e os examina a partir da tipificação do suicídio elaborado por Durkheim, conforme já fora apresentado no QUADRO 1.

4.1 A TIPIFICAÇÃO DO SUICÍDIO NA PERSPECTIVA DE DURKHEIM

Em sua obra, Durkheim analisa uma série de dados estatísticos como base para sua investigação e, a partir desses dados, estabelece três tipificações para o suicídio: o egoísta, o altruísta e o anômico.

4.1.1 O suicídio egoísta

Partiremos, então, da definição de Durkheim acerca do suicídio egoísta:

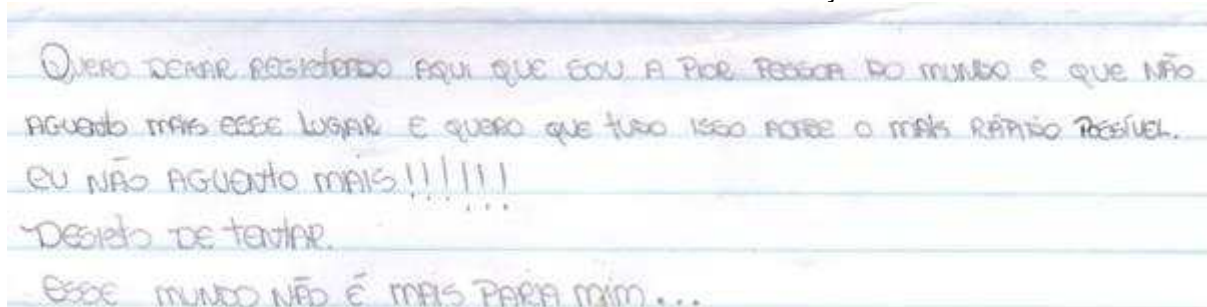
[...] Se, portanto, admitirmos chamar de egoísmo esse estado em que o individual afirma-se excessivamente diante do eu social e à custa desse último, poderemos dar o nome de egoísta ao tipo particular de suicídio que resulta de individualização desmedida (DURKHEIM, 2014, p. 201).

O suicídio egoísta resulta da diminuição da força coletiva e da hiper valorização indevida da individuação. Assim, na medida em que ocorre o rompimento com uma sociedade solidamente integrada, o indivíduo passa a dispor sobre si mesmo. Ele passa a ser o dono do seu destino uma vez que ele se tornou independente da sociedade.

O rompimento desses laços sociais é prejudicial, pois o indivíduo perde aquilo que o ligava à vida. O individualismo excessivo não é, portanto, um fortalecedor deste tipo de suicídio, mas a sua própria causa (DURKHEIM, 2014, p. 202).

Todas as transcrições dos materiais produzidos pelos estudantes, que serão apresentadas neste texto, respeitaram o estilo de escrita dos autores, ou seja, foram preservados os erros ortográficos, bem como a não diferenciação entre as letras maiúsculas e minúsculas, pois esse fato revela muito sobre o autor ou autora.

FIGURA 7 – SUICÍDIO EGOÍSTA: IDEIAÇÃO



Quero deixar registrado aqui que sou a pior pessoa do mundo e que não
 aguento mais esse lugar e quero que tudo isso passe o mais rápido possível.
 eu não aguento mais!!!!!!
 Desisto de tentar.
 Esse mundo não é mais para mim...

FONTE: Acervo pessoal. Texto escrito por uma aluna do 3º ano diurno em uma avaliação, 2019.

Transcrição da FIGURA 7 – SUICÍDIO EGOÍSTA: IDEIAÇÃO:

QUERO DEIXAR REGISTRADO AQUI QUE SOU A PIOR PESSOA DO MUNDO E QUE NÃO AGUENTO MAIS ESSE LUGAR E QUERO QUE TUDO ISSO PASSE O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL.

EU NÃO AGUENTO MAIS!!!!!!

DESISTO DE TENTAR.

ESSE MUNDO NÃO É PARA MIM...

(Acervo pessoal. Texto escrito por uma aluna do 3º ano diurno em uma avaliação, 2019).

Este relato foi produzido em maio de 2019, em uma avaliação de recuperação da disciplina de Química, pela mesma estudante que, no final de 2019, apresentaria o relicário “Dois irmãos e um sonho...” (FIGURA 14).

Na época deste relato, os professores da turma não tinham ciência de que recentemente a estudante havia perdido um irmão na batalha contra o câncer. Seu rendimento e sua atenção na escola caíram bastante, mas ninguém compreendia o motivo.

A estudante foi diagnosticada com depressão e havia acabado de tentar suicídio, mas professores, funcionários, coordenação pedagógica ou direção não foram comunicados pela família – o que impossibilitou que a aluna recebesse uma atenção diferenciada dos(as) profissionais da escola.

O relato demonstra o modo como esta estudante se sentia sem lugar no mundo. Sua existência estava em xeque e estudar não fazia sentido. Apenas os amigos mais próximos sabiam o que ela estava passando, mas o restante da turma estava completamente alienado sobre esses acontecimentos. A turma começou a fazer chacota com a estudante, pois inúmeras vezes ela saía da sala chorando e, em outras, ela estava cabisbaixa e totalmente alheia ao que acontecia ao seu redor.

O suicídio egoísta contraria a ideia de natureza humana, pois o indivíduo, por si só, não é capaz de atribuir sentido à sua existência (DURKHEIM, 2014, p. 202). O

rompimento com a sociedade implica no fim dos laços societários e tem como consequência o vazio existencial (DURKHEIM, 2014, p. 205). Mas a humanidade necessita deles, pois o homem é um ser duplo.

Por mais individualizado que cada um seja, sempre há algo que permanece coletivo: a depressão e a melancolia resultam dessa individuação exagerada.

[...]

O egoísmo não é um mero fato auxiliar, é a sua causa geradora.

[...]

Quanto aos incidentes da vida privada, que parecem inspirar imediatamente o suicídio e são considerados suas condições determinantes, na realidade são apenas causas ocasionais (DURKHEIM, 2014, p. 206-207).

Transcrição de TEXTO – Suicídio egoísta: ideiação 2:

EU VOU POR UM FIM NISSO TD SÓ QUE DO MEU JEITO. ACABANDO COM A MINHA VIDA, SO QUE DESTA VEZ NÃO VOU ME INJETAR VENENO NÃO, MUITO MENOS TENTAR ME ENFOCAR, PRA NÃO TER PERIGO DA CORDA ARREBENTAR, VOU ME JOGAR NA FRENTE DE UM TREM MESMO, QUANO ELE ESTIVER EM ALTA VELIDADE, PARA NÃO TER PERIGO, DELE PARA.

ESSA É A ÚNICA ASIDA INDO DIRETO PARA UM CAIXÃO

(ANEXO 1, Acervo pessoal. O relato foi encontrado por um conjunto de estudantes do ensino médio diurno, autoria desconhecida, 2019).

Durkheim define o homem como um ser social. Quando os laços societários se rompem, ele fica perdido e propenso a um tipo específico de suicídio denominado suicídio egoísta. Mas, segundo o autor, a mesma regra não valeria para as mulheres, pois o mínimo laço social já seria suficiente, uma vez que elas são inferiores

[...] Se ela permanece tão fielmente ligada às tradições religiosas e se, em consequência, encontra nelas uma última proteção contra o suicídio, é porque essas formas sociais muito simples satisfazem a todas as suas exigências. O homem, ao contrário, sente-se em dificuldades. Seu pensamento e sua atividade, à medida que se desenvolvem, extrapolam cada vez mais essas estruturas arcaicas. Mas, então, ele precisa de outra. Porque é um ser social mais complexo, só pode se manter em equilíbrio se encontra fora mais pontos de apoio, e, porque seu equilíbrio moral depende de mais condições, também se abala com mais facilidade (DURKHEIM, 2014, p. 206-207).

4.1.2 O suicídio altruísta

A segunda tipificação social do suicídio é definida como o suicídio altruísta, o qual Durkheim define como: “aquele que resulta de um altruísmo intenso” (DURKHEIM, 2014, p. 213). Ou seja, enquanto o suicídio egoísta é marcado por um excesso de individuação, o suicídio altruísta configura-se como a anulação de

qualquer possibilidade de individuação. Ele é o resultado de uma sociedade em que o indivíduo esteja totalmente integrado.

Para Durkheim, essa coesão maciça resulta na identificação do indivíduo como uma parte que compõe o todo. Seu suicídio é quase que um dever moral, um sacrifício em nome da sociedade que resulta de um caminho que ela mesma teria apontado e exigido. Diante de algumas situações¹⁵, a morte se torna um dever social: “a sociedade pressiona o indivíduo para levá-lo a se destruir” (DURKHEIM, 2014, p. 211).

O suicídio altruísta foi descrito ao longo da história como um tipo de suicídio que compreende em si diversas variedades possíveis, entre as quais estão: o suicídio altruísta facultativo e o suicídio altruísta obrigatório. No primeiro caso, “o motivo imediato e é aparente é dos mais fúteis” (DURKHEIM, 2014, p. 214), já no segundo caso ele resulta de um dever moral.

O suicídio altruísta pode resultar em um tipo de busca por reconhecimento do grupo, na medida em que o indivíduo está executando o ato como um tipo de dever social, como Durkheim descreve: “uma gratificação social está ligada ao suicídio, que, por isso, é encorajado, e a recusa dessa recompensa tem, ainda que em menor grau, os mesmos efeitos que a punição propriamente dita” (DURKHEIM, 2014, p. 215).

A próxima figura corresponde à digitalização de um relato de ideação suicida que transita entre o suicídio egoísta e o altruísta. Foi produzido por uma estudante do 3º ano do ensino médio noturno em março de 2019 e entregue em mãos na coordenação pedagógica, mas só em agosto do mesmo ano a carta chega nas mãos da pedagoga da turma, a qual chamou a estudante para uma conversa. Essa demora poderia ter resultado na passagem da ideação à execução, mas felizmente nada aconteceu.

O texto tem um total de três páginas e apresenta características de uma carta de despedida e um pedido de socorro. Assim, expressa o sentimento de alguém que já não encontrava sentido em sua existência.

A estudante inicia o seu texto afirmando que ele é um alerta. Na sequência, expressa os seus sentimentos pelos progenitores e pela família. Afirma que gosta muito de todos eles, mas que muitas vezes não consegue demonstrar e se desculpa por isso.

¹⁵ Como no caso do suicídio para escapar da vergonha. A morte como fuga ou como forma de encontrar a glória. Um costume utilizado para fugir da vergonha.

Expressa uma insatisfação em relação às suas ações e ao modo como optava por agir de maneira que agradasse às outras pessoas e não da forma que gostaria.

Descreve-se como alguém simples, mas que se sente como um lixo e como uma pessoa que não tem seu valor reconhecido pelas demais pessoas; que busca agir da maneira correta, mas não se sente merecedora do amor de Deus; que se sente muito agradecida pelo seu amor; que sente muito a sua falta e quer viver uma vida segundo seus princípios.

Tendo em vista a melhor análise do material, neste momento será apresentada apenas a transcrição do relato da estudante – mas o documento original foi digitalizado e consta no ANEXO 1 desta pesquisa:

Transcrição de TEXTO – Relato de Ideação: página 1:

*ISSO É UM ALERTA; UM AVISO;
OLÁ ATRAVEZ DESSA CARTA VENHO DIZER QUE AMO MUITO A CADA
UM DE VOCÊS PAI, MÃE E TODA A FAMÍLIA, GOSTO MUITO DE VOCÊS
ME DESCULPEM AGUMA COISA SEI QUE NÃO PARECE MAS EU AMO
MUITO TODOS VOCÊS, ME PERDOEM POR TUDO. [...] MAS UMA VEZ
MUITO OBRIGADA PO TUDO AMO MUITO VOCÊS.
AMO MUITO MEUS AMIGO; MEUS COLEGAS ATÉ MESMO MEUS
INIMIGOS AMO MUITO HÁ TODOS OS MEUS CONHECIDOS. ADEUS
ATÉ MAIS!*

(ANEXO 1, Acervo pessoal. Texto escrito por uma aluna do 3º ano noturno em 2019).¹⁶

Esta parte da carta expressa um desejo de aceitação, de mudança e de recomeço, bem como descreve um desejo de viver segundo a vontade de Deus. Mas simultaneamente anseia dar um fim a tudo.

Segundo Durkheim, a religião produz um efeito profilático sobre a taxa de suicídio, pois a religião atuaria como um tipo de sociedade. Logo, quanto mais integrada e coesa essa sociedade for, menores serão os casos de suicídio.

Se a sociedade de fato produz este efeito profilático sobre o indivíduo, então outras formas de sociedade (família, sociedade política) também devem ser capaz de influenciar significativamente a taxa de suicídio de um determinado povo.

O nível de coesão social de uma determinada religião influenciaria diretamente no grau de profilaxia que ela exerce sobre o indivíduo. Por exemplo, o judaísmo, sendo mais coeso que o catolicismo e que o protestantismo, resultaria em um número de suicídios entre os adeptos dessa religião muito menor do que as

¹⁶ Entregue para pedagoga em 25 mar. 2019.

demais citadas. Sendo assim, o catolicismo, sendo mais coeso que o protestantismo, também produziria resultados melhores.

Na mesma passagem da carta de ideação é possível perceber o modo como a religião agiu de modo profilático, porque mesmo manifestando o desejo de dar um fim a tudo, ela se entrega à Deus como forma de redenção e como uma possibilidade de recomeçar:

Transcrição de TEXTO – Relato de Ideação: página 1:

[...] EU CANSEI DE TENTAR AGRADAR AS OUTRAS PESSOAS, CANSEI DE PENSAR NO QUE IAM FALAR DE MIM DO JEITO QUE SOU CANSEI DE ME SENTIR UM NADA; DE ME SENTIR INULTIO; DE ME SENTIR UM LIXO; DE ME SENTIR SEM VALOR; NÃO QUERO FAZER NADA ERRADO POR ISSO VOU ME ENTREGAR A DEUS PORQUE NEM EU ME ENTENDO AS VEZES OBRIGADA POR TUDO SEI QUE NÃO MERECEIA NEM MEREÇO QUE DEUS ABENÇOE MUITO A TODOS EU QUERO SER DE DEUS AGRADAR A DEUS SOU CARENTE DE DEUS VOU COMEÇAR A MINHA VIDA DO ZERO (0). FIQUEM TRANQUILOS ESTOU BEM, NÃO VOU FAZER NADA DE ERRADO VOU DEIXAR DEUS ME GUIAR. [...]

(ANEXO 1, Acervo pessoal. Texto escrito por uma aluna do 3º ano noturno, 2019).

Na segunda página as autocríticas são retomadas quando a estudante expressa um sentimento de medo, fraqueza, covardia e solidão. Afirma que só Deus conhece seu sofrimento e o seu desejo de ser diferente.

As críticas sofridas resultam no conflito, uma vez que conduz ao desejo de ser alguém que não é.

Transcrição de TEXTO – Relato de Ideação: página 2:

OI PESSOAL OBRIGADA POR TUDO DEUS ABENÇOE MUITO VOCÊS. GENTE EU SOU MUITO MEDROSA, FRACA E COVARDE NÃO SEI CONVERSAR; NÃO SEI DESABAFAR EU NÃO CONSIGO ME ENTENDER SÓ DEUS SABE O QUE EU PASSEI, O QUE EU PASSO E O QUE SINTO EU GOSTARIA DE SER DIFERENTE EU QUERIA FAZER A DIFERENÇA MAS NÃO CONSIGO MUITOS FALAM ISSO É BOBAGEM DA SUA CABEÇA PARE COM TUDO ISSO PRA QUE FICA SE FAZENDO DE COITADINHA PARE DE FRESCURA TUDO ISSO É DRAMA MAS É POR QUE NÃO ENTENDE NEM SABE O QUE ACONTECEU E O QUE TÁ ACONTECENDO E NUNCA PASSOU POR ISSO PEÇO A DEUS QUE NUNCA PASSEM POR ISSO NÃO É FACIL É UM MOMENTO COMPLICADO COMO EU QUERIA SER UM EXEMPLO; COMO EU QUERIA SER SÓ DE DEUS EU QUERIA TER ELE COMIGO QUERIA QUE ELE MORAÇE, EM MIM MAS É ALGO DIFÍCIL E UMA COISA.

(ANEXO 1, Acervo pessoal. Texto escrito por uma aluna do 3º ano noturno, 2019).

O texto evidencia a religiosidade atuando como profilaxia ao suicídio quando a estudante descreve que gostaria de “ser só de Deus”. Mas essa religiosidade também atua como estorvo para sua jornada.

Transcrição de TEXTO – Relato de Ideação: página 3:

IMPOSSÍVEL EU QUERIA SER CRISTÃ DE VERDADE, SER VERDADEIRA ADORADORA; SER FIEL A DEUS; NÃO SER FRIA NEM MORNA MAS SER QUENTE QUEIMANDO FAZENDO EU QUERIA SER FELIZ QUERIA VOLTAR A SER O QUE EU ERA ANTES SER MUITO MELHOR QUE ANTES PARECE QUE MORRI A ANOS EU TAVA MORRENDO AOS POUCOS E NÃO PERCEBI QUANDO NOTEI JÁ FAZIA MUITO TEMPO DAÍ JÁ NÃO TINHA JEITO AGORA É SÓ UM MILAGRE EU TENTO SER EU LUTO PRA SER ALGUÉM LEGAL; SIMPÁTICA HUMILDE; DOCE, GENTIL; AMOROSA E UMA BOA PESSOA MAS É IMPOSSÍVEL EU NÃO GOSTO DE MIM MESMA SEI-LÁ EU ME ACHO FEIA PEÇO A DEUS QUE ELE ME ENSINE E ME AJUDE A ESTAR SEMPRE PREPARADA; PEÇO PARA ELE ME PREPAR E ME BUSCAR.

*O SUICÍDIO ACONTECE PORQUE
A PESSOA Á ESTÁ MORTA POR
DENTRO.*

(ANEXO 1, Acervo pessoal. Texto escrito por uma aluna do 3º ano noturno, 2019).

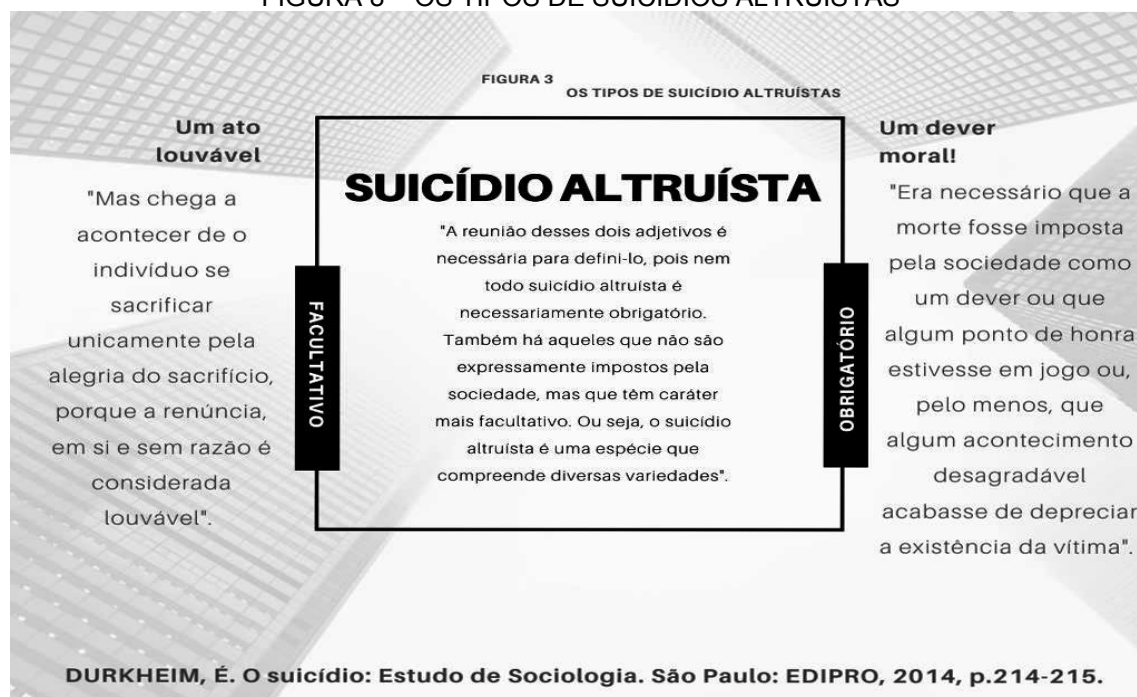
Na terceira página são expressos os conflitos com a sua crença: as dificuldades em viver segundo os mandamentos que foi ensinada; o desejo de retornar a um momento anterior; a crença de que qualquer mudança só seria possível se acontecesse um milagre. No entanto, fica evidente o desejo de ser mais simpática, amorosa e gentil.

Percebe-se também que a estudante não se aceita, se acha feia e acredita estar preparada para se encontrar com Deus – já que ela termina sua carta afirmando que “o suicídio, acontece porque a pessoa já está morta por dentro”.

A dicotomia entre o que ela gostaria de ser e o que ela acha que é fica evidente em seu texto. Com isso, ao mesmo tempo em que ela expressa que o suicídio acontece porque a pessoa já morreu por dentro – evidenciando, assim, o dever moral de se matar, como descrito por Durkheim sobre o suicídio altruísta –, ela também demonstra o desejo de melhorar, de se encaixar nos padrões defendidos por sua religião e, nesta medida, sua religiosidade a protegeu de efetivar o ato.

Para facilitar a compreensão do conceito de Durkheim, a FIGURA 8 traz um mapa conceitual elaborado a partir das diferenças apresentados por Durkheim no livro “O suicídio”, nas páginas 214 e 215.

FIGURA 8 – OS TIPOS DE SUICÍDIOS ALTRUÍSTAS



FONTE: Durkheim (2014, p. 214-215).

Num primeiro momento, a distinção entre o suicídio egoísta e o suicídio altruísta podem não ficar tão claras. Sendo assim, com o objetivo de eliminar qualquer possibilidade de confusão, Durkheim apresenta as características que diferenciam o suicídio altruísta do suicídio egoísta na seguinte passagem:

[...] Enquanto o egoísta é triste porque não vê nada de real no mundo além do indivíduo, a tristeza do altruísta intemperante vem, ao contrário, de que o indivíduo lhe parece destituído de toda realidade. Um não tem apego à vida porque, não percebendo nenhum objetivo pelo qual possa se interessar, sente-se inútil e sem razão de ser; o outro, porque tem um objetivo, mas situado fora dessa vida, que lhe parece, então, como um obstáculo. Assim, a diferença das causas também se encontra nos efeitos, e a melancolia de um é de natureza totalmente diferente da melancolia do outro. A do primeiro é feita de um sentimento de lassidão¹⁷ incurável e de um abatimento sombrio, exprime um declínio completo da atividade, que, não podendo ser empregada de modo útil, entra em colapso. A do segundo, ao contrário, é feita de esperança; pois se deve, justamente ao fato de que, para além dessa vida, são vislumbradas perspectivas mais belas. Chega até a implicar o entusiasmo e os arroubos de uma fé impaciente de se satisfazer e que se afirma por atos de grande energia (DURKHEIM, 2014, p. 217).

Durkheim descreve uma série de exemplos de suicídios altruístas presentes em diferentes religiões: hinduísmo, budismo, jainismo e no cristianismo.

¹⁷ O termo utilizado por Durkheim diz respeito a um esgotamento diante da própria existência

Para ele, o hindu se mata com facilidade, desde que tenha atendido às exigências imposta pelas leis de Manu de que tenha atingido “uma certa idade, que tenha deixado pelo menos um filho” (DURKHEIM, 2014, p. 215).

Já para o budismo, “a ideia de que o homem deve fugir à existência está a tal ponto no espírito desta doutrina” (DURKHEIM, 2014, p. 216), que muitas vezes o suicídio foi interpretado como uma de suas práticas religiosas – mesmo que sua doutrina defenda que esta anulação de si não exija práticas violentas.

Durkheim também demonstra que no hinduísmo e no jainismo do sul a busca pela morte podia ser uma prática comum.

Mas, em sua visão, o cristianismo diferencia-se de outras sociedades primitivas pois:

O cristão não representa sua passagem nesta terra sob um aspecto mais alegre que o sectário de Jina. Vê nela apenas um tempo de provações dolorosas; também ele julga que sua verdadeira pátria não é desse mundo, e entretanto sabemos a aversão ao suicídio que o cristianismo professa e inspira. É por que as sociedades cristãs dão ao indivíduo um espaço bem maior que as sociedades anteriores. [...] Assim, o individualismo moderado que existe no espírito do cristianismo impediu-o de favorecer o suicídio, apesar de suas teorias sobre o homem e seu destino (DURKHEIM, 2014, p. 218).

Como parte de sua provação, o cristão é impelido a continuar nesta vida. Embora sua existência neste mundo seja sofrida, é necessário enfrentá-lo como forma de alcançar os benefícios da vida futura.

Na sequência, Durkheim expressa a importância das representações como forma de exprimir a realidade construída:

Não são ideias abstratas que conduzem os homens, e não seria possível explicar o desenvolvimento da história pela ação de puros conceitos metafísicos. Tanto para os povos como para os indivíduos, as representações têm, antes de tudo, a função de exprimir a realidade que constroem; ao contrário, provém dela, e, se depois servem dela para modificá-la, é sempre numa medida muito restrita (DURKHEIM, 2014, p. 218).

O suicídio altruísta é marcado por muita integração social. Mas, para Durkheim, é cada vez mais difícil encontrar esse modelo nas sociedades contemporâneas, já que a excessiva individuação impede a existência de laços societários coesos e unificadores de uma sociedade. Para ele, “o suicídio egoísta

encontra-se em estado crônico” (DURKHEIM, 2014, p. 220). Apesar disso, é possível a existência de casos isolados, sendo possível acontecer no serviço militar.

Para ele, o elevado índice de suicídios entre os militares, em princípio, é surpreendente se comparado a outros grupos de uma mesma sociedade. Por isso, propôs três hipóteses como uma tentativa de definir a taxa de suicídio deste grupo:

- 1) resulta da mudança brusca de hábitos;
- 2) decorre do excesso de disciplina imposto para esta categoria;
- 3) é fruto de uma aversão à vida militar e suas obrigações.

No entanto, o autor conclui que a vida militar é marcada pela impessoalidade. Ou seja, ela exige uma abdicação total do indivíduo e, quanto maior o tempo que o soldado está vinculado ao serviço militar, menor é o seu grau de individuação:

Assim se explicaria por que o coeficiente de agravamento aumenta com a duração do serviço; é porque essa aptidão à renúncia e esse gosto pela impessoalidade se desenvolve depois de um adestramento mais prolongado. [...] As condições favoráveis ao suicídio altruísta são, portanto, realizadas de modo menos completo nele do que no suboficial; tendo um sentimento mais vivo do que vale sua vida, ele é menos inclinado a desfazer dela (DURKHEIM, 2014, p. 226).

Os suicídios altruístas entre os civis são regidos por princípios e causas diferentes dos militares. A limitação do indivíduo pode ser profilática do suicídio em certa medida, mas a sua anulação excessiva pode ser a sua causa, como ocorre no caso dos militares.

O suicídio altruísta é comumente interpretado como um tipo de ato heroico. Por isso, criou-se um distanciamento da morte de si mesmo. Mas é justamente por esse motivo que Durkheim alerta para o risco de fundamentar o tipo de suicídio no sentimento que ele desperta.

[...] Apoiamo-nos no fato de que os motivos que originam alguns suicídios encontram-se, sob uma forma ligeiramente diferente, na base de atos que todo mundo vê como morais. Mas é diferente com o suicídio egoísta? O sentimento de autonomia individual não tem sua moralidade, como o sentimento contrário? Se esse é condição de alguma coragem, se fortalece os corações até mesmo a ponto de endurecê-los, o outro os amole e abre-os à piedade. Se, nos lugares em que reina o suicídio altruísta o homem está sempre pronto a dar a sua vida, em compensação ele tampouco tem em grande conta a vida do outro. Ao contrário, nos lugares em que ele eleva tanto a personalidade individual que não percebe nenhuma finalidade que a supera, respeita-a nos outros. O culto que tem por ela faz com ele sofra por tudo que possa diminuí-la, até mesmo em seus semelhantes. Uma maior simpatia pelo sofrimento humano sucede às devoções fanáticas dos tempos primitivos. Cada espécie de suicídio é, portanto, apenas a forma exagerada ou desviada

de uma virtude. Mas a maneira como eles afetam a consciência moral não os diferencia o bastante para que tenhamos o direito de fazer deles gêneros separados (DURKHEIM, 2014, p. 233).

4.1.3 O suicídio anônimo

Dentro da disciplina de Filosofia, no estado do Paraná, o conteúdo estruturante da Estética normalmente é trabalhado com os estudantes do 3º ano do ensino médio.

Nos anos de 2016 e 2018 desenvolvi com os (as) estudantes do 3º ano do ensino médio uma atividade em que eles deveriam expressar, através de fotografias autorais, o que eles entendiam como Vida e Morte. Cada estudante deveria produzir uma fotografia que estivesse associada ao conceito de vida e outra ao conceito de morte.

Nesse contexto foram produzidas e encaminhadas 194 imagens no total. Uma pequena quantidade de imagens prontas foi retirada da internet, embora isso não tenha atrapalhado a análise dos materiais – pois mesmo não sendo uma imagem autoral, a representação social do conceito de vida e morte estava presente nas imagens escolhidas.

Esse exercício possibilitou uma leitura do modo como aqueles estudantes representam socialmente suas concepções de vida e de morte. Além disso, a atividade também confirmou que a representação social do suicídio está presente na esfera da juventude.

Agora tomaremos como referência algumas imagens produzidas por aqueles estudantes¹⁸ e que estão associadas especificamente à temática do suicídio.

¹⁸ Todas as imagens tiveram os rostos alterados digitalmente com o objeto de preservar a privacidade e anonimato dos estudantes.

FIGURA 9 – COLETÂNEA DE IMAGENS PRODUZIDAS PELOS ESTUDANTES



FONTE: Acervo pessoal.

Para Durkheim, o suicídio anômico é diferente do suicídio egoísta e do suicídio altruísta, já que o suicídio egoísta “provém do fato de os homens já não perceberem razão na vida” (DURKHEIM, 2014, p. 254) e o suicídio altruísta decorre “do fato de essa razão lhes parecer estar fora da própria vida” (DURKHEIM, 2014, p. 254). Então o que define o suicídio anômico?

O suicídio anômico pode ser definido como aquele que decorre “do fato de sua vida ser desregrada e de eles sofreram com isto” (DURKHEIM, 2014, p. 254). A sociedade desempenha um papel regulador na vida de um indivíduo e, quando ocorre essa anomia social, o resultado pode ser o suicídio. Ou seja, uma vez que o indivíduo não se identifica com a sociedade e suas regras, e vivencia essa anomia social, ocorre o suicídio anômico.

Para o autor existe uma proximidade entre o suicídio anômico e o suicídio egoísta, já que em ambos os casos “a sociedade não está suficientemente presente no indivíduo” (DURKHEIM, 2014, p. 254). Mas o que os diferencia é que “No suicídio egoísta ela faz falta à atividade propriamente coletiva, deixando-a, assim desprovida de objeto e de significado” (DURKHEIM, 2014, p. 254), enquanto que “No suicídio anômico, é as paixões propriamente individuais que ela faz falta, deixando-as, assim sem freio que as modere” (DURKHEIM, 2014, p. 254).

A sociedade funciona como um regulador das paixões nos casos vinculados aos suicídios anômicos.

[...] Podemos remeter à sociedade tudo o que há de social em nós, e não saber limitar nossos desejos; sem sermos egoístas, podemos viver no estado de anomia, e vice-versa. Assim, não é nos mesmos meios sociais que esses dois tipos de suicídio recrutam sua principal clientela; um tem como terreno preferido os intelectuais, o mundo pensante; o outro o mundo industrial ou comercial (DURKHEIM, 2014, p. 254).

A análise durkheimiana demonstra que o suicídio anômico decorre de mudanças sociais bruscas. Ou seja, ela pode ser causada por uma transformação econômica brusca na sociedade, perturbações de ordem coletiva ou transformações vinculadas à família do indivíduo. A partir desse ponto, o indivíduo entra em um estado de anomia e a sociedade perde seu papel regulamentador, pois não faz mais sentido para ele.

A anomia é um reflexo direto de uma sociedade: “Um ser vivo qualquer só pode ser feliz e até mesmo viver se suas necessidades são compatíveis com seus meios” (DURKHEIM, 2014, p. 242). Por isso, “[...] Quando o vazio que a vida abriu em suas próprias reservas está preenchido, o animal fica satisfeito e não pede mais nada” (DURKHEIM, 2014, p. 242).

Parafraseando Zenão, Durkheim afirma que:

Ora, não se avança quando não se caminha em direção a nenhum objetivo ou, que dá no mesmo, quando o objetivo em direção ao qual está no infinito. Como a distância que nos separa dele permanece sempre a mesma, seja qual for o caminho que tenhamos feito, é como se tivéssemos nos agitado esterilmente no mesmo lugar. [...] Perseguir um fim inacessível por hipótese é, pois, condenar-se a um perpétuo estado de descontentamento (DURKHEIM, 2014, p. 243).

Cada indivíduo possui uma necessidade específica, mas a luta para atender a essas necessidades não ocorre em condições justas. Isso implica em uma redução da coesão social e amplia a necessidade de coerção social.

O rompimento dos laços societários decorre do surgimento de um novo modelo social, menos coercitivo e que delega mais autonomia aos indivíduos. A regulação social perde força “e é daí que vêm essas bruscas ascensões de curvas dos suicídios” (DURKHEIM, 2014, p. 248).

Durkheim prossegue afirmando que “O estado de desregramento ou de anomia é, portanto, reforçado pelo fato de que as paixões estão menos disciplinadas

no exato instante em que elas precisam de uma disciplina mais austera” (2014, p. 249).

A anomia decorre dessa falta de regulação da vida social e, segundo o autor, cabe à sociedade disciplinar as ações dos indivíduos. Mas em um contexto em que essa regulação é muito fraca ou inexistente, o indivíduo fica abandonado à própria sorte. As transformações sociais que nos guiaram às sociedades modernas enfraqueceram as relações de controle existentes sobre a vida do indivíduo, quer seja na vida econômica, religiosa ou familiar.

Ora, não é em um instante que a sociedade pode curvá-los a essa vida e ensiná-los a exercer sobre elas essa contenção suplementar a que não estão acostumados. Disso resulta que eles não estão ajustados à condição que lhes é feita e cuja própria perspectiva lhes é intolerável; donde os sofrimentos que os afastam de uma existência diminuída antes mesmo que eles a experimentem.

[...] Pois, com as relações entre diversas partes da sociedade necessariamente se modificaram, as ideias que exprimem que essas relações já não podem continuar as mesmas (DURKHEIM, 2014, p. 248-249).

Se o enfraquecimento ou a quebra dos laços societários é o fator responsável pela anomia em nossa sociedade, então o fortalecimento desses laços é sua profilaxia.

Desse modo, Durkheim aponta o modo como a religião pode ser um profilático contra o suicídio na medida em que ela pode reestabelecer laços societários. Ou seja, quanto maior o grau de coerção social imposto por uma religião, maior será a integração social entre os indivíduos que a compõem e, conseqüentemente, menores serão os casos de suicídio. Por esse motivo, os adeptos do judaísmo apresentam menos casos de suicídios que os do catolicismo e os do protestantismo.

A investigação de Durkheim sobre o suicídio prossegue e ele busca verificar se existe algum tipo de relação entre o suicídio e o gênero de morte escolhida pelo suicida. Então ele conclui que “são as causas sociais que determinam essas escolhas, pois a frequência dos diferentes modos de suicídio permanece invariável durante bastante tempo para uma mesma sociedade” (DURKHEIM, 2014, p. 287). Ou seja, “cada povo tem seu gênero de morte preferido, [...] as causas sociais são tão preponderantes que a influência dos fatores cósmicos não parece apreciável” (DURKHEIM, 2014, p. 288).

A obra do sociólogo polonês Zygmunt Bauman dialoga diretamente com a ideia do rompimento dos laços societários apresentada por Durkheim como a causa

da anomia social. Para Bauman (2001), o mal-estar social decorre do modo como as relações humanas se tornaram maleáveis e líquidas. A forma que estabelecemos para alcançar a felicidade é mediada pelo consumismo desenfreado. Sendo assim, é possível afirmar que as ideias apresentadas e defendidas por Durkheim são válidas e relevantes para nossa sociedade ainda hoje.

4.2 ENTRE A CELEBRAÇÃO E O LAMENTO: RELICÁRIOS

Conforme apresentado na metodologia, a atividade do Relicário foi totalmente inspirada em uma atividade proposta pela professora Ana Luisa Fayet Sallas em um curso de extensão universitária.

Os relicários foram desenvolvidos por discentes do 3º ano do ensino médio no ano de 2019. O objetivo desse trabalho estava vinculado ao conteúdo estruturante de Estética, dentro da disciplina de Filosofia, mas também seria um trabalho de encerramento do ciclo escolar na vida daqueles estudantes.

O trabalho foi desenvolvido durante as aulas e deveria ser apresentado ao final do trimestre. Cada estudante deveria escolher algo de sua vida que gostaria de compartilhar com seus colegas e contar através de um conjunto de objetos, fotografias e o que mais julgassem necessário para o processo. Mas em hipótese alguma a atividade poderia ser verbalizada: pois os estudantes que não realizaram seus relicários deveriam interpretar os relicários dos colegas para validarem sua participação na atividade.

Novamente a morte aparece em foco, pois mesmo tendo total liberdade para contar uma história sobre qualquer momento de suas vidas, alguns destes(as) estudantes optaram por compartilhar a sua dor, mas ao final dos trabalhos relataram que esta experiência foi algo libertador, uma experiência de purificação que transformou suas vidas, pois o que o antes era motivo de dor tornou-se inspiração para seus colegas e para mim.

O relicário apresentado na FIGURA 10 corresponde ao desejo de um estudante de compartilhar suas conquistas esportivas com seus colegas.

FIGURA 10 – MINHAS CONQUISTAS



FONTE: Acervo pessoal.

Já a FIGURA 11 é composta por uma coletânea dos relicários apresentados. Suas temáticas foram muito variadas, mas todos os estudantes que participaram da atividade contaram uma história marcante de suas vidas – sem verbalizar.

FIGURA 11 – RELICÁRIOS DIVERSOS



FONTE: Acervo pessoal.

O relicário na parte superior retrata uma amizade desfeita (abaixo está a transcrição da história contada pela autora); os relicários centrais retratam a infância e os brinquedos preferidos daquele período; o último relicário retrata a descoberta da maternidade e vai desde o exame que atestou a gravidez até o nascimento e desenvolvimento da filha.

Transcrição da descrição do relicário da FIGURA 11 – RELICÁRIOS DIVERSOS:

Foram doze anos quase treze anos de amizade, eu e a menina que me ensinou a ser amiga começamos a escola na mesma série; e estudamos os quatro anos juntas no ensino fundamental I; e no contra período estudávamos no colégio de freiras, ficávamos lá para que nos nossos responsáveis trabalhassem; foi uma linda infância, desde as 7:00 até às 17:00 juntas. Brincávamos de Wink, caçador, boneca, era parquinho; apresentação, almoço, café, atividades... tudo isso fazíamos juntas. Crescemos, chegou a hora de ir para o ginásio, e eu fiquei na mesma turma que ela, o quinto ano seguido; passamos pela puberdade juntas, dividimos histórias do primeiro amor, nesse primeiro ano no ginásio conhecemos outras duas meninas, passaram os anos...

Sexto, sétimo, oitavo, primeiro, segundo e terceiro estudando na mesma sala, queria descrever a primeira vez que dormimos juntas, a primeira vez que fomos ao shopping, pizzaria, queria descrever todos os nossos passeios todas às vezes que tomamos banho de chuva, as vezes que passamos tardes inteiras juntas com a desculpa de fazer trabalho, fizemos tantas coisas, são tantas histórias...

*G. → 12 anos “melhor Amiga”
estudamos 6 anos no ginásio, e um ano ficamos longe, mas a amizade era a mesma.*

*L. e A.: 7 anos
Juntas desde a 6º série ao 3º ano;
_____ || _____ || _____
eu iniciei o ensino fundamental com a bili e adoraria terminar esse ano junto com ela*

(Acervo pessoal. Texto escrito por uma aluna do 3º ano na atividade Relicários em 2019).

No relato acima é possível identificar um sentimento de luto em vida. A amizade foi tão significativa que, ao ser rompida, converteu-se em algo abominável – como demonstrado pela foto –, mas ao mesmo tempo puro e saudosista, como descrito no relato da autora.

Os relicários abordaram temáticas diversas, mas os que causaram mais comoção falavam sobre morte.

A FIGURA 12 demonstra o modo como uma filha que perdeu sua mãe teve que lidar com essa situação e ressignificar sua dor em algo que a fizesse crescer.

Na FIGURA 13 temos o trabalho elaborado por uma jovem que perdeu seu amor e não teve a chance de se despedir.

Por fim, a FIGURA 14 apresenta um Relicário que conta a história de dois irmãos: o modo como se relacionavam e a morte precoce dele – o que posteriormente resultou em uma tentativa de suicídio da autora.

FIGURA 12 – MINHA MÃE, MEU GUIA



FONTE: Acervo pessoal.

De acordo com a autora, o tema desse relicário é “O impacto da morte para quem ainda é um observador”. Segue a transcrição do esboço do que a estudante pretendia com o seu trabalho:

Transcrição da descrição do relicário da FIGURA 12 – MINHA MÃE, MEU GUIA:

O relicário, irá conter objetos e fatos que eu acredito que foram fundamentais para moldar o ser humano que sou, momentos de angústia e perdição. A minha experiência com a morte de alguém que jamais imaginei viver sem, e como consigo tirar uma análise positiva de tal situação. Um processo de compreensão que demanda tempo, logo esse processo encontra-se em andamento, e é claro que existe uma variação de perspectivas sobre o mesmo tema.

Os objetos a serem utilizados, serão um rosário que deverá simbolizar a morte, fotos e outros objetos que definirei adiante, iram, representar a vida, e as belezas escondidas por trás de toda dificuldade que inevitavelmente vem com ela.

(Acervo pessoal. Texto escrito por aluna do 3º ano na atividade Relicários em 2019).

A seguir, algumas transcrições das interpretações que os colegas de sala tiveram sobre o Relicário da FIGURA 12.

Estudante 1: “Ela fala sobre a sua mãe que faleceu, os objetos na caixa são objetos da sua mãe que tem um significado importante para ela”.

Estudante 2: “Conta a história da sua mãe, mostra o quanto ela é importante em sua vida, e o quanto ambas se amaram”.

Estudante 3: “A morte de sua mãe, seus objetos como o relógio, óculos e cartãozinho, representa a falta que ela sente da sua mãe”.

Estudante 4: “Ela fala sobre a sua mãe que faleceu, os objetos na caixa são objetos da sua mãe que tem um significado importante para ela”.

Os relatos dos colegas não conseguiram identificar este processo de transformação, da consolidação de uma identidade ou dos momentos de angústia e perdição que a estudante vivenciou através da perda da mãe.

Em todos os relatos analisados, a mãe da estudante apareceu como protagonista do relicário, assim como os laços afetivos existentes entre elas.

O relicário da FIGURA 13 não tem transcrição da visão da autora, pois ela não conseguiu produzir o esboço ou o resumo do relicário devido à forte emoção que a arrebatava sempre que pensava no assunto.

Embora este relato faça falta, posso afirmar que a exposição do Relicário foi muito marcante para mim enquanto ouvinte, professor e, principalmente, como pessoa.

FIGURA 13 – O AMOR É UM SONHO!



FONTE: Acervo pessoal.

Os elementos da imagem são muito marcantes. A bandeira do Brasil representa o exército brasileiro, para o qual a pessoa representada nas duas fotografias prestou o serviço militar obrigatório. Os sapatos foram os mesmos que a estudante utilizou no primeiro encontro do casal. O globo retrata o desejo de conhecer o mundo juntos, mas os objetos foram dispostos de uma maneira que demonstra que o sonho não se concretizou. Por fim, as fotos em preto e branco representam que o jovem morreu – vítima de câncer.

O último relicário foi intitulado “Dois irmãos e um sonho”. A autora produziu dois relatos escritos em sua atividade, sendo o primeiro um esboço do que pretendia e o segundo a história dos objetos utilizados.

FIGURA 14 – DOIS IRMÃOS E UM SONHO...



FONTE: Acervo pessoal.

Transcrição do esboço da FIGURA 14 – DOIS IRMÃOS E UM SONHO...:

Esboço:

Como pretendo trabalhar: A ideia é apenas contar um pouco da minha vida com o meu irmão, desde o dia em que nos conhecemos até um momento de um último abraço de ADEUS.

Objetos que pretendo usar: palhetas, fotos, carta, pelúcia, violão de brinquedo, colar, pedra azul, letra de uma música que eu compus para ele. (Acervo pessoal. Texto escrito por aluna do 3º ano na atividade Relicários em 2019).

O seguinte texto é a explicação da aluna para a escolha dos objetos usados na atividade:

Transcrição da história dos objetos da FIGURA 14 – DOIS IRMÃOS E UM SONHO...:

História dos objetos

Os objetos que serão usados são exatamente um meio de recordar os bons momentos que passei ao lado do F. A palheta representa o amor que nós tínhamos pela música, o colar foi um presente que comprei e não tive tempo

de entregar, a foto, como uma boa recordação, e cada um deles tem um significado especial, inclusive a música que compus quando ele se foi.
(Acervo pessoal. Texto escrito por aluna do 3º ano na atividade Relicários em 2019).

Abaixo foram transcritas algumas das interpretações que os colegas de sala tiveram sobre o Relicário da FIGURA 14.

Estudante 1: “Pelos objetos do relicário a história seria sobre a amizade de duas garotas, que uma delas por uma fatalidade veio a falecer por um problema de saúde”.

Estudante 2: “As coisas no relicário representam a história dela com o seu irmão que faleceu, na caixa tem várias coisas que ele deu a ela e inclusive uma palheta de violão que supostamente deu a ela, pois eles tocavam violão juntos”.

Estudante 3: “O relicário tem fotos, colares, roupas e até uma música que presumo ter sido escrita por ela. Esse conta a história dela com uma pessoa próxima e importante, que penso ser o irmão, essa pessoa morreu e faz muita falta”.

Estudante 4: “fala sobre a perda de uma pessoa que do nada perdeu seu irmão e hoje ela sente muitas saudades por ele mais isso não será muito fácil”.

O objetivo da estudante era retratar um pouco da sua trajetória de vida com seu irmão e mostrar os objetos que fizeram parte dela. Vale ressaltar que a autora desse relicário é a mesma pessoa que escreveu um relato de ideação suicida durante uma avaliação de química (FIGURA 7). Os relatos dos colegas são marcados pelo sentimento da “FALTA”, mesmo no caso do relato da Estudante 1, que confundiu a perda de um irmão com a perda de um amigo.

4.3 FESTIVAL DO MINUTO

O festival do minuto foi uma atividade interdisciplinar organizada pelos professores de Geografia, Artes, Língua Inglesa e Filosofia. A atividade foi aplicada aos estudantes do ensino médio noturno como forma de promover o ensino através de uma metodologia ativa. Os estudantes deveriam trabalhar em grupos e escolher um tema de seus interesses para produzir um vídeo de 1 minuto que contasse uma história.

A produção extrapolou as expectativas e foram necessárias duas noites de exibição para que todos os curtas fossem exibidos. A maioria dos vídeos retratavam

o cotidiano de uma maneira engraçada, mas dois vídeos retrataram a morte como temas centrais.

Os dois vídeos foram produzidos por estudantes do 3º ano do ensino médio. O primeiro vídeo retrata uma jovem sendo perseguida e assassinada dentro do banheiro da escola. Já o segundo vídeo relata a história de uma jovem que queria conversar com sua amiga, mas esta não lhe deu atenção; em um ato de desespero e, por se sentir totalmente sozinha, a jovem se matou.

Novamente o desejo das jovens de falar sobre a morte se fez presente. O tema era livre, mas elas sentiram a necessidade de falar sobre ele mesmo assim. Apesar disso, elas ficaram receosas, pois reconhecem que a morte é vista como um tabu. O que concretizou a atividade foi a decisão de que valia a pena problematizar o tema e tentar conscientizar os colegas e a comunidade escolar sobre a necessidade desmistificá-lo.

4.4 ESCRITA COLETIVA

A escrita coletiva foi aplicada a estudantes dos segundos e terceiros anos de duas escolas estaduais, sendo uma localizada na região central e outra em um bairro mais periférico.

O objetivo da atividade era estimular a leitura crítica e a interpretação dos fatos para produzir um texto que apresentasse coesão, mesmo diante da inconstância.

Para isso, foi selecionado um conjunto de músicas que falavam sobre automutilação, morte, suicídio e esperança.

Os estudantes foram divididos em grupos e receberam uma letra de música, que deveria ser o seu ponto de partida para história que iriam contar. A cada 10 minutos os grupos deveriam pegar a próxima música e incorporá-la à sua história. A escrita do texto só poderia terminar depois que todos os grupos tivessem incorporado todas as letras de música ao seu texto original.

Findada a escrita, os grupos deveriam ilustrar suas histórias da maneira que julgassem adequadas. Abaixo serão apresentados três desses trabalhos de maneira completa (com a imagem e a transcrição do texto), e outros três trabalhos podem ser consultados no ANEXO 1 (apenas as imagens produzidas para ilustrar os textos).

Transcrição do texto que acompanha a FIGURA 15 – EU CLARICE:

Eu Clarice

Eu Clarice tenho quatorze anos e estou cansada de ser menosprezada e não estou sabendo lida com esse sentimento, estou cada vez mais presa, em mim mesma, me sinto dentro de uma gaiola.

Em meu banheiro corto meus pulsos mais uma vez, na tentativa de esquecer da dor presente em mim, os outros me julgam me menosprezam e não entendem a minha dor, eles não sabem o vazio que sinto quando estou em meu quarto, o mundo lá fora não é mais o mesmo, o mal está lá fora e não é seguro sair.

Em uma tentativa de mudar tudo, descidi colocar uma máscara de uma pessoa sadia, que estava totalmente livre em seus sentimentos, buscando refúgio em tudo que via pela frente, bebidas, drogas, cortes, coisas vazias, que trariam soluções momentâneas. Isso era uma tentativa para eu não cometer suicídio. Portanto nenhum desses meios foram suficientes para me manter sã.

Em meio dessa idas e vindas, decidi colocar um ponto final, aqui estou eu na sacada do meu quarto, prestes a mudar para solução de tudo, então escuta-se uma voz de longe dizendo “ei moça, sai da sacada, você é muito nova tem muito que viver”. Porém eu neguei isso, não foi o suficiente para me fazer desistir, é que não se dá mais para ficar em um mundo que ninguém te vê, pois quem se importa se mais uma luz se apagar? Em um céu de um milhão de estrelas, um momento é tudo que somos e o meu acabou.

Permita que eu fale não as minhas cicatrizes, elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes, que nem devia estar aqui.

Ninguém sabe o que aconteceu, ela se jogou da janela do quinto andar, nada é fácil de entender. E o que dizem que foi por causa de um coração partido.

Segundo familiares, a alguns anos atrás, Clarice namorou Jhonny, ele era um cara legal, mas andava meio quieto demais, só que ninguém percebeu, e até hoje, quem se lembra, diz que não foi um caminhão, nem a curva fatal e nem a explosão, ele só tinha dezesseis anos.

Que isso sirva de aviso a vocês, pois não foi o suficiente para os pais de Clarice, que acabou se consumindo pela depressão.

(Acervo pessoal. Texto escrito por estudantes do 2º ano do ensino médio matutino para a atividade Escrita Coletiva).

FIGURA 15 – EU CLARICE



FONTE: Acervo pessoal.

Transcrição do texto que acompanha a FIGURA 16 – AMARELO:

AmarElo

Desde pequeno minha mãe sempre falava, que ser jovem negro no Brasil, em algumas situações não seria fácil, e em algum momento eu iria sofrer.

Logo que me assumi homossexual, sofri muito, pois são muitas críticas, principalmente por parte da minha família, por dentro, eu estou distroído, é como se eu estivesse sangrando por dentro, tenho chorado pra cachorro, ano passado eu achava que não iria aguentar, mais esse ano eu não morro, pois eu tenho que lutar pelo que eu quero, tenho que defender a vida plena de sentidos e sonhos para todo o povo.

Eu estava assistindo o jornal na hora do almoço, e mais uma vez passa no jornal, a garota que se jogou de um prédio, acabando com sua vida, na notícia havia muita confusão, no momento que descobriram que a garota se jogou, a vida para a família dela será angustiante.

Passou também que Jhonny outro jovem, também se suicidou, por causa de um coração partido, ele era fera demais para vacilar assim, dizia seus amigos, logo ele só tinha 16 anos.

Em meu quarto deitado e pensativo escutando "One more night", ao som dela reflito que devemos amar e buscar saber como estão as pessoas do agora, pois só se importamos, percebemos o quanto aquela pessoa que partil e que nos faz falta.

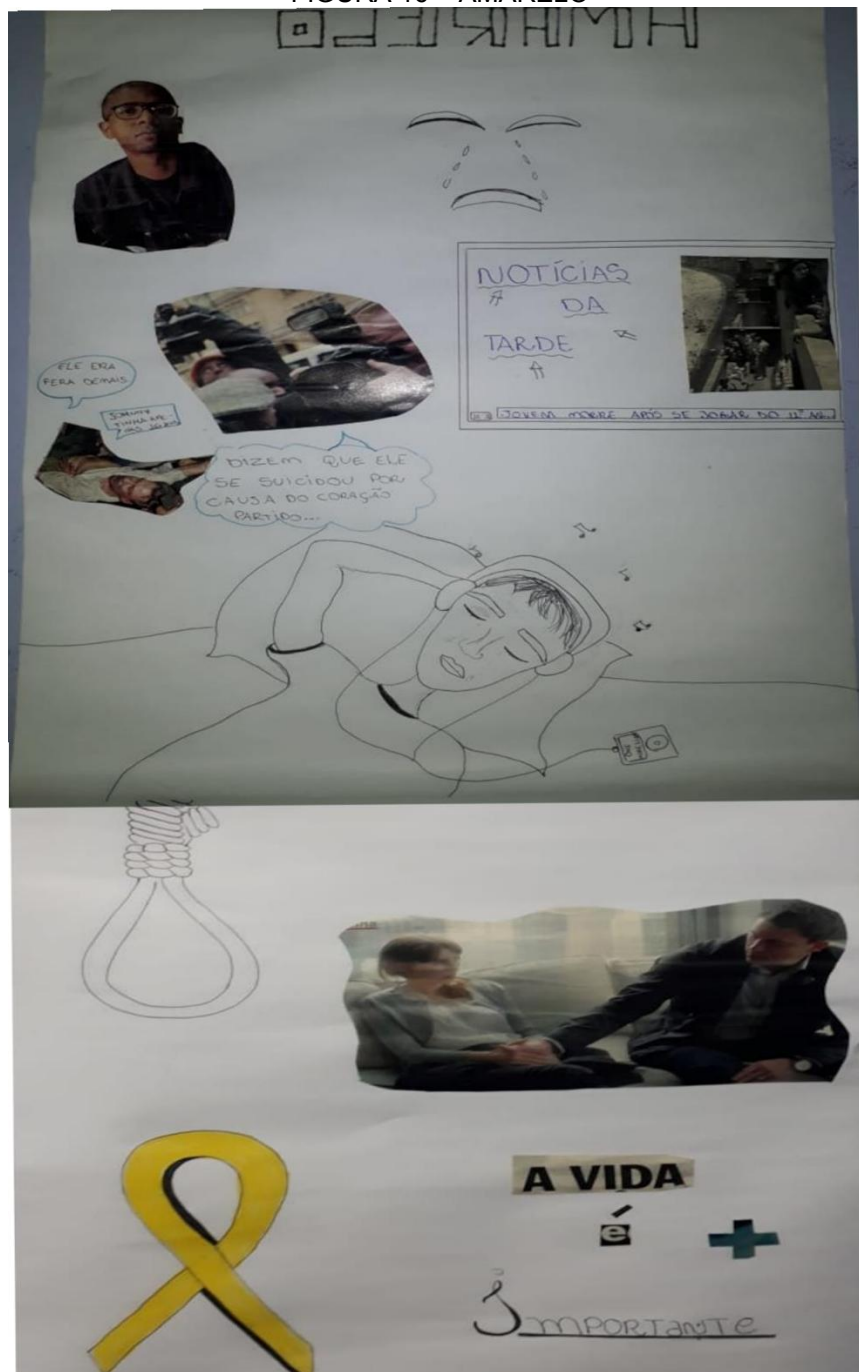
E isso é ruim, pois devemos dar mais valor a vida e as pessoas que passaram por ela, pois ignoramos muitas coisas ao nosso redor.

De tanta dor e angústia, eu já menti falando que estava bem, mesmo estando com o coração partido e o braço todo cortado, e para fugir de toda essa angústia, desse dia a dia, eu saio e bebo até cair, para acabar com isso de dentro de mim. A cada dia que que passa, a cada dia que eu vivo, eu percebo que não somos só nós que sofremos, que queremos se suicidar, mas o nosso mundo está tão caótico que quer se matar. Como eu, e como me sinto, há muitas pessoas, não sabemos ao certo como isso acontece, mas os sintomas, mas pode ser o que chamamos de "DEPRESSÃO".

Cuidar de si próprio e do próximo é essencial!!

(Acervo pessoal. Texto escrito por estudantes do 2º ano do ensino médio matutino para a atividade Escrita Coletiva).

FIGURA 16 – AMARELO



FONTE: Acervo pessoal.

Transcrição do texto que acompanha a FIGURA 17 – AMARELO 2:

AmarElo¹⁹

A um ano atrás, eu era uma versão diferente do que sou hoje. Me **cortava** no banheiro com meu pequeno **canivete**, me sentia **presa** mesmo em um mundo que se denomina livre, mesmo com **voz** ninguém me **escutava** e eu vivia minha dor calada.

E o suicídio parecia a única **saída**, mas eu não queria deixar meus pais sofrendo nesse mundo que só me faz sofrer. Tentavam me ajudar, mas eu **não** conseguia **aceitar**, pois na minha percepção o mundo não tem nada a me oferecer. E quem se importa se mais uma **luz se apagar** em um **céu** de 1 milhão de **estrelas**?

Mas de uns tempos para cá meio que sem querer alguma coisa aconteceu, meu **coração** parou de bater. Nessa vida aprendi que precisamos **amar as pessoas** como se não houvesse amanhã, porque o amanhã pode ser tarde e que somos um grão de areia **ÚNICO** e **INSUBSTITUÍVEIS**, assim como as **estrelas** que mesmo se uma perder o seu **brilho**, **todas sentirão sua falta**.

(Acervo pessoal. Texto escrito por estudantes do 3º ano do ensino médio matutino para a atividade Escrita Coletiva).

FIGURA 17 – AMARELO 2



FONTE: Acervo pessoal.

Os resultados foram surpreendentes e, embora os fatos mudassem o tempo todo, a maioria dos grupos conseguiu criar um texto coerente e atentar para o fato de

¹⁹ As palavras destacadas foram marcadas pelos próprios estudantes no texto original.

que muitas músicas que eles ouviam ou cantarolavam falavam sobre suicídio, automutilação ou sobre morte. Antes não tinham tomado consciência disso, mesmo que nas letras isso estivesse explícito.

4.5 MATERIAIS ESPONTÂNEOS

Os materiais espontâneos surgiram sem a mediação de um professor e foram coletados nos anos de 2018 e 2019.

4.5.1 Iniciação à pesquisa científica

O projeto de iniciação científica foi desenvolvido com os estudantes do 3º ano do ensino médio na disciplina de Filosofia e tinha como objetivo trabalhar o conteúdo estruturante Filosofia da Ciência.

A proposta visava que os estudantes identificassem um problema que lhe incomodasse e desenvolvessem uma proposta de resolução seguindo os princípios ditados pela metodologia de uma pesquisa científica.

Embora essa atividade tenha sido encaminhada pelo professor, os estudantes escolheram a temática livremente. Por esse motivo, este relato está descrito como material espontâneo e não como uma atividade dirigida.

De todo modo, surgiram inúmeras proposições: algumas bem realistas e aplicáveis e outras inverossímeis – tais como a tentativa de substituir o gás de cozinha pelo vapor de gasolina para o preparo de refeições.

Apesar da liberdade de escolha da temática, um dos grupos considerou necessário debater o tema do suicídio. Desse modo, o grupo tinha como objetivo desconstruir alguns conceitos que os colegas carregavam. O grupo era composto por quatro pessoas, sendo três do gênero feminino e uma do gênero masculino; no geral eram estudantes muito quietos e que não se relacionavam com os colegas da turma.

Durante a apresentação do resultado da pesquisa, os integrantes do grupo socializaram com os demais colegas o motivo de terem escolhido o tema: todos os integrantes já haviam manifestado ideação suicida em algum momento de suas vidas, mas não sabiam a quem recorrer. O grupo tentou demonstrar que isto é algo comum, que não precisa ser objeto de vergonha e que, com o auxílio adequado, torna-se mais fácil de enfrentar esse desejo.

Esses e essas estudantes se transformaram durante a apresentação. O medo e a insegurança que transmitiam durante as aulas deu lugar à confiança e à convicção: falavam com a certeza de quem já tinha experienciado a ideação suicida e tentaram demonstrar que o desejo pela morte, a ideação suicida e o desgosto pela vida não são frescuras, mas o sintoma de que algo está errado e precisa ser investigado.

4.5.2 Um pedido de ajuda

Este material é composto por um relato de ideação suicida que foi encontrado no final de julho de 2019, dentro de um estojo de lápis em uma sala de aula, por um grupo de estudantes do 3º ano do ensino médio. Os alunos, por não saberem como agir e movidos pelo anseio de ajudar, encaminharam o material para coordenação pedagógica e para a equipe diretiva. Infelizmente, o autor ou autora nunca foi identificado. Consequentemente, não foi possível auxiliá-lo(a), nem tampouco conhecer o final dessa história.

Segue abaixo a transcrição do texto em que uma pessoa desconhecida faz um pedido de ajuda. Cabe ressaltar, ainda, que o conteúdo é muito pesado e demonstra um sofrimento muito grande (os textos originais foram digitalizados e constam no ANEXO 1 deste documento).

Transcrição de TEXTO – Pedido de ajuda: página 1:

eu achei que o Everton ia me ajudar, ia ficar do meu lado, Poxa si ele soubesse que EU SINTO MEDO ATÉ DO MEU PAI Eu SINTO MEDO ATÉ DELE.

MAS PARA ELE ISSO NÃO FAZ DIFERENÇA, PARA EL TANTO FAZ O QUE EU SINTO, ELE QUANDO ESTA COMIGO SO SABE PERGUNTA QUANDO QUE NÓS VAMOS PARA CAMA, SE ELE SOUBESSE O QUE EU PASSEI SEI QUE PARA ELE NÃO FAZ DIFERENÇA, PX QUE

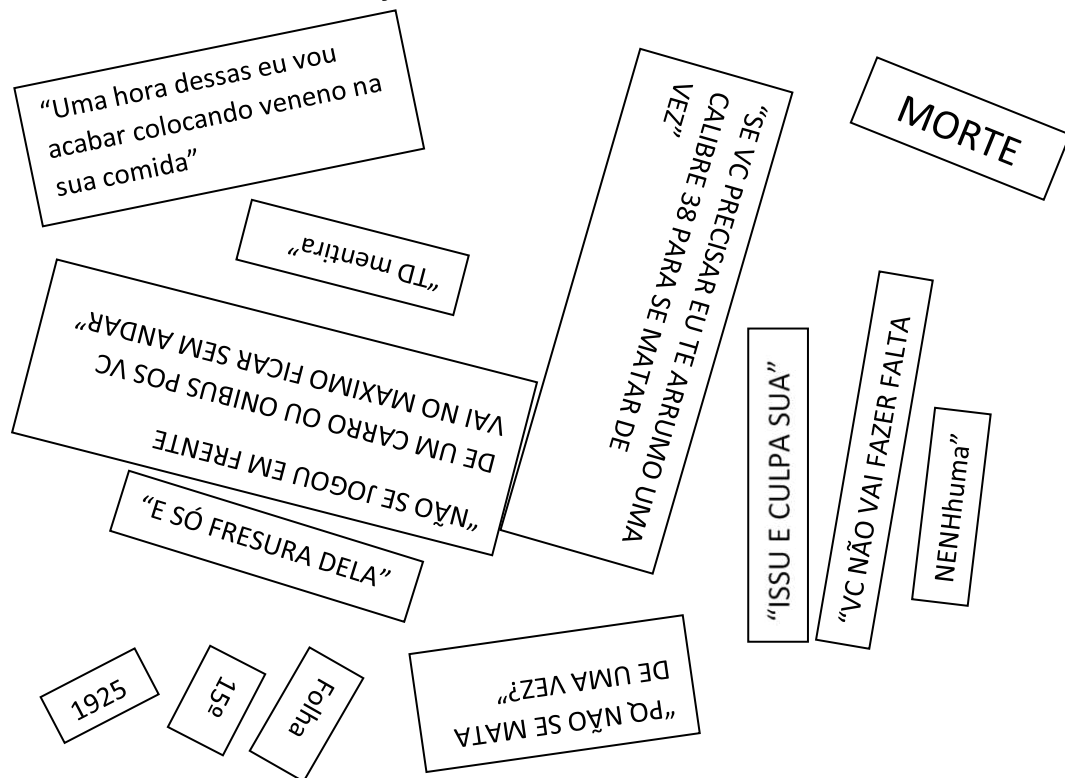
MERDA TD ISSU

EU VOU POR UM FIM NISSU TD SÓ QUE DO MEU JEITO, ACABANDO COM A MINHA VIDA, SO QUE DESTA VEZ NÃO VOU ME INJETAR VENENO NÃO, MUITO MENOS TENTA ME ENFOCAR, PRA NÃO TER PERIGO DA CORDA ARREBENTAR, VOU ME JOGAR NA FRENTE DE UM TREM MESMO, QUANDO ELE ESTIVER EM ALTA VELOCIDADE, PRA NÃO TER PERIGO DE PARA.

ESSA É A ÚNICA SAÍDA INDO DIRETO PARA UM CAIXÃO

(ANEXO 1, Acervo pessoal. Pedido de ajuda encontrado em 2019. Autoria desconhecida).

FIGURA 18 – TRANSCRIÇÃO DE TEXTO – PEDIDO DE AJUDA: PÁGINA 2



FONTE: ANEXO 1, Acervo pessoal. Pedido de ajuda encontrado em 2019. Autoria desconhecida.

Transcrição de TEXTO – Pedido de ajuda: página 3:

Sei lah as imagens daquele cara não sai da minha cabeça, Ainda não tirei da cabeça a ideia de me matar, essa é a melhor saída não adianta passa pela essa bosta de processo ele não vai paga, poxa já e a segunda vez que isso acontece comigo e ngm sabe, eu não consigo falar, sei muitos vão falar que é mentira, ah que bosta de vida, essa merda tinha que acontecer logo cmg. Eu pensei que ia ser forte, mas como a mãe a Priscila falou, eu não sou nada, sou inultio, um nada, uma verdadeira bosta que nem o Marcos já falou para mim. Sei lá queriaser forte, conseguir falar o que o Geraldo fez cmg ou o Osmar. O pior de tudo e que eu me culpo por tudo isso, POR QUE? POR que CMG? Logo EU!

Issu fez com o que eu desistisse até dos sonhos, claro que se minha mãe estivesse do meu lado teria sido mais fácil, se eu tivesse a atenção dela para poder falar, mas eu tentei, pedir ajuda.

Devia ter injetado um veneno mais forte em mim, assim não ia adiantar em nada ele me achar no chão do banheiro, eles tentando me reanimar, que BOSTa, porquê foram

(ANEXO 1, Acervo pessoal. Pedido de ajuda encontrado em 2019. Autoria desconhecida).

Transcrição de TEXTO – Pedido de ajuda: página 4:

me tirar de lá, mal sabe ele que só pioraram a minha situação, eu não ia esta me culpando. Não ia me sentir um nada uma ninguém



(ANEXO 1, Acervo pessoal. Pedido de ajuda encontrado em 2019. Autoria desconhecida).

Transcrição de TEXTO – Pedido de ajuda: página 5:

Por que isso TEM QUE ACÓNTECER LOGO cmg?

So DE LEMBRAR DAQUELA CARA SE ESFREGANDO NE MIM, PASSANDO A MÃO NOS MEUS PEITOS, SE ESFREGANDO NE MIM, QUE NOJO QUE EU SINTO DE MIM MESMA, NOJO DO MEU CORPO, ODIA DA VIDA, ODIO DE TUDO!

Eu queria conseguir seguir em frente sem olha para traz.

Eu devia ter falado tudo naquele depoimento, mas fiquei com medo, de ele vir atraz de mim e fazer alguma coisa, ou fazer pior do que ele fez cmg...

Quero tira todo esse medo de dentro de mim mas não consigo, tentei mas não sou forte para isso.

ALGUEM me ajuda

POR FAVOR



(ANEXO 1, Acervo pessoal. Pedido de ajuda encontrado em 2019. Autoria desconhecida).

O texto tem início com o desabafo (Pedido de ajuda: página 1) de um desejo de que seu companheiro a compreendesse e soubesse o que ela sentia. A autora acredita que, para ele, seus sentimentos não são importantes: tudo o que ele quer é o sexo.

Ela expressa sua insatisfação e acredita que se matar seja a única forma de acabar com o sofrimento. Dá a entender que já tentou suicídio antes, mas que dessa vez ela obteria êxito.

O fragmento da carta evidencia o planejamento do ato. Essa pessoa é alguém que já passou da ideação suicida para ação suicida. Afirma que o veneno não foi efetivo e que o enforcamento poderia não ter êxito. Logo, a alternativa seria se jogar na frente de um trem, sem qualquer possibilidade de salvação.

A segunda página (Pedido de ajuda: página 2) do texto é a mais extravagante em decorrência do modo como foi organizada. São diversas frases entre aspas, ordenadas aleatoriamente pela página, que transmitem a ideia de que correspondem ao julgamento que as pessoas fazem sobre a autora e sobre o ocorrido.

Na terceira parte (Pedido de ajuda: página 3), a estudante retoma a narrativa do fato que lhe marcou e expressa novamente o desejo de se matar. O fato não se tornou público e ela tem um medo de que o processo judicial não resulte em nada e que a pessoa que lhe causou sofrimento não seja punida. Tem medo, por fim, de que as pessoas não acreditem nela sobre a situação que se repetiu.

O sentimento de culpa é muito aparente e, embora não fique explícito, o texto apresenta inúmeros indícios de que a estudante sofre abuso sexual e está suplicando por ajuda. Mais lastimável ainda: ela se sente culpada e acredita que a única forma de pôr fim ao sofrimento seja cometendo suicídio.

Na carta, ela cita o nome de algumas pessoas – inclusive daqueles que seriam os abusadores. Fica evidente que o sentimento de culpa que a aflige é resultado dessa violência. Mas continua: ela justifica a tentativa de suicídio, descreve o modo como a realizou e desabafa que se arrepende por não ter conseguido efetivá-la.

Na quarta página (Pedido de ajuda: página 4), a estudante afirma que se sente culpada por não ter conseguido êxito na tentativa e que sua baixa autoestima foi agravada na medida em que os julgamentos aumentaram.

A estudante, apesar disso, tenta entender por qual motivo teria vivenciado tamanha violência e retrata o sentimento com o desenho de um coração partido ao lado da pergunta “Por Que LOGO EU?”.

Na quinta e última página (Pedido de ajuda: página 5), a estudante deixa bastante evidente, através da descrição detalhada da violência, que foi vítima de abuso sexual e afirma, ainda, sentir nojo de si mesma; que odeia a vida; que odeia tudo.

Em contrapartida, existe um desejo de seguir em frente e superar o sofrimento. É, afinal, um pedido de ajuda. Apesar disso, a vítima tem medo de ser perseguida e de que sua família sofra. Com isso, existe a crença de que não é forte o suficiente para seguir adiante.

A carta termina com um pedido desesperado de ajuda e um coração partido.

5 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O SUICÍDIO ELABORADAS PELOS JOVENS ESTUDANTES DE PIRAQUARA-PR

A pesquisa resultou de uma grande variedade de materiais coletados a partir de minha prática docente. Essa coleta possibilitou que as representações sociais sobre o suicídio fossem analisadas sob diferentes perspectivas.

Portanto, a partir do material coletado foi possível observar três categorias de análise para refletir sobre as representações sociais. Na primeira categoria de análise o suicídio é apresentado teoricamente como uma tipificação de morte. Na segunda, estão as representações sociais elaboradas pelo próprio suicida. Já na terceira categoria, as representações correspondem aos juízos de valor elaborados pelas pessoas próximas a jovens com ideação suicida ou a pessoas que consolidaram o ato. As categorias serão explicadas nos tópicos seguintes.

5.1 O SUICÍDIO COMO UM TIPO DE MORTE

Conforme visto no capítulo que tratou sobre a interdição da morte, o suicídio, por muito tempo, foi considerado uma maneira de morrer.

Parte do material coletado apresenta um modelo de representação social que define o suicídio como um tipo de morte. Isso fica evidente no texto 64 (disponível no ANEXO 2), no qual o autor afirma que: “Vida é sua escolha de viver. Mas não como morrer você pode morrer de morte normal ou assassinato e suicídio” (Acervo pessoal. Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019). Ou, ainda, quando outro aluno elabora uma definição sobre a morte em que ela é resultado do acaso, de uma doença, de um assassinato ou de um suicídio (texto 10 do ANEXO 2).

No texto 70, o suicídio é considerado uma tipificação da morte. Isto é, o estudante o define como uma maneira de morrer:

Texto 70 do ANEXO 2 – PRODUÇÃO TEXTUAL SOBRE A VIDA E A MORTE: TRANSCRIÇÃO DOS TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ESTUDANTES:

[...] *Morte: Como vou explicar. Morte é quando uma pessoa se sente atormentada por problemas, tanto quanto sentimental, financeiro acaba pensando em tirar a própria vida para amenizar suas dores.*
(Acervo pessoal. Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019).

O aluno que elaborou esse texto estava tentando definir o que é a morte, mas acabou descrevendo um tipo de morte. Assim, ao tentar defini-la, ele elabora uma justificativa para existência do suicídio.

Na medida em que o suicídio é representado como um tipo de morte, percebemos que ele se torna uma opção, pois “A MORTE É O FIM DA VIDA, MAS ELA É UMA OPÇÃO ENQUANTO HÁ VIDA” (ANEXO 2, Acervo pessoal. Texto escrito por um aluno do 3º ano noturno, 2019), como diz o texto 01 da atividade.

5.2 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO SUICÍDIO NA PERSPECTIVA DO JOVEM COM IDEAÇÃO SUICIDA

As representações elaboradas pelos jovens que apresentaram o desejo de ideação suicida parecem evoluir progressivamente. O sofrimento atua como um gatilho e o mundo começa a se consolidar como um lugar de dor e tortura. O indivíduo, assim, tenta encontrar uma forma de aliviar seu sofrimento através do suicídio egoísta, definido Durkheim. No entanto, por não conseguir efetivá-lo, em muitos casos, a pessoa em sofrimento começa a se perceber como um estorvo para as pessoas que ama. Por conseguinte – e progressivamente – aparece a ideia de poder se matar como forma de aliviar seu sofrimento e o das pessoas que ama, constituindo, agora, o suicídio altruísta.

A partir desse ponto, a dor é potencializada ainda mais e a pessoa mergulha em um ciclo de sofrimento para o qual não encontra saída. A morte se torna uma opção concreta e viável.

Parafraseando Camus (2018), é possível afirmar que a ideação suicida é como um verme no coração humano: quando ela começa a se consolidar como única forma possível de aliviar sua dor e se torna, de fato, a única chance de dar um fim a tudo, o indivíduo acredita que encontrará um descanso merecido – e, para os que creem, é a possibilidade de reencontrar seu criador e poder descansar em paz.

5.2.1 “O mundo como um lugar de tortura”

Muitos textos descrevem a existência humana como algo composto intrinsecamente por um ciclo de sofrimento. Consequentemente, o suicídio seria uma forma de se livrar dessa tortura.

A tortura é descrita como uma batalha contínua que o indivíduo trava consigo enquanto durar a vida. Essa característica pode ser reforçada por algumas crenças religiosas que consideram que a existência terrena é um lugar de provação, de crescimento e de aprimoramento espiritual. Para essas crenças, a felicidade só pode ser alcançada na vida após a morte, na próxima existência ou etapa do desenvolvimento. Nesse sentido, tudo o que fazemos nessa vida tem a finalidade de garantir nossa felicidade na próxima existência.

No texto 15 do ANEXO 2 essa representação é retratada como uma justificativa para o suicídio na medida em que o estudante afirma que “As pessoas não estão mais aguentando esse mundo de crueldade e estão se suicidando” (Acervo pessoal. Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019).

5.2.2 “O suicídio é uma forma de descanso”

Quando empenhamos muita energia em uma atividade física, nosso corpo se cansa e precisa de repouso para se recuperar. Quando essa atividade consome nossa energia mental, é preciso fazer uma pausa para nos distrair. Mas o que fazer quando o que causa fadiga é a própria existência?

No texto 56 do ANEXO 2, o aluno afirma que “A vida e a morte são coisas totalmente diferente. Uns ficam vivos na terra sofrendo, já outras falam que querem partir para descansar” (Acervo pessoal. Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019).

Sendo assim, quando o aluno afirma que o suicídio é uma forma de descansar, essa categoria gera uma correlação com a categoria que define o mundo como um lugar de tortura.

Para o grupo que representa o suicídio como descanso, o ato é uma possibilidade de repousar após o grande combate. É uma possibilidade de dar paz a um combatente que já não consegue batalhar. É vista, por fim, como uma forma de alívio.

5.2.3 “Eu sou um peso para eles, a melhor forma de expressar meu amor é livrando-os deste fardo”

Esta representação transmite a ideia de que o indivíduo se considera um peso para sua família e para aqueles que o amam. Partindo desse pensamento, sua morte seria uma forma de livrar seus entes queridos da responsabilidade e do cuidado.

O suicida passa a acreditar que suicídio é um ato de amor, uma forma de contribuir para a felicidade de seus amados.

5.2.4 “A única saída possível”

Quando a dor se torna insuportável e o indivíduo já não é mais capaz de estabelecer uma perspectiva de futuro ou de resolução do problema que motiva esse sofrimento, a angústia cresce e o sentimento de incapacidade ganha força. A existência passa a ser vista como um martírio e o mundo se torna o lugar do sofrimento.

A ideiação suicida surge e começa a amadurecer. O suicídio se torna uma opção e os planos para efetivá-lo são idealizados. Sua execução deixa de ser uma simples possibilidade e consolida-se na realidade. Desse modo, a morte é a única saída possível na perspectiva do indivíduo: ela pode trazer alívio para a dor.

Assim, a morte se apresenta como a única saída possível: o fim de todas as coisas.

Como resolver um problema que não pode ser resolvido? Como cessar uma dor que só aumenta? Os relatos demonstram que essas pessoas cogitam a morte como a única forma de interromper este ciclo de sofrimento. São pessoas que sentem que não possuem mais forças para seguir em frente ou que não encontram alternativas viáveis que resultem na esperança de um futuro melhor.

5.2.5 “Um ato de entrega a Deus”

A crença de que Deus é a origem e o destino de todos os seres pode apaziguar a dor de uma pessoa que acredita que seu sofrimento terminará quando retornar aos braços de seu criador.

Quando o indivíduo crê que o sofrimento não existe na presença de Deus, torna-se uma plausível o desejo de dar fim ao sofrimento através da entrega voluntária à morte e, com isso, ser recebido pelos braços de seu criador. A dor desapareceria e a felicidade, enfim, seria alcançada – algo impossível em vida.

Na categoria seguinte veremos que, quando as pessoas emitem um juízo de valor sobre o suicida, é possível identificar uma representação oposta a essa: em vez de ser visto como uma entrega à Deus, o suicídio é representado como um crime contra a divindade. Isso porque caberia somente à Deus o poder de retirar a vida de alguém.

5.3 JUÍZOS DE VALOR: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ELABORADAS POR PESSOAS PRÓXIMAS AOS SUJEITOS QUE MANIFESTAM O DESEJO DE MORTE

Esta categoria contempla a maior parte das representações sociais sobre o suicídio. Essas representações estão vinculadas a um juízo de valor – emitido por alguém que não seja a pessoa com desejo de morte – sobre o suicida, o suicídio e suas motivações e/ou causas. Além disso, veremos também que parte dessas representações constitui uma visão de que o suicídio é uma violência contra Deus. Nesse caso, a vida seria uma dádiva divina entregue à humanidade e, portanto, somente Deus poderia decidir acerca da morte.

5.3.1 Juízos de valor sobre a pessoa

5.3.1.1 “O suicídio acontece porque a pessoa já está morta por dentro”

É a perspectiva de que um sofrimento muito profundo pode causar uma apatia total com as coisas que acontecem ao seu redor. O organismo continua vivo, mas já não existe razão para fazê-lo. É quase como morrer em vida: tornar-se um autômato de existência quase vegetativa e sem propósito. Dentro desse contexto, o suicídio é visto como consequência direta dessa existência absurda e sem propósitos, como diria Camus (2018).

5.3.1.2 “O suicídio é o resultado do encontro das angústias pessoais com fracasso da sociedade”

Nesta representação, o suicídio resulta da interseção de dois fatores que não estão subordinados à vontade do indivíduo. Isto é, uma interseção conflituosa entre as angústias pessoais do indivíduo e o modelo econômico e social vigente.

A não adequação do indivíduo à sociedade desencadearia o que já identificamos como suicídio anômico, conforme definido por Durkheim (2014).

5.3.1.3 “É só frescura dela”, “O suicídio é um ato de fraqueza”

Esse tipo de representação revela grande incompreensão sobre o sofrimento que leva ao suicídio. Desse modo, é evidente que considerar a dor do outro como frescura é resultado de falta de empatia. Fica nítido que carece às pessoas a percepção de que somos diferentes e de que o modo como lidamos com nossos sentimentos também é diferente. Assim, o que para alguns é um sentimento passageiro, para outros é um verdadeiro martírio. É necessário acolher a validade desses sentimentos.

Por outro lado, quando uma pessoa estabelece que o suicídio é um ato de fraqueza, ela julga o outro pela própria régua, desconsidera a alteridade e projeta no outro os próprios sentimentos.

Ambas as representações têm em comum a incapacidade de perceber o outro como diferente de si.

5.3.1.4 “Dizem que ele se suicidou por causa de um coração partido”

Quando surge a notícia de que alguém se matou, especula-se sobre como teria acontecido e quais seriam os motivos que levaram a pessoa ao suicídio. Estabelece-se um júri moral que tenta definir culpados e inocentes – talvez como tentativa de aliviar a culpa dos que ficariam ou justificar a ação suicida –, enfim, uma tentativa de racionalizar o ato. Uma das soluções comuns é assumir que o suicídio foi causa de uma desilusão amorosa.

Certos ou errados, não vem ao caso. Fato é que, por exemplo, o suicídio de Werther, descrito no romance “Os sofrimentos do jovem Werther” (GOETHE, 2017)

publicado em 1774, é um dos maiores exemplos dessa forma de representação do suicídio. É o caso em que a dor causada por um coração partido torna-se insuportável ao ponto de o suicídio ser encarado como uma solução viável para apaziguar tamanho sofrimento.

5.3.2 O suicídio e suas causas ou motivações

5.3.2.1 “Suicídio não é um ato de coragem e sim de desespero”

Trata-se de uma representação social que soa como uma tentativa de justificar, a partir de uma visão pejorativa o suicídio, e defender a reputação do suicida simultaneamente.

Assim, apela-se à compaixão e à empatia ao enunciar a consideração de que um sofrimento muito profundo resulta em desespero e, em decorrência disso, o suicida tem uma reação animalesca e abrupta diante de algo aparentemente insuperável. O desespero, então, é razoavelmente compreendido.

5.3.2.2 “Suicídio não é brincadeira”

Esta representação social ressalta a necessidade de tratar o suicídio como um tema relevante. Portanto, é a ideia de que não é aceitável torná-lo fruto de brincadeiras ou de algo depreciativo.

Leva-se em consideração que suicídio é assunto sério. Estudá-lo e enfrentá-lo de maneira clara e distinta torna possível estabelecer estratégias de combate e prevenção que sejam mais eficazes, além de contribuir para a desconstrução dos tabus acerca do assunto.

5.3.2.3 “Depressão = suicídio”

A associação estrita entre depressão e suicídio é uma representação social que tenta classificar e justificar o ato suicida como uma consequência do desequilíbrio emocional de uma pessoa.

Elas foram identificadas nas seguintes afirmações dos estudantes:

- 1) “tem as pessoas com depressão, e devemos ajudá-las porque não queremos que algum amigo nosso morra de tal forma” (Texto 49 do ANEXO 2).
- 2) “Outras causas da morte são o suicídio onde um ser depressivo e acha que a morte irá resolver seus problemas” (Texto 69 do ANEXO 2).

Na FIGURA 15 foi mostrado um exemplo da necessidade de desconstruir a ideia de que a depressão é frescura, preguiça ou até mesmo falta do que fazer. A depressão é uma doença que tem tratamento e precisa ser encarada como tal, mas para que isso ocorra é necessário romper com o discurso que busca desqualificá-la como uma doença. É preciso romper com o ataque ao sujeito – como se depressão e suicídio resultassem de uma falha moral: constrói-se uma narrativa com falácia *ad hominem*.

5.3.2.4 “Os jovens estão se suicidando pois não sabem resolver problemas”

Esse tipo de representação social explicita uma tentativa de justificar os motivos que levam alguém a se matar. São juízos de valor acerca do suicídio que atuam como um tipo de justificativa ou absolvição do sujeito.

Os trechos abaixo – que foram retirados dos textos produzidos por estudantes do ensino médio sobre vida e morte – exemplificam esse tipo de representação social:

- 1) Texto 33: “a morte deixa todos triste mas mesmas as pessoas ~~(sabendo que é uma coisa e)~~ fazem coisas que chama a morte pra perto dele a melhor coisa pra evitar a morte e viver e aproveitar cada momento sem loucura e suave” (ANEXO 2. Acervo pessoal. Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019).
- 2) Texto 73: “Muitos querem tirar a vida por causa de pouca coisa como não ter dinheiro por causa de se envolver com drogas” (ANEXO 2. Acervo pessoal. Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019).
- 3) Texto 76: “Muitos querem tirar a vida por causa de alguns problemas pessoal” (ANEXO 2. Acervo pessoal. Texto escrito por um aluno do 2º ano matutino, 2019).
- 4) Texto 83: “Muitas vezes as pessoas tiram a vida por algum motivo” (ANEXO 2. Acervo pessoal. Texto escrito por uma aluna do 2º ano matutino, 2019).

FIGURA 19 – OS VÍCIOS E A JUVENTUDE



FONTE: Acervo pessoal. Atividade elaborada por estudantes do 3º ano do ensino médio matutino, 2018.

Os fragmentos dos textos 33 e 73 foram escritos por estudantes em 2019. Já as fotografias da FIGURA 18 foram produzidas por estudantes do 3º ano em 2018 e pretendiam ilustrar o que eles entendiam como morte. Nesse sentido, ao analisá-las em conjunto, é possível estabelecer uma relação entre os vícios, a morte e o suicídio na juventude – que é vista como incapaz de solucionar seus problemas. É como se a cada dia “as pessoas roubam o lugar da morte com o suicídio”, conforme texto 28 (ANEXO 2, Acervo pessoal. Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019).

5.3.3 “Um crime contra Deus”

Nessa representação social é expressa uma ideia oposta à perspectiva de que o indivíduo tem autonomia para legislar sobre o modo e o momento de sua morte. A tentativa de estabelecer o controle sobre a própria morte resultaria em um ataque direto à Deus e à dádiva que ele nos teria dado: a vida. Desse modo, a FIGURA 20 é um exemplo dessa representação social do suicídio.

FIGURA 20 – UM CRIME CONTRA DEUS



FONTE: Acervo pessoal. Atividade elaborada por uma estudante do 1º ano do ensino médio matutino, 2016.

Além disso, outros exemplos também constam nos textos do ANEXO 2:

- 1) Texto 48: “a vida é um dom de Deus que somente ele pode dar e tirar” (Acervo pessoal. Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019).
- 2) Texto 51: “Eu acho que a vida é um dom de Deus que somente ele pode dar e tirar, tem muitas pessoas que apenas existem porque ele quer, porque afinal ele é quem dá e quem tira a vida” (Acervo pessoal. Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019).
- 3) Texto 61: “Pessoas que se suicidaram, assassinos, estupradores entre outros sempre sofrem mais no ‘umbral’” (Acervo pessoal. Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O suicídio ainda é encarado como um assunto tabu na sociedade ocidental e, como tal, falar abertamente sobre ele ainda é capaz de gerar muito desconforto.

A OMS afirma que é necessário de falar sobre o suicídio. Para que isso ocorra de maneira saudável e menos problemática, a Organização criou uma série de manuais para normatizar e orientar o debate de maneira saudável. A desconstrução do tabu pode servir como uma estratégia válida no combate e prevenção ao suicídio – se feito da maneira correta.

Levando em consideração a posição da OMS, é possível e válido questionar os motivos que restringem e limitam o debate acadêmico acerca do suicídio às áreas da saúde. Percebemos que é preciso amplificar a discussão de modo que ela contemple outras áreas do conhecimento. Ou seja, é necessário que outras epistemologias tenham suas reflexões e contribuições legitimadas para o debate. É preciso dar autonomia para que outras áreas problematizem o suicídio e contribuam para a compreensão do assunto sem serem cerceadas pelas áreas da saúde. A difusão do debate acadêmico poderia contribuir para acelerar o processo de desconstrução e enfrentamento do suicídio. Isso significa dizer que chamar a sociedade para o debate apenas durante Setembro Amarelo é insuficiente e pouco eficaz. É preciso mais.

Quando apresentei meu projeto ao Comitê de ética, a ideia original era entrevistar estudantes e demais membros da comunidade escolar. No entanto, como já foi dito, essa possibilidade foi negada. Confesso que pensei em desistir desse projeto e tentar investigar outro problema, outro tema. Nesse sentido, sou muito grato à minha orientadora, à minha família, aos colegas da turma e aos professores, que me levaram a perceber outras alternativas para levar o estudo adiante sem contrariar o parecer emitido pelo Comitê de ética.

No lugar de uma abordagem direta, o suicídio foi investigado a partir dos materiais que os alunos produziram ao longo das minhas práticas didáticas ou de materiais que foram produzidos por estudantes espontaneamente e chegaram ao meu conhecimento de forma inusitada.

A pesquisa apontou que jovens estudantes piraquarenses demonstram uma necessidade de falar sobre o suicídio. Demonstrou também que a escola é um ambiente de socialização de ideias e, muitas vezes, o único espaço em que se pode

manifestar alguns pensamentos, sentimentos e desejos. É, enfim, o espaço no qual estudantes podem manifestar sua individualidade – embora nem sempre seja uma tarefa fácil.

Existem pessoas que não conseguem se encaixar em qualquer dos grupos que se formam em uma escola. Apesar disso, muitas vezes encontram no corpo docente, na equipe pedagógica, na direção ou nos funcionários da escola um porto seguro no qual podem se abrir e revelar suas angústias. Infelizmente, a maioria dos professores não é e nem está preparada para situações desse tipo. Dessa maneira, é prejudicialmente comum que um docente não saiba como proceder caso algum(a) estudante confidencie um abuso, um ato de violência ou até mesmo um desejo de morte.

Portanto, esta pesquisa buscou conhecer as representações sociais dos jovens piraquarenses sobre a morte e o suicídio, tendo como norte analisar os seguintes pontos: (1) O suicídio é resultante de um rompimento dos laços sociais. (2) Muitos professores e membros da equipe pedagógica e diretiva não se sentem preparados para discutir o tema e desconhecem o manual elaborado pela OMS para tentar prevenir os casos de suicídio de jovens. (3) As representações sociais da morte em geral, e do suicídio em especial, aparecem nas mais diversas produções escolares, mesmo que o objeto de estudo não esteja associado diretamente a elas.

Assim, as representações sociais demonstraram que, em alguns casos, o indivíduo se encontra isolado e sem laços sociais fortes o suficiente para atuar como profilaxia da ideação suicida. Observou-se também que, em alguns casos, a falta de laços sociais é percebida pelo indivíduo e é utilizada como subterfúgio para justificar a ideação ou a própria tentativa de se matar.

No que diz respeito ao segundo ponto, ser um observador participante – ou seja, estar na condição de um professor pesquisador – me permitiu afirmar que a comunidade escolar tem muita dificuldade em lidar com a temática do suicídio. E, para amenizar o problema, é necessário que professores e professoras, funcionários e funcionárias, equipe pedagógica e equipe diretiva tenham uma formação de abordagem e combate ao suicídio. Desse modo, os profissionais estariam mais preparados para reagir e para abordar o assunto da maneira correta no âmbito escolar.

Por fim, é possível afirmar que o terceiro ponto se confirma quando são analisados os materiais coletados e constata-se que o suicídio é um tema recorrente em diversas atividades escolares.

Lecionar no período de pandemia se tornou um verdadeiro desafio. Embora recebêssemos pela mesma jornada de trabalho que seria realizada presencialmente nas escolas, a demanda de trabalho no ensino remoto foi e tem sido muito maior e mais desgastante do que antes.

Foi necessário atualizar constantemente a planilha de frequência e controle das atividades dos estudantes; participar de diversas reuniões convocadas de última hora; atender os estudantes através de plataformas *online*, como o *Google Classroom* ou *WhatsApp* – muitas vezes fora do horário habitual de trabalho; preparar e corrigir as atividades dos estudantes que eram atendidos pelo kit pedagógico impresso; e preparar atividades adaptadas para os estudantes com necessidade especial.

Infelizmente, em decorrência desse contexto, não foi possível desenvolver uma cartilha informativa de prevenção e combate ao suicídio que auxiliasse o trabalho dos professores e das equipes diretivas e pedagógicas das escolas, como inicialmente havia sido previsto para o projeto. Resta, portanto, deixar aqui a recomendação do documento elaborado pela OMS: “PREVENÇÃO DO SUICÍDIO: Manual para Professores e Educadores”²⁰. O uso desse manual possibilitaria fomentar a discussão sobre o suicídio dentro do ambiente escolar. Apesar disso, o material não deve ser visto como a única maneira legítima e absoluta de abordar o tema, uma vez que o documento considera que todos os suicídios resultam apenas de alguma condição clínica – não admitindo outras epistemologias e, assim, desembocando em um dos problemas apontados nesta pesquisa.

²⁰ ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Departamento de Saúde Mental. Transtornos mentais e comportamentais. **PREVENÇÃO DO SUICÍDIO: Manual para Professores e Educadores**. Genebra, 2000. Disponível em: <https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_educ_port.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2021.

REFERÊNCIAS

A SOCIOLOGIA é um esporte de combate. Direção: Pierre Carles. França: C.P. Productions e V.F. Films: Dist. Cara M, 2001. Documentário (146 min). Disponível em: <<https://youtu.be/41W3RapeK5Q>>.

ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Zeide Araújo (Orgs.). **Teoria das Representações Sociais**: 50 anos. Brasília: Technopolitik, 2014.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Tradução de: SIQUEIRA, Priscila Viana de. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

AQUINO, Vanessa; MONTEIRO, Natália. Brasil confirma primeiro caso da doença. **Ministério da Saúde**, Brasília, 26 fev. 2020. Agência Saúde. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>>. Acesso em: 27 ago. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **A modernidade líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOTEGA, Neury José. et al. Prevalências de ideação, plano e tentativa de suicídio: um inquérito de base populacional em Campinas. **Cadernos de Saúde Pública**, São Paulo, v. 25, n. 12, p. 2632–2638, 2009.

BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 jan. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10406compilada.htm>. Acesso em: 21 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.876, de 14 de agosto de 2006. Institui Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio, a ser implantadas em todas as unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão. **Gabinete do Ministro**, Brasília, DF, 14 ago. 2006. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt1876_14_08_2006.html>. Acesso em: 01 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental, incluindo aquelas com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). **Gabinete do Ministro**, Brasília, DF, 23 dez. 2011. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_comp.html>. Acesso em: 01 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.271, de 6 de junho de 2014. Define a Lista Nacional de Notificação Compulsória de doenças, agravos e eventos de saúde pública nos serviços de saúde públicos e privados em todo o território nacional, nos termos do anexo, e dá outras providências. **Gabinete do Ministro**, Brasília, DF, 06 jun. 2014. Disponível em:

<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt1271_06_06_2014.html>. Acesso em: 01 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 3.479, de 18 de dezembro de 2017. Institui Comitê para a elaboração e operacionalização do Plano Nacional de Prevenção do Suicídio no Brasil. **Gabinete do Ministro**, Brasília, DF, 18 dez. 2017a. Disponível em:

<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt3479_22_12_2017.html>. Acesso em: 01 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 3.491, de 18 de dezembro de 2017. Institui incentivo financeiro de custeio para desenvolvimento de projetos de promoção da saúde, vigilância e atenção integral à saúde direcionados para prevenção do suicídio no âmbito da Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde (SUS), a onerarem o orçamento de 2017. **Gabinete do Ministro**, Brasília, DF, 18 dez. 2017b. Disponível em:

<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt3491_22_12_2017.html>. Acesso em: 01 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Suicídio. Saber, agir e prevenir. **Boletim epidemiológico**, Brasil, v. 48, n. 30, 2017c. Disponível em: <<https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-aten--ao-a-sa--de.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Agenda de Ações Estratégicas para a Vigilância e Prevenção do Suicídio e Promoção da Saúde no Brasil 2017 a 2020**. Brasília, DF, 2017d. Disponível em:

<<https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/17-0522-cartilha---Agenda-Estrategica-publicada.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2020.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. 10 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2018.

CASTRO, Ricardo Vieiralses. Apresentação. In: ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Zeide Araújo (Orgs.). **Teoria das Representações Sociais**: 50 anos. Brasília: Technopolitik, 2014.

DATASUS. Tecnologia da informação a favor do SUS. **ÓBITOS POR CAUSAS EXTERNAS – BRASIL**. 2020. Disponível em:

<<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sim/cnv/ext10br.def>>. Acesso em: 06 out. 2020.

DEEPASK. **SUICÍDIOS: Veja número de mortes por cidade do Brasil**:

PIRAQUARA – PR, 2013. Disponível em:

<<http://www.deepask.com/goes?page=piraquara/PR-Confira-o-numero-de-suicidios-no-seu-municipio>>. Acesso em: 19 set. 2019.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: Estudo de Sociologia. São Paulo: Edipro, 2014.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 13 ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos**: seguido de “envelhecer e morrer”. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ÉSQUILO; SÓFOCLES; EURÍPEDES. **Prometeu acorrentado, Ajáx, Alceste**. Tradução de: KURY, Mário da Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. (Coleção A tragédia grega).

EPICURO. **Carta sobre a Felicidade (a Meneceu)**. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FIGUEIREDO, Patrícia. Na contramão da tendência mundial, taxa de suicídio aumenta 7% no Brasil em seis anos. **G1**, Rio de Janeiro, 10 set. 2019. Ciência e Saúde. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/09/10/na-contramao-da-tendencia-mundial-taxa-de-suicidio-aumenta-7percent-no-brasil-em-seis-anos.ghtml>>. Acesso em: 20 set. 2020.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Os sofrimentos do Jovem Werther**. Porto Alegre: L&PM, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**: uma breve história do amanhã. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

HOROCHOVSKI, Marisete Teresinha Hoffmann. Representações sociais: delineamentos de uma categoria analítica. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 92-106, 2004.

INGOLD, Tim. Antropologia para o futuro. In: **Antropologia**: para que serve?. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 60-72.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. Tradução de: MAZZOTTI, Tarso Bonilha. Rio de Janeiro: UFRJ – Faculdade de Educação, dez. 1993.

MINOIS, Georges. **História do suicídio**: A sociedade ocidental diante da morte voluntária. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

NOBRE, Chari Meleine Brevers Gonzalez. **Corpografia**: experiência docente e estudantil do corpo em ação em aulas de Sociologia. 2020. 185 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Departamento de Saúde Mental. Transtornos mentais e comportamentais. **PREVENÇÃO DO SUICÍDIO**: Manual para Professores e Educadores. Genebra, 2000. Disponível em: <https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_educ_port.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Pandemia da COVID-19 aumenta fatores de risco para suicídio**. 2020. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pandemia-da-covid-19-aumenta-fatores-de-risco-para-suicidio/>> Acesso em: 20 set. 2020.

PARANÁ. Decreto nº 4.230 de 16 de março de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus – COVID-19. **Diário Oficial do Estado do Paraná**, Paraná, 16 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=390948>>. Acesso em: 27 ago. 2020.

PARANÁ. Secretaria de Saúde; PERES, Emerson Luiz. **Perfil Epidemiológico do Suicídio no Estado do Paraná**. Paraná, 2016. Disponível em: <<http://www.proec.ufpr.br/download/cps/2016/suicidio/Apresentacao%20Perfil%20epidemiologico%20do%20suicidio%20no%20Estado%20do%20Parana.pdf>>. Acesso em 21 jun. 2021.

PERDIGÃO, Juliana Andrade; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento. Informação simbólica, representações sociais e identidade: aproximações conceituais. **Em questão**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, 2019.

PETRAROLI, Ana Rita; CARLINI, Angélica. O Suicídio e sua Interpretação no Direito Brasileiro. **Revista Brasileira de Risco e Seguro**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 1-16, out. 2010/mar. 2011. Disponível em: <rbrs.com.br/arquivos/RBRS12-1%20Ana%20Rita.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2020.

PIRAQUARA. Secretaria Municipal de Saúde. **PLANO MUNICIPAL DE SAÚDE 2018 – 2021**, Piraquara, 2017. Disponível em: <[http://www.piraquara.pr.gov.br/comusp/uploadAddress/PMS_2018-2021_2018.02.09\[7229\].pdf](http://www.piraquara.pr.gov.br/comusp/uploadAddress/PMS_2018-2021_2018.02.09[7229].pdf)>. Acesso em: 19 set. 2019.

REIS, Alexandre. História do Suicídio. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA ÁFRICA, 4., **Anais...** Juazeiro: Semana de Ciências Sociais, 8., 2019.

SALLAS, Ana Luisa Fayet (Coord.). **Introdução aos métodos de pesquisa**: escola do conhecimento. EVENTO DE EXTENSÃO, 2019, Curitiba: Universidade Federal do Paraná (UFPR).

SETEMBRO AMARELO, Mês da prevenção ao suicídio. **O movimento – Setembro Amarelo**. Não paginado. Disponível em: <<https://www.setembroamarelo.org.br/o-movimento/>> Acesso em: 01 mar. 2020.

SETEMBRO AMARELO, Prevenção ao Suicídio – Brasil. **A campanha Setembro Amarelo® salva vidas!**. Não paginado. Disponível em: <<https://www.setembroamarelo.com/>>. Acesso em 01 mar.2020.

VALLADARES, Licia. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 63, p. 153-155, 2007.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência**. Rio de Janeiro: Secretaria-Geral da Presidência da República/Secretaria Nacional de Juventude/Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2014.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

ASSIS, Francisco Maffia de. A última fronteira: a morte. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA ÁFRICA, 4., **Anais...** Petrolina: UNIVASF. Semana de Ciências Sociais, 8., 2019.

ASSIS, Francisco Maffia de. A última fronteira: a morte. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA ÁFRICA, 4., **Anais...** Recife: Even3. Semana de Ciências Sociais, 8., 2019.

IPARDES. **Caderno estatístico**: Município de Piraquara, jun. 2021. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=83300>>. Acesso em: 21 jun. de 2019.

IPEA. **Atlas da Violência 2020**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/200826_ri_atlas_da_violencia.pdf>. Acesso em: 21 jun. de 2019.

KOVÁCS, Maria Julia. Educadores e a morte. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 71-81, 2012.

MARQUETTI, Fernanda Cristina. O suicídio e sua essência transgressora. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 237-245, 2014.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. **Caderno de Expectativas de Aprendizagem**. Curitiba: SEED, 2012.

ROGERS, Wendy; BALLANTYNE, Ângela. Populações especiais: vulnerabilidade e proteção. **RECIIS – Revista Eletrônica de Com. Inf. Inov. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/viewFile/865/1507>>. Acesso em: 22 de set. 2019.

APÊNDICE 1 – ESCRITA COLETIVA: MÚSICAS QUE EMBASARAM OS TEXTOS

Música: Amianto

Artista: Supercombo

Vou começar a mentir
Fingir que tudo está suave e sorrir
Isso foi tema nas palestras semanais
Que tenho na minha cabeça

Quero ser um anti-depressivo pra poder
me medicar
Total autonomia sobre mim
E demitir quem não me respeitar

Vou começar a mentir
Fingir que não bateu na trave e
comemorar

Quero ser um anti-depressivo pra poder
me medicar

Não depender de mais ninguém
Total autonomia sobre mim
E demitir quem não me respeitar

E me salvar
Te salvar
Me salvar

Quero ser um anti-depressivo pra poder
reconstruir
Meu teto e painel solar

Quero ser um anti-depressivo pra poder
me medicar
Não depender de mais ninguém
Total autonomia sobre mim
Mandar embora quem não respeitar

Música: Amianto (Resposta)

Artista: Alinne Gonçalves

Moço me deixa aqui
Eu sei que eu sou nova
Mas cansei de viver
É que não dá mais pra ficar
Em um mundo que ninguém te vê

Saia não tente me tirar
Eu não tô afim de tomar café e nem
conversar
Já te ouvi, mas não me convenceu

A minha vida é como manhã
Que brilha como o Sol e a noite volta
escurecer
Pois o mundo não tem nada a me oferecer
E a morte é como vento que bate no meu
rosto
E eu não consigo ver
Mas também nada impede de sentir

Moço já olhei pra baixo
Mas muito obrigado por tentar me impedir
Já te ouvi

Me desculpa só que pra mim já deu

A minha vida é como manhã
Que brilha como o Sol e à noite volta a
escurecer
Pois o mundo não tem nada a me oferecer
E a morte é como vento, que bate no meu
rosto e eu não consigo ver

Moço já olhei pra baixo, mas muito
obrigado por tentar
Me impedir
Já te ouvi
Desculpa, pra mim já deu

A minha vida é como manhã
Que brilha como o Sol e a noite volta a
escurecer
Pois o mundo não tem nada a me oferecer
E a morte é como vento que bate no meu
rosto e eu não consigo ver
Mas também nada impede de sentir

Moço ninguém é de ferro, somos
programados pra cair

Música: Dezesseis
Artista: Legião Urbana

João Roberto era o maioral
 O nosso Johnny era um cara legal

Ele tinha um Opala metálico azul
 Era o rei dos pegas na Asa Sul
 E em todo lugar

Quando ele pegava no violão
 Conquistava as meninas
 E quem mais quisesse ter
 Sabia tudo da Janis
 Do Led Zeppelin, dos Beatles e dos
 Rolling Stones

Mas de uns tempos pra cá
 Meio que sem querer
 Alguma coisa aconteceu

Johnny andava meio quieto demais
 Só que quase ninguém percebeu

Johnny estava com um sorriso estranho
 Quando marcou um super pega no fim de
 semana
 Não vai ser no CASEB
 Nem no Lago Norte, nem na UnB

As máquinas prontas
 Um ronco de motor
 A cidade inteira se movimentou

E Johnny disse

Eu vou pra curva do Diabo, em
 Sobradinho, e vocês?

E os motores saíram ligados a mil
 Pra estrada da morte o maior pega que
 existiu
 Só deu para ouvir, foi aquela explosão
 E os pedaços do Opala azul de Johnny
 pelo chão

No dia seguinte, falou o diretor
 O aluno João Roberto não está mais entre
 nós
 Ele só tinha dezesseis
 Que isso sirva de aviso pra vocês

E na saída da aula, foi estranho e bonito
 Todo o mundo cantando baixinho

Strawberry Fields Forever
 Strawberry Fields Forever

E até hoje, quem se lembra
 Diz que não foi o caminhão
 Nem a curva fatal
 E nem a explosão

Johnny era fera demais
 Pra vacilar assim
 E o que dizem é que foi tudo
 Por causa de um coração partido

Um coração

Bye, bye Johnny
 Johnny, bye, bye
 Bye, bye Johnny

Música: Clarisse
Artista: Legião Urbana

Estou cansado de ser vilipendiado
 Incompreendido e descartado
 Quem diz que me entende nunca quis
 saber

Aquele menino foi internado numa clínica
 Dizem que por falta de atenção dos
 amigos, das lembranças
 Dos sonhos que se configuram tristes e
 inertes
 Como uma amпуheta imóvel, não se
 mexe
 Não se move, não trabalha

E Clarisse está trancada no banheiro
 E faz marcas no seu corpo com seu
 pequeno canivete
 Deitada num canto, seus tornozelos
 sangram
 E a dor é menor do que parece
 Quando ela se corta ela se esquece
 Que é impossível ter da vida calma e força

Viver em dor, o que ninguém entende
 Tentar ser forte a todo e cada amanhecer
 Uma de suas amigas já se foi

Quando mais uma ocorrência policial
Ninguém me entende, não me olhe assim
Com este semblante de bom samaritano
Cumprindo o seu dever como se eu fosse doente
Como se toda essa dor fosse diferente ou inexistente

Nada existe pra mim, não tente
Você não sabe e não entende

E quando os antidepressivos
E os calmantes não fazem mais efeito
Clarisse sabe que a loucura está presente
E sente a essência estranha do que é a morte
Mas esse vazio ela conhece muito bem

De quando em quando é um novo tratamento
Mas o mundo continua sempre o mesmo
O medo de voltar pra casa à noite
Os homens que se esfregam nojentos

No caminho de ida e volta da escola
A falta de esperança e o tormento
De saber que nada é justo e pouco é certo
E que estamos destruindo o futuro
E que a maldade anda sempre aqui por perto

A violência e a injustiça que existe
Contra todas as meninas e mulheres
Um mundo onde a verdade é o avesso
E a alegria já não tem mais endereço

Clarisse está trancada no seu quarto
Com seus discos e seus livros, seu cansaço
Eu sou um pássaro
Me trancam na gaiola
E esperam que eu cante como antes
Eu sou um pássaro
Me trancam na gaiola
Mas um dia eu consigo existir
E vou voar pelo caminho mais bonito
Clarisse só tem 14 anos

Música: Pais e Filhos
Artista: Legião Urbana

Estátuas e cofres, e paredes pintadas
Ninguém sabe o que aconteceu
Ela se jogou da janela do quinto andar
Nada é fácil de entender

Dorme agora
É só o vento lá fora

Quero colo! Vou fugir de casa
Posso dormir aqui com vocês?
Estou com medo, tive um pesadelo
Só vou voltar depois das três

Meu filho vai ter nome de santo
Quero o nome mais bonito

É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade, não há

Me diz, por que que o céu é azul?
Explica a grande fúria do mundo
São meus filhos

Que tomam conta de mim

Eu moro com a minha mãe
Mas meu pai vem me visitar
Eu moro na rua, não tenho ninguém
Eu moro em qualquer lugar

Já morei em tanta casa
Que nem me lembro mais
Eu moro com meus pais

É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade, não há

Sou uma gota d'água
Sou um grão de areia
Você me diz que seus pais não o entendem
Mas você não entende seus pais

Você culpa seus pais por tudo, isso é um absurdo
São crianças como você
O que você vai ser
Quando você crescer?

Música: One More Light
Artista: Linkin Park

Deveria ter ficado, havia sinais, eu ignorei?

Should've stayed, were there signs, I ignored?

Posso ajudá-lo, para não machucar mais?

Can I help you, not to hurt, anymore?

Vimos brilho, quando o mundo estava dormindo

We saw brilliance, when the world, was asleep

Há coisas que podemos ter, mas não podemos manter

There are things that we can have, but can't keep

Se eles disserem

If they say

Quem se importa se mais uma luz se apagar?

Who cares if one more light goes out?

Em um céu de um milhão de estrelas

In a sky of a million stars

Cintila, cintila

It flickers, flickers

Quem se importa quando o tempo de alguém acaba?

Who cares when someone's time runs out?

Se um momento é tudo o que somos

If a moment is all we are

Somos mais rápidos, mais rápidos

We're quicker, quicker

Quem se importa se mais uma luz se apagar?

Who cares if one more light goes out?

Bem eu faço

Well I do

Os lembretes puxam o chão dos seus pés

The reminders pull the floor from your feet

Na cozinha, mais uma cadeira do que você precisa, oh

In the kitchen, one more chair than you need oh

E você está com raiva, e deveria estar, não é justo

And you're angry, and you should be, it's not fair

Só porque você não pode vê-lo, não significa, não existe

Just 'cause you can't see it, doesn't mean it, isn't there

Se eles disserem

If they say

Quem se importa se mais uma luz se apagar?

Who cares if one more light goes out?

Em um céu de um milhão de estrelas

In a sky of a million stars

Cintila, cintila

It flickers, flickers

Quem se importa

Who cares...

Música: ManualDoSuicídio.txt**Artista: Kamaitachi**

É perda de tempo tudo que eu faço
 Construo e destruo todo meu legado

Faço e refaço minha carta de morte
 Cada verso em sangue completando
 estrofes

Dizem "seja forte"
 E eu digo "não fode"
 Nessa vida tudo tem que se contar com a
 sorte
 Todo mundo fala "pô, espero que
 melhore"
 Se o sul é ir pra frente então tô seguindo
 pro norte

Madrugada eu caminho
 Madrugada eu caminho
 Madrugada eu caminho
 Madrugada eu caminho
 Madrugada eu caminho
 Madrugada eu caminho
 Madrugada eu...

Então deixa eu pintar o espelho de
 vermelho
 Escrito "kill me! I'm scary maggot! "
 Meu sangue não importa, nem meu
 sofrimento
 tô vivo por fora e já morto por dentro
 Então foda-se

De um jeito tão lento
 Descobri com Corey Taylor que anjos
 mentem mesmo
 A vida é um verdadeiro livro de dor e
 sofrimento
 Isso que eu falei eu descobri comigo
 mesmo
 Em meio a um pesadelo
 Que quanto mais eu corria, mais ficava
 lento
 É foda a ferida aberta, é foda o tormento
 É foda os remédios que eu tomo pra
 salvar meus 1%

Vocês dizem "pare"
 Eu digo que vocês não entendem
 Eu adoraria parar com tudo isso
 e tirar meu medo como "front lane"

Vocês dizem "pare"
 Eu digo que vocês não entendem
 Eu adoraria parar com tudo isso
 e tirar meu medo como "front lane"

Click clack

Foda-se os remédios que eu tomo
 Minha cabeça explode como a do
 Kennedy (bang)
 Não tem como mudar o que nós somos
 Mirtazapina não funciona em mim às
 vezes
 Eu corro contra o relógio parado
 Justificando porque eu não saio do lugar
 Me sinto um saci sem a outra perna
 E é por isso que nunca consigo andar

Já sei que vão falar que esse som tá um
 pouco rápido
 Que eu tô desafinado e que a batida é
 linear
 Na verdade esteja mesmo
 Essa porra tá na minha gaveta
 e eu nem pretendia lançar
 Lancei porque escutei
 "mano eu gosto da tua letra
 tu coloca referências e uns bagulho
 fictício"

"mano por que tu não escreve
 o que tu sente na tua mente
 já que sua mente é como um livro"
 E eu disse "se eu for escrever o que eu
 sinto
 claro, que vai ser tão grande
 como se fosse um livro"
 "vai ser do tamanho do livro do Stephen
 King
 e o título se chamará 'Manual do Suicídio'"

É perda de tempo tudo que eu faço
 Construo e destruo todo meu legado
 (Eu sou um fracasso)

Música: Manual do Suicídio (parte 2)**.txt****Artista: Kamaitachi**

Já menti pra você sobre a minha vida
 Só pra ver se você me acolhia
 Então já inventei que eu sofria
 Passei a sofrer e usar mirtazapina

Já fiquei internado só pra isso
 E meus amigos nem sabiam disso
 Tenho "dead" cravado na pele
 Te mando a foto e você confere

Já cortei o rosto e nem sequer senti receio
 Já tentei me matar e o quê impediu foi
 esse medo
 O medo de deixar meu pai e minha mãe
 nesse tormento
 Eu sei que eu sou um fracasso, mas eu
 juro que eu tento
 Já pensei em voltar a fumar
 e encher a porra do meu copo de cachaça
 Já pensei em rasgar minha garganta só
 gritando
 "mano só faço coisa errada"
 Será porque já sofri com a mesma coisa
 E me auto defendo pra não acontecer de
 novo
 Ou talvez não tomo vergonha na cara
 E sem pensar arrasto todo mundo para o
 mesmo poço
 Então eu levanto uma garrafa de tequila e
 falo
 "um brinde, pra essa desgraça de vida"
 Reconheça os seus erros sempre mude e
 uma dica
 não espere uma intervenção divina
 Porque se você esperar uma intervenção
 divina
 O tempo vai passar e você não fez mais
 nada
 Vai tá com o nariz cheio de cocaína

Todo branco e pensando em se jogar de
 uma sacada

Tu vai dizer "tudo bem? "
 Eu vou dizer "tô ótimo"
 Tu vai dizer "tu tá mentindo"
 Mas isso "é óbvio"
 Por isso não faço Sadsong não é porque
 nem quero
 O meu grande problema é que eu levo
 isso a sério
 Eu canto, eu choro
 Eu me corto com cacos de vidro
 Tu dança, se diverte, mesmo se sentindo
 um lixo
 Tonto, desisto, e penso
 "por que eu vivo nessa merda? "
 Eu tenho sons melhores nem perde tempo
 com essa
 Eu tô me segurando pra não cometer
 loucura
 Tô segurando o choro desde o começo da
 música
 Mas já tô estragando e levando ela pro
 poço
 Desculpa já me perdi quantas vezes
 gravei de novo
 Eu tô jogando essas merdas no ventilador
 Sou o protagonista do meu próprio filme
 de terror
 O assassino não é Jason é mesmo assim
 eu me escondo
 Freddy vai ter pesadelo se ele invadir meu
 sonho
 Porque lá vai tá escrito "manual do
 suicídio"
 E assim que ele ler ele terá um grande
 delírio
 Essa é a realidade pra quem vive o que
 eu vivo
 Qualquer dia eu pego uma câmera e me
 mato ao vivo

Madrugada eu caminho

Música: AmarElo**Artista: Emicida (feat. Majur e Pablo Vittar)**

[Belchior]

Presentemente eu posso me considerar
 um sujeito de sorte
 Porque apesar de muito moço, me sinto
 são e salvo e forte

E tenho comigo pensado: Deus é
 brasileiro e anda do meu lado
 E assim já não posso sofrer no ano
 passado

Tenho sangrado demais
 Tenho chorado pra cachorro
 Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro

Tenho sangrado demais
 Tenho chorado pra cachorro
 Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro
 Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro
 Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro

[Emicida]
 Eu sonho mais alto que drones
 Combustível do meu tipo? A fome
 Pra arregaçar como um ciclone
 (entendeu?)
 Pra que amanhã não seja só um ontem
 com um novo nome
 O abutre ronda, ansioso pela queda (sem
 sorte)
 Findo mágoa, mano, sou mais que essa
 merda (bem mais)
 Corpo, mente, alma, um, tipo Ayurveda
 Estilo água, eu corro no meio das pedra
 Na trama tudo, os drama turvo, eu sou um
 dramaturgo
 Conclama a se afastar da lama enquanto
 inflama o mundo
 Sem melodrama, busco grana, isso é
 hosana em curso
 Capulanas, catanas, buscar nirvana é o
 recurso
 É um mundo cão pra nós, perder não é
 opção, certo?
 De onde o vento faz a curva, brota o papo
 reto
 Num deixo quieto, não tem como deixar
 quieto
 A meta é deixar sem chão quem riu de
 nós sem teto (vai!)

[Majur, Emicida e Belchior]
 Tenho sangrado demais
 Tenho chorado pra cachorro (eu preciso
 cuidar de mim)
 Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro (esse ano eu
 não morro)
 Tenho sangrado demais (demais)
 Tenho chorado pra cachorro
 Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro (Belchior
 tinha razão)
 Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro

[Emicida]

Figurinha premiada, brilho no escuro
 Desde a quebrada avulso
 De gorro, alto do morro e os camarada
 tudo
 De peça no forro e os piores impulsos
 Só eu e Deus sabe o que é não ter nada,
 ser expulso
 Ponho linhas no mundo, mas já quis pôr
 no pulso
 Sem o torro, nossa vida não vale a de um
 cachorro, triste
 Hoje Cedo não era um hit, era um pedido
 de socorro
 Mano, rancor é igual tumor, envenena a
 raiz
 Onde a plateia só deseja ser feliz (ser
 feliz)
 Com uma presença aérea
 Onde a última tendência é depressão com
 aparência de férias
 (Vovó diz) odiar o diabo é mó boi (mó boi)
 Difícil é viver no inferno (e vem à tona)
 Que o mesmo império canalha que não te
 leva a sério
 Interfere pra te levar à lona, revide!

[Majur, Emicida e Belchior]
 Tenho sangrado demais
 Tenho chorado pra cachorro
 Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro
 Tenho sangrado demais (demais)
 Tenho chorado pra cachorro (preciso
 cuidar de mim)
 Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro
 Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro

[Pablo, Majur e Emicida]
 Permita que eu fale, não as minhas
 cicatrizes
 Elas são coadjuvantes, não, melhor,
 figurantes
 Que nem devia tá aqui
 Permita que eu fale, não as minhas
 cicatrizes
 Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que
 resta de nós?
 Alvos passeando por aí
 Permita que eu fale, não as minhas
 cicatrizes
 Se isso é sobre vivência, me resumir à
 sobrevivência
 É roubar o pouco de bom que vivi

Por fim, permita que eu fale, não as
minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem é o
pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós
sumir

Tenho sangrado demais (falei)
Tenho chorado pra cachorro (é o Sol que
invade a cela)
Ano passado eu morri (ei!)
Mas esse ano eu não morro
Tenho sangrado demais (demais)
Tenho chorado pra cachorro (mais
importante que nunca)
Ano passado eu morri (mas aê)
Mas esse ano eu não morro

Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro (a rua é
nóis!)
Ano passado eu morri (e aê)
Mas esse ano eu não morro

Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro (Laboratório
Fantasma)

[Emicida]
Aí, maloqueiro, aí, maloqueira
Levanta essa cabeça
Enxuga essas lágrimas, certo? (Você
memo)
Respira fundo e volta pro ringue (vai)
Cê vai sair dessa prisão
Cê vai atrás desse diploma
Com a fúria da beleza do Sol, entendeu?
Faz isso por nós
Faz essa por nós (vai)
Te vejo no pódio

[Majur e Pabllo Vittar]
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

ANEXO 1 – IMAGENS TRANSCRITAS

TEXTO 1 – Atividade “Vida e morte”: “A vida e a morte”

A VIDA E A MORTE

O QUE É A VIDA? A VIDA PARA MIM É O CONTRÁRIO DA MORTE, ~~ENQUANTO~~ A VIDA TEM VÁRIAS CARACTERÍSTICAS COMO EXPRESSAR SENTIMENTOS COMO ALEGRIA E FELICIDADE. A VIDA TEM AS RAZÕES PARA VIVER, COMO NAMORAR, CASAR, COMER, JOGAR OU CRIAR UMA FAMÍLIA. OU SEJA, HÁ VIDA E AS CHANCES PARA VOCÊ FAZER TUDO QUE QUISER, ENTÃO ISSO TORNA A VIDA ÚNICAMENTE BOA OU RUIM DE ACORDO COM SUAS DECISÕES. A VIDA TEM O LIVRE ARBITRÁRIO.

A MORTE NÃO TEM AS OPÇÕES DE COMO A VIDA DÁ, A MORTE É SEM GRACA, A MORTE SÓ TEM UMA OPÇÃO QUE É CONTINUAR MORTO, A MORTE É O FIM DA VIDA MAS ELA É UMA OPÇÃO ENQUANTO HÁ VIDA.

TEXTO 2 – Atividade “Vida e morte”: “A VIDA E A MORTE”

A VIDA E A MORTE

A morte tem tão aterrorizante quanto curioso, pois ninguém sabe como a morte realmente funciona, se existe algo após ela, e é isso que causa tanto medo quando se trata desse assunto.

Nós seres humanos não gostamos da ideia de enfrentar algo novo, sem o conhecer primeiro, como a morte, mas talvez a mesma possa ser algo bom, pois com ela se vão todas as coisas ruins que nos perseguem, coisas que todos nós gostaríamos de nos livrar.

Se a vida como todos sabemos é uma coisa boa, pois quem está vivo não quer morrer. Pois com a vida conseguimos fazer o que nos deixa feliz, nos deixa ficar ao lado de pessoas que amamos, por isso não queremos conhecer a morte.

Mas também é por estarmos vivos que temos tantas coisas ruins que nos incomodam, que nos deixam tristes e deprimidos, e é por conta desses problemas que talvez a morte não seja uma coisa tão aterrorizante.

TEXTO 3 – Atividade “Vida e morte”: “VIDA E MORTE”

VIDA E MORTE

Ultimamente tenho me perguntado muito sobre esse assunto, como pode em um dia a pessoa estar bem e junto a nós, e no outro ela simplesmente deixar de existir. Me questiono muito. Minha vó faleceu a pouco tempo e o que eu mais queria é que ela estivesse viva e com saúde, mas sei que foi melhor para ela, a dor que ela sentia não desejaria a ninguém.

Penso eu que temos tantos problemas, julgamos tanto, reclamamos tanto e quando uma coisa assim acontece queremos tantas respostas e nem sempre as encontramos. Já a vida é algo sublime.

FONTE: Acervo pessoal. Texto escrito por um aluno do 3º ano noturno, 2019.

TEXTO 4 – Atividade “Vida e morte”: “EXPLICAÇÃO SOBRE A VIDA E A MORTE”

EXPLICAÇÃO SOBRE A VIDA E A MORTE

A VIDA. PRA MIM, A VIDA É UMA SESSÃO ONDE OS SERES HUMANOS PODEM SENTIR, REPRODUZIR, SONHAR E APRENDER. A VIDA PODE SER UMA EXPERIÊNCIA, UMA PASSAGEM OU ATÉ UM TESTE QUE ALGUM SER ONISCIENTE, ONIPRESENTE E ONIPOTENTE ESTEJA NOS PASSANDO. UM TESTE ESPIRITUAL TALVEZ, MAS, O PRINCIPAL OBJETIVO É SENTIR E SER SENTIDO, SAIR DA ZONA DE CONFORTO DE “VIVER DE VERDADE”.

A MORTE: A MORTE, SERIA A PARTE QUE A NOSSA ALMA FICARIA LIVRE E EMPAÇALADA. PASSAR NO “TESTE” E PODERIA SEGUIR LIVRE PELO UNIVERSO. SEGUINDO A IDEIA DE UM “DEUS”, SEGUIRIA PARA O “PARAÍSO” OU PARA O “SOFRIMENTO”, ENVOLVENDO UM JULGAMENTO, OU PODERIA SOMOS SUMIR JUNTO COM O UNIVERSO, VIRARIAMOS PÓ E TUDO ACABARIA.

FONTE: Acervo pessoal. Texto escrito por um aluno do 3º ano noturno, 2019.

TEXTO 5 – Suicídio egoísta: ideação 2

EU VOU POR UM FIM NISSO TÁ SO
QUE DO MEU JEITO. ACABANDO COM A
MINHA VIDA, SO QUE DESTA VEZ NÃO
VOU ME INJETAR VENENO NÃO, MUITO
MENOS TENTAR ME ENFOCAR, PRA NÃO
~~TER PERIGO DA CORDA ARREBENTAR,~~
VOU ME JOGAR NA FRENTE DE UM
trem mesmo, QUANDO ELE ESTIVER
EM ALTA VELOCIDADE, PARA NÃO TER PE
RIGO, DELE POW..
ESSA É A ÚNICA SAÍDA! ÍNDIO DIRETO
PARA UM CAIXÃO

FONTE: Acervo pessoal. O relato foi encontrado por um conjunto de estudantes do ensino médio diurno, autoria desconhecida, 2019

TEXTO – Ideação Suicida (Rede social)

Agradeço a todos que estiveram comigo ,quero que
cansei da vida ,desisti de tudo principalmente da
minha alma mesmo, eu peço que não chorem ,eu
vou estar em algum lugar bom ,lá eu vou ser
feliz ,vou está bem ,aqu na terra compri meu papel
que infelizmente acabou. Eu amo vocês obrigada
por tudo ,dani cuida dos pequenos aqui por mim tá ?
Até logo 🙌 um dia se encontramos e irei estar
esperando meu amores da minha vida 🙏🙌❤️

FONTE: Acervo pessoal. Relato de uma estudante em sua rede social. Instagram (2019).

TEXTO – Relato de Ideação: página 1

100 - C UMA ALERTA; UM AVISO.

data

1 / 1

S T Q Q S S D

OLÁ! ATRAVEZ DESSA CARTA VENHO
 DIZER QUE AMO MUITO A CADA UM
 DE VOCCS PAI, MÃE E TODA A FAMILIA
 GOSTO MUITO DE VOCCS ME DES-
 CULPEM AGUMA COISA SEI QUE NÃO
 PARECE MAS EU AMO MUITO
 TODOS VOCCS ME PERDOEM POR
 TUDO. EU CANSEI DE TENTAR AGRA-
 AS OUTRAS PESSOAS CANSEI DE
 PENSAR NO QUE IAM FALAR DE MIM
 EU QUERO SER SIMPLES E HUMILDE
 DO JEITO QUE SOU CANSEI DE ME
 SENTIR UM NADA; DE ME SENTIR
 INUTIL; DE ME SENTIR UM LIXO;
 DE ME SENTIR SEM VALOR; NÃO QUERO
 FAZER NADA ERRADO POR ISSO VOU ME
 ENTREGAR A DEUS PORQUE NEM EU
 ME ENTENDO AS VEZES OBRIGADA
 POR TUDO SEI QUE NÃO MEREÇO
 NEM MÉRCCO QUE DEUS ABENÇOE
 MUITO A TODOS EU QUERO SER DE
 DEUS EU QUERO E PRECISO TER
 DEUS QUERO AGRAÇAR A DEUS SOU
 CARENTE DE DEUS VOU COMEÇAR
 MINHA VIDA DO ZERO (0). FIQUEM
 TRANQUILOS ESTOU BEM NÃO VOU
 FAZER NADA ERRADO VOU DEIXAR
 DEUS/ME GUIAR. MAS UMA VEZ MUITO
 OBRIGADA POR TUDO AMO MUITO VOCCS.
 AMO MUITO MEUS AMIGOS; ^{MEUS} COLEGAS
 ATÉ MESMO MEUS INIMIGOS AMO MUITO
 HÁ TODOS OS MEUS CONHECIDOS. ADEUS
 ATÉ MAIS!

TEXTO – Relato de Ideação: página 2

OI PESSOAL OBRIGADA POR
 TUDO DEUS ABENÇOE MUITO
 VOCÊS. GENTE EU SOU MUITO
 MEDROSA, TRACA E COVARDE
 NÃO SEI CONVERSAR, NÃO SEI
 DESABAFAR EU NÃO CONSIGO
 ME ENTENDER SÓ DEUS
 SABE O QUE EU PASSEI, O
 QUE EU PASSO E O QUE SINTO
 EU GOSTARIA DE SER DIFERENTE
 EU QUERIA TAZER A DIFERENÇA
 MAS NÃO CONSIGO NUNCA FILAM
 ISSO É BOBAGEM ISSO É COISA
 DA SUA CABEÇA PARE COM TUDO
 ISSO PRA QUE FICA SE FAZENDO
 DE COITADINHA PARE DE FRESCU
 RA TUDO ISSO É DRAMA MAS É
 POR QUE NÃO ENTENDE NEM SABE
 O QUE ACONTECEU E O QUE
 TÁ ACONTECENDO E NUNCA
 PASSOU POR ISSO PEÇO A
 DEUS QUE NUNCA PASSEM POR
 ISSO NÃO É FACIL É UM MOMENTO
 COMPLICADO COMO EU QUERIA
 SER UM EXEMPLO, COMO EU
 QUERIA SER SÓ DE DEUS EU
 QUERIA TER ELE COMIGO QUERIA
 QUE ELE MORASSE, EM MIM MAS
 É ALGO DIFICIL É UMA COISA

Entregue para pedagogia Maria da 29/03

FONTE: Acervo pessoal. Texto escrito por uma aluna do 3º ano noturno em 2019.

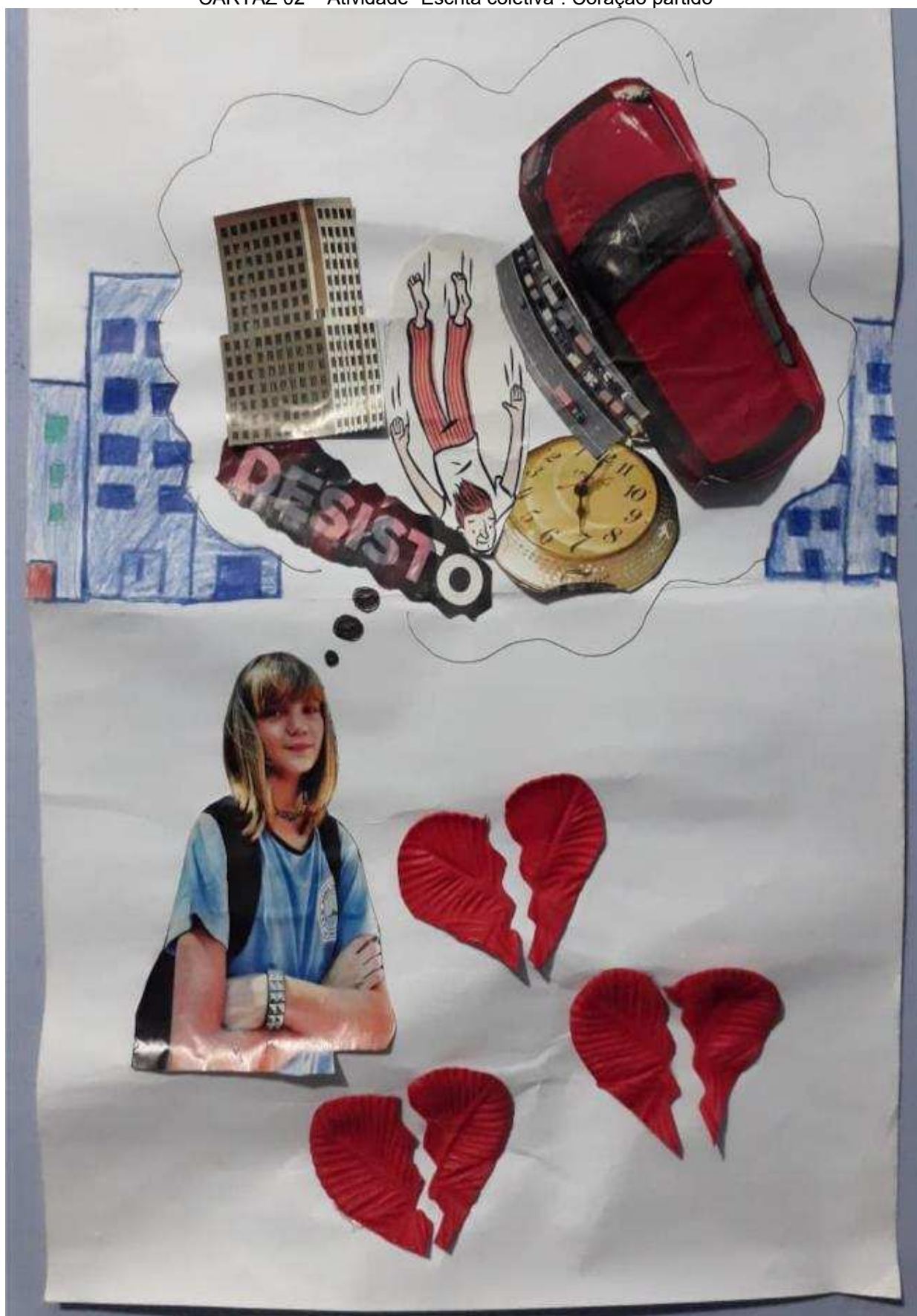
TEXTO – Relato de Ideação: página 3

IMPOSSÍVEL EU QUERIA SER
 CRISTÃ DE VERDADE, SER VERDA-
 DEIRA ADORADORA, SER FIEL
 A DEUS, NÃO SER FRIA NEM
 MORNA MAS SER QUENTE
 QUEIMANDO FAZENDO EU
 QUERIA SER FELIZ QUERIA
 VOLTAR A SER O QUE EU
 ERA ANTES SER MUITO
 MELHOR QUE ANTES PARCELO
 QUE MORRI A INOS EU TAVA
 MORRENDO AOS POUCOS E NÃO
 PERCEBI QUANDO NOTEI SA
 ERIA MUITO TEMPO DA JÁ
 NÃO TINHA MAS JEITO AGORA
 É SÓ UM MILAGRE EU TENTO
 SER EU LUTO PARA SER
 ALGUÉM LEGAL, SIMPÁTICA
 HUMILDE, DOCE, GENTIL, AMOROSA
 É UMA BOA PESSOA MAS É IMPOSS-
 ÍVEL EU NÃO GOSTO DE MIM
 MESMA SEI-LÁ EU ME ACHO FEIA
 PEÇO A DEUS QUE ELE ME
 ENSINE E ME AJUDE A ESTAR
 SEMPRE PREPARADA, PEÇO PARA
 ELE ME PREPARAR E ME BUSCAR.

O SUICÍDIO ACONTECE POR QUE
 A PESSOA JÁ ESTÁ MORTA POR
 DENTRO

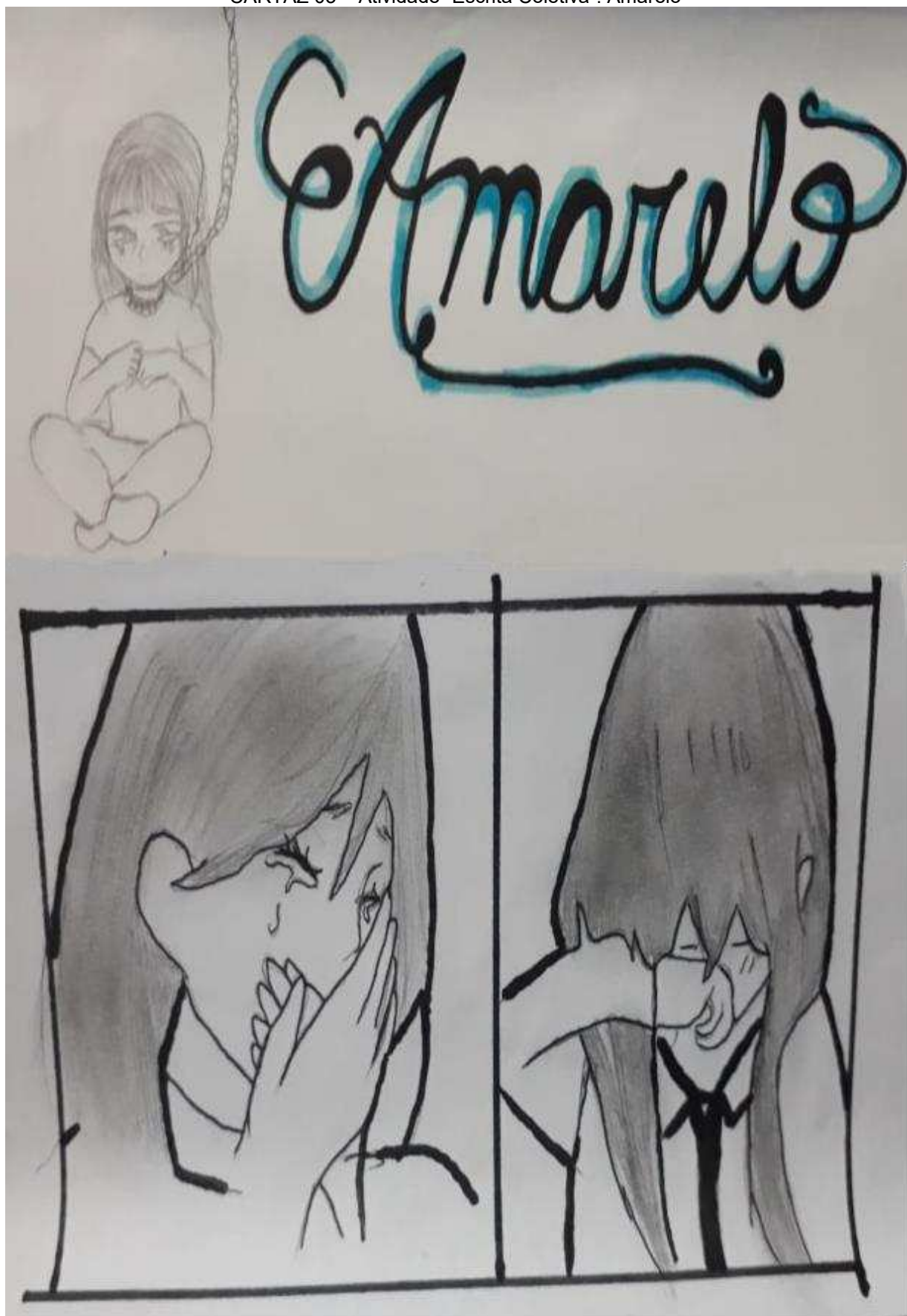


CARTAZ 02 – Atividade “Escrita coletiva”: Coração partido



FONTE: Acervo pessoal. Atividade elaborados por estudantes do 2º ano do ensino médio matutino.

CARTAZ 03 – Atividade “Escrita Coletiva”: Amarelo



FONTE: Acervo pessoal. Atividade elaborados por estudantes do 2º ano do ensino médio matutino.

TEXTO – Pedido de ajuda: página 1

E eu acho que o Sweden não me afu-
da, se ficar do meu lado. Porco, se
ele soubesse que eu sinto medo dele DO MEU PAI.
EU SINTO MEDO DELE.

MAS PARA ELE ISSO NÃO FAZ DIFERENÇA, PARA ELE
TANTO FAZ O QUE EU SINTO, ELE QUANDO ESTÁ COM
SO SABE PERGUNTA QUANDO QUE VÓS VAIAM PARA
CANA, SE ELE SOUBESSE O QUE EU SINTO, SÓ
BEM QUE PARA ELE NÃO FAZ DIFERENÇA, PÉ QUE

MERDA XD ISSU

EU VOU POR UM FIM NISSO XD SO
QUE DO MEU JEITO. ACABANDO COM A
MINHA VIDA, SO QUE DESTA VEZ NÃO
VOU ME INJETAR VENENO NÃO, MUITO
MENOS TENTAR ME ENFOCAR, PRA NÃO
TER PERIGO DA CORDA ARREBENTAR,
VOU ME JOGAR NA FRENTE DE UM
trem mesmo, QUANDO ELE ESTIVER
EM ALTA VELOCIDADE, PARA NÃO TER PE-
RIGO, DELE POW.

ESSA É A ÚNICA SAÍDA! INDO DIRETO
PARA UM CAIXÃO

FORONI

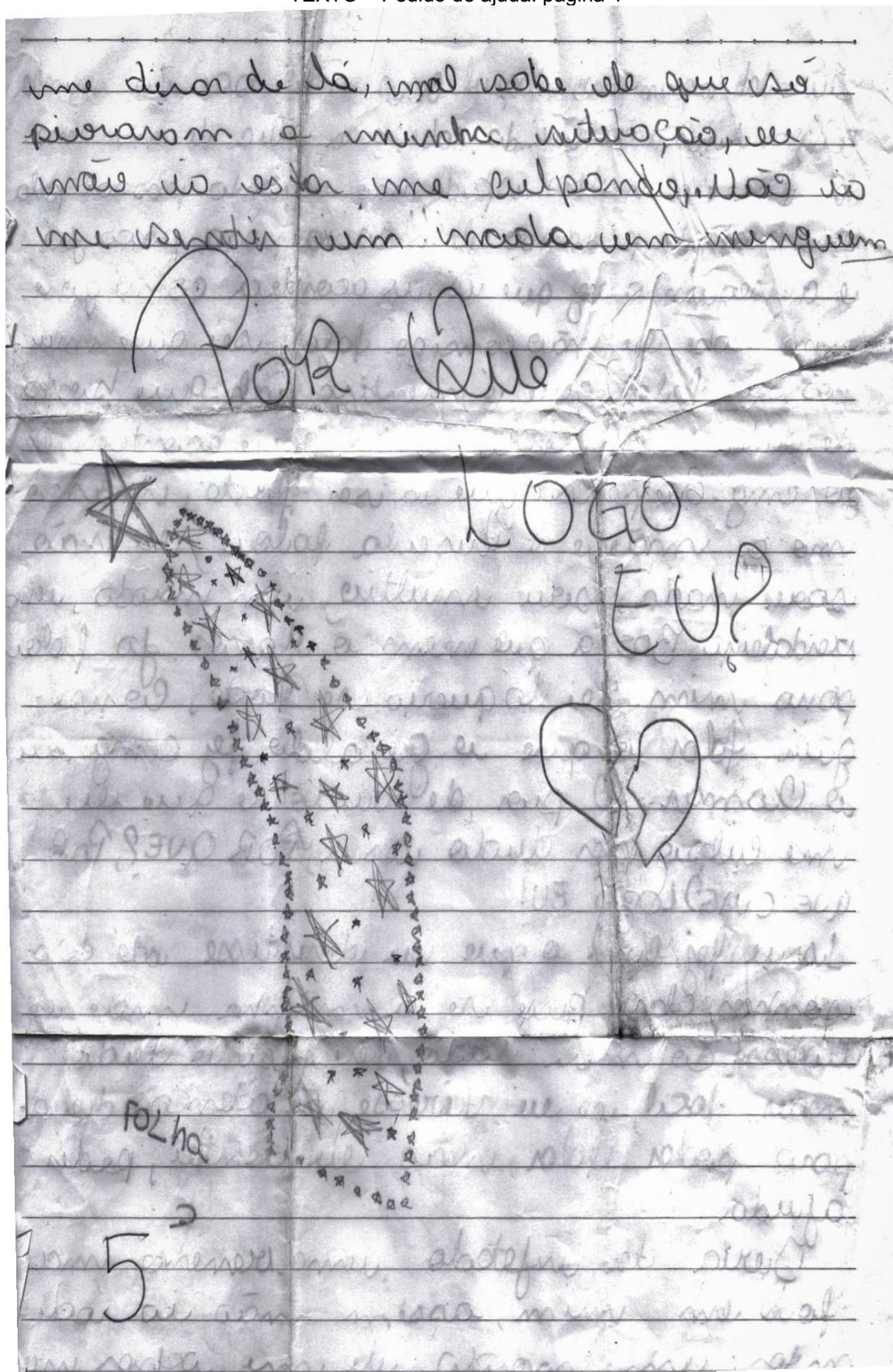
TEXTO – Pedido de ajuda: página 3

Sei lah as imagens daquelas, como mãe sou da minha
 lobice, mas não tive a coheça a ideia de me ma-
 dar, essa é a mulher usada, não adianta passar pela
 esse barto de processo de não vai pago, pois fo
 e a segunda vez que isso aconteceu comi que
 algum sabe, eu não consigo falar, sei que mu-
 tes não falar que é mentiroso, lah que barto
 de vida, essa vida tinha que acontecer, lo-
 go cing. Eu pensei que ia ser forte, mas co-
 mo a mãe e a Ruscila falou, eu não
 sou nada, sou inultio, um mado, um
 mendaceiro Bosta que nem o Marcos fo falar
 para mim. Sei lo quero ser forte, conse-
 guir falar o que o Geraldo fez cing eu
 o Clomar. O pior de tudo é que eu
 me culpo por tudo isso, POR QUE?, POR
 QUE CING? logo EU!

Isso fez com o que eu desistisse até dos
 sonhos, claro que se a minha mãe es-
 ducesse do meu lado, teria sido tudo
 mais facil, se eu tivesse a atenção dela
 para poder falar, mas eu tentei, pedir
 ajuda.

Teria ter infetado um veneno mais
 forte em mim, assim não ia odi-
 ar um mundo de me achar ma-
 chado de bandido, das tentativas me
 resimma, que Bosta, porque foram

TEXTO – Pedido de ajuda: página 4



FONTE: Acervo pessoal. Pedido de ajuda encontrado em 2019. Autoria desconhecida

TEXTO – Pedido de ajuda: página 5

POR QUE ISSO TEM QUE ACONTECER LOGO COMG?
 SO DE LEMBRAR DAQUELE CARA SE ESFREGANDO NE
 MIM, PASSANDO A MÃO NOS MEU PEITOS, SE ESFREGAN-
 DO NE MIM, QUE NOSSO QUE EU SINTO DE MIM MES-
 MA, NOSSO DO MEU CORPO, ODIÓ DA VIDA, ODIÓ DE TUDO!
 Eu queria conseguir seguir em frente sem
 falta para ir.
 Eu queria dar todos todos aqueles depois-
 mento, mas fiquei com medo, de ele vir
 atrás de mim e fazer alguma coisa, ou
 fazer pior do que ele fez comg...
 Quero dizer todo esse medo de dentro
 de mim mas não consigo, tenho
 mas não sou forte para isso.

ALGUÉM ME AJUDA

POR FAVOR



ANEXO 2 – PRODUÇÃO TEXTUAL SOBRE A VIDA E A MORTE: TRANSCRIÇÃO DOS TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ESTUDANTES

01 - “A VIDA E A MORTE

O QUE É A VIDA? A VIDA PARA MIM É O CONTRÁRIO DA MORTE, A VIDA TEM VÁRIAS CARACTERÍSTICAS COMO EXPRESSAR SENTIMENTOS COMO ALEGRIA E FELICIDADE A VIDA TE DÁ RAZÕES PARA VIVER COMO NAMORAR, CASAR, COMER, JOGAR OU CRIAR UMA FAMÍLIA OU SEJA HÁ VIDA TE DÁ CHANCES PARA VOCÊ FAZER O QUE QUISER. ENTÃO ISSO TORNA A VIDA UNICAMENTE BOA OU RUIM DE ACORDO COM SUAS DECISÕES, A VIDA TE DÁ O LIVRE ARBÍTRIO.

A MORTE NÃO TE DÁ OPÇÕES COMO A VIDA DÁ, A MORTE É SEM GRAÇA, A MORTE SÓ TE, UMA OPÇÃO QUE É CONTINUAR MORTO, A MORTE É O FIM DA VIDA MAS ELA É UMA OPÇÃO ENQUANTO HÁ VIDA”.

Texto escrito por um aluno do 3º ano noturno, 2019.

02 - “A vida e morte

A morte, tema tão amedrontador, quanto curioso, pois ninguém sabe como realmente funciona, se existe algo após ela, e é isso que causa tanto medo quando se trata desse assunto.

Nós seres humanos não gostamos da ideia de enfrentar algo novo, sem o conhecer primeiro, como a morte, mas talvez a mesma possa ser algo bom, pois com ela se vai todas as coisas ruins que nos perseguem, coisas que todos nós gostaríamos de nos livrar.

Já a vida como todos sabemos é uma coisa boa, pois quem está vivo não quer morrer. Pois com a vida conseguimos fazer o que nos deixa feliz, nos deixa ficar ao lado de pessoas que amamos, por isso não queremos conhecer a morte.

Mas também é por estarmos vivos que temos tantas coisas ruins que nos invadem, que nos deixam tristes e deprimidos, e é por conta desses problemas que talvez a morte não seja uma coisa tão amedrontadora”.

Texto escrito por uma aluna do 3º ano noturno, 2019.

03 - “VIDA E MORTE

Ultimamente tenho me perguntado muito sobre esse assunto, como pode em um dia a pessoa estar bem e junto a nos, e no outro ela simplesmente deixar de existir. Me questiono muito. Minha avó faleceu a pouco tempo e o que mais queria é que ela estivesse viva e com saúde, mas sei que foi melhor para ela, a dor que ela sentia não desejaria a ninguém.

Penso que temos tantos problemas, julgamos tanto e quando uma coisa assim acontece queremos tantas respostas e nem sem as encontramos.

Já a vida é algo sublime”.

Texto escrito por uma aluna do 3º ano noturno, 2019.

04 - “EXPLICAÇÃO SOBRE A VIDA E A MORTE

A VIDA: Pra mim, a vida é um sessão onde os seres humanos podem sentir, reproduzir, sonhar e aprender. A vida pode ser uma experiência, uma passagem ou até um teste que algum ser onisciente, onipresente e onipotente esteja nos passando.

Um teste espiritual talvez, mas, o principal objetivo é sentir e ser sentido, sair da zona de conforto e viver de verdade.

A MORTE: A morte, seria a parada que nossa alma ficaria livre, e em paz. Ao passar no “teste” poderia seguir livre no universo. Seguindo a ideia de um “DEUS”, seguiria para o “PARAÍSO”, ou para o “SOFRIMENTO”, ou poderíamos sumir junto com o universo, viraríamos pó e tudo acabaria”.

Texto escrito por um aluno do 3º ano noturno, 2019.

05 - Quando paro para pensar sobre a vida chego a um abismo de significados internos, que talvez não carreguem bem um adjetivo a alguém, encarando o que vejo e sinto dela, me sinto pequena, provavelmente porque não consigo ditar as regras ou o tempo quem sabe.

Texto escrito por uma aluna do 3º ano noturno, 2019.

06 - Vida: Posso ter defeitos viver ansioso e ficar irritando algumas pessoas as vezes mas não esqueço de que minha vida é a maior empresa do mundo. E que posso evitar que ela dá falência.

Ser feliz e conhecer que vale a pena viver apesar de todos os desafios incompletos e (palavra ilegível) de crise ser feliz e deixar de ser vítima dos problemas e se torna autor da própria história. E atravessar desertos fora de si mas ser capaz de encontrar um ásis no recondito da sua alma.

Morte: Eu acho que a morte é muito ruim por que acaba com nossa vida na terra. É e muito triste quando morre alguém. E a morte é um negócio que todo vai passar um dia.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

07 - PRA MIM A VIDA E A MORTE É COMO UM CICLO, TODO MUNDO VAI TER QUE PASSAR POR ISSO UM DIA. QUANDO ALGUÉM MORRE, A CADA MINUTO OUTRA PESSOA ACABA DE NASCER E OCUPA SEU LUGAR NO ESPAÇO.

MUITAS PESSOAS NÃO GOSTAM DE PENSAR NA MORTE DE SEUS PARENTES, NA VERDADE NINGUÉM GOSTA. MUITAS PESSOAS ACREDITAM QUE QUANDO UMA PESSOA QUE MORREU É MÁ ELA VAI PRO INFERNO. ISSO A MAIORIA DAS PESSOAS ACREDITA.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

08 - vida e morte

A vida é uma coisa maravilhosa, especial, uma coisa que temos que valorizar o pouco tempo que temos, mais a vida dura pouco por incrível que pareça a, vida é curta, na verdade não tem definir o sentido da vida. Mas um dia a vida acaba e não sabemos o quanto é horrível isso, não tem explicação para definir, e uma coisa que é tão rápido que num piscar poder mudar tudo em segundos, tem doenças que acabam com a vida quem vimos.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

09 - Nunca compreendi muito bem o conceito da morte. Sei que todos nascem e morrem e que essa é a única certeza da vida. A questão é a forma que isso acontece, segundos. Quando uma pessoa morre por estar em uma idade avançada, ou por uma doença por mais doloroso que seja, já estamos preparados para o pior. Mas e quando a vida é tirada de alguém? Ninguém espera por isso. Uma pessoa está voltando da escola ou trabalho, e um carro em alta velocidade sem ter tempo de frear, a atropela. E ela morre

Antigamente, quando alguém dizia que era assim que deveria ser, que uma pessoa porque foi a hora dela eu usava isso como conforto, porque é algo mais fácil de acreditar em algo que possa te confortar do que enfrentar uma dor

Porém ao pensar melhor hoje em dia, não enxergo dessa maneira por mais que possamos nos culpar por não termos tomado certas atitudes, nada vai mudar o acontecido A morte vai continuar fazendo parte de nós. Outro dia pensei, que a gente só perde alguém especial para nos lembrarmos que existem pessoas incríveis que não damos valor. Aprendi que as pessoas morrem no mundo lá fora, mas vivem dentro de nós

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

10 - Morte: Não temos exatamente uma explicação certa para a morte, a pessoa pode estar de boa aqui e agora, e do nada já está caído no chão, por alguma doença, ou assassinato, ou até mesmo suicídio a morte é inexplicável.

Vida: A vida não deixa de ser difícil de entender, é incrível a formação de um ser seja ele humano ou não. Eu falo que a vida é baseada em 3 fases nascer, crescer e morrer.

Eu acredito também que todos temos um propósito na vida antes de morrer, e não morremos antes de cumprir esse propósito, não sei se é assim mesmo, mas é o que eu acho.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

11 - A vida e a morte

Para mim, a vida é uma dádiva. Devemos aproveitar ela ao máximo, devemos valorizar e amar as pessoas que são importantes em nossas vidas, pois não sabemos o dia de amanhã. A vida é um presente que Deus deu para nós, devemos sempre agradecer a Ele por nos dar a chance de vivermos a cada dia.

Eu acredito, que existe vida após a morte, acredito que Deus deu seu único filho para morrer por nós, e nos garantir a vida eterna. Devemos adorar a Deus em espírito e em verdade. Como diz a palavra de Deus, aquele que crer nele ainda que esteja morto viverá.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

12 - A vida e a morte

Então quando nascemos a única certeza que temos é que um dia vamos morrer, e não saberemos dia hora e lugar, algumas pessoas costumam não acreditar em Deus mais tudo bem cada um com sua religião, eu acredito em Deus, acredito no céu e acredito que Jesus está voltando.

Eu nasci em um lar cristão por isso eu acredito em Deus, mas não só porque nasci em um lar cristão foi porque eu lia muito a bíblia tudo o que está acontecendo esta em apocalipse bom mais não vamos entrar em contexto aliás vim para da morte e da vida, a morte para muitos é o descanso eterno, mais para quem fica aqui na terra é perturbado com a saudade.

A vida é boa, mais infelizmente é uma passagem, estamos apenas viajando, realizando sonho cumprindo objetivo, metas vivendo como se não existisse amanhã.

- Aquele que crê em Deus ainda que esteja morto viverá.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

13 - A vida de um ser começa em sua concepção, em seu nascimento, a existência e rotina, jeito de viver, evolução e conhecimento, momentos, acontecimentos, vida física e espiritual, vida após a morte, épocas, lugares, memórias e emoções.

A vida pode ser explicada por muitas maneiras, em minha opinião, em minha opinião todos tem um motivo de viver, uma razão para ainda estar aqui, uma missão própria, um futuro para traçar, a vida é jornada de momentos e sentimentos por nós ou por alguém.

A morte, acredito que seja a falência de nosso corpo, uma parte física, na parte espiritual todos temos uma religião, algum ser maior que nos proporciona a vida após a morte, a fé do seguidor.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

14 - A vida e a morte

A vida é um momento passageiro, na qual devemos aproveitar cada momento dela sendo momentos ruins e felizes, tendo dificuldades ou não devemos sempre agradecer por mais um dia de vida sendo feliz ou triste temos a dádiva de viver temos que da importância a cada segundo de nossas vidas.

A morte é uma coisa que ninguém deseja a morte é algo que acaba com desejos e com famílias mas mesmo as pessoas sabendo que é uma coisa muito ruim de presenciar, as pessoas fazem coisas que chama a morte para perto delas a melhor escolha é evita a morte e viver e aproveitar cada momento sem loucuras.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

15 - A vida para mim pode ter momentos bons e momentos ruins. Os momentos bons são quando você está feliz, realizando seus sonhos, em sua casa os momentos ruins podem ser quando sua família está brigando muito, quando você está desempregado ou sem dinheiro para pagar as contas, etc.

A morte para mim é a certeza que todos temos que uma hora vai chegar. Ninguém escapa dela. Quando nós morreremos não vamos levar nada deste mundo, por tanto não sei por que muitas pessoas querem ter tudo só para dizer que tem. As pessoas não estão mais aguentando esse mundo de crueldade e estão se suicidando.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

16 - Pra mim começa quando nascemos, crescemos e vamos passando por ciclos no decorrer da vida: infância, adolescência, fase adulta e velhice. Na infância é um período de aprendizagem, quando começamos a descobrir o mundo a nossa volta. Adolescência

começam as transformações no corpo e na mente. Fase adulta a responsabilidade aumenta. Já na velhice os cabelos começam a ficar brancos, a pele começa a enrugar, a capacidade de viver sozinho vai diminuindo e certas doenças acabam surgindo e chega a hora da morte seja natural ou por doença. Eu acredito na vida após a morte. Que existe um Deus. A vida não acaba após a morte, ao contrário vamos viver em um lugar melhor.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

17 - É tão complicado falarmos sobre a vida e a morte, pois estamos aquém em terra e não sabemos aproveitar os mínimos detalhes, que a vida nos propõe.

As vezes te dão tantas e tantas oportunidades de mudar, fazer um ato, e até mesmo mudar a sua vida mas o ser humano chega a ser tão complicado a um nível que não sei explicar! Eles querem ser mais que os outros, chegamos em um tempo que o mundo está perdido as pessoas estão se afastando de Deus e se entregando a perdição.

A morte se baseia em um versículo da Bíblia “do pó viemos ao pó voltaremos”, mesmo sendo tão doloroso falar sobre uma morte é a coisa mais difícil para qualquer ser.

Muitos acreditam na vida após a morte, ou até mesmo a reencarnação isso varia de religião a religião; basta ter respeito.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

18 - O que é a vida e a morte para você?

Bom o que é a vida e a morte pra mim é que... bem é... uhh... AH PERA! Não deixa pra lá... é... Acontece q ã sei não. ;-;

Acho que viver é aproveitar o máximo, ser gente boa talz antes de você virar o balde ou bater as botás, enfim, isso tem o mesmo significado. •;

NÉ.

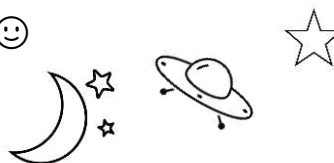
E morrer ... eh... bem, morrer é morrer 😞 Sabe Deus para onde vamos; Porque eu não sei 😊

Mas como eu sou evangélica, acredito no céu e no inferno... Mimagina que loko se quando você morrer, você vai para uns lugares bem aleatórios! Tipo: uma outra dimensão, ou outro universo, ou para um lugar bem loko mesmo? ...

(Já acabou o limite de linhas, parte 2 em breve) 😊

Porque você ainda tá lendo isso?

Sério, não tem nada aqui. •;



Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

19 - bom para mim a vida é o que Deus deu pra nós qua faz nós fazer o que nós faz hoje como andar mexer as mãos e etc. também é aonde nós vive o mundo é repleto de vida tipo os animais é uma via feita por deus as plantas as arvores tudo o que tem no mundo é repleto de vida que Deus deu pra nós corações também é uma vida por que isso pessoas não vivem. E a morte pra mim é uma coisa que pode acontecer de qualquer maneira tipo assassinato falecimento tragedia e que depois não sabemos aonde nós vamos depois da morte.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

20 - Vida e a Morte

Vida e Morte, começo e fim, a vida pode ser longa ou curta, depende de suas ações ou da sua saúde, enquanto vivo você pode ser feliz ou triste, pode ter amigas ou ser sozinho, eu diria que tudo depende muito das suas ações, o caminho que você segue pode dizer muito sobre seu futuro, se vai vier ou vai morrer, o estilo de vida perfeito pra se ter é com amigos que te amam e estão do seu lado, passar momentos em família, dar um propósito a sua vida, viver bem e aproveitar ao máximo, mas tem aqueles que não aguentam viver, cercado por pensamentos negativos, que so querem acabar com tudo, querem morrer, mas sera que a vida é o fim, sera que não seria só mais um outro começo, a vida e a morte depende muito da visão das pessoas, varias tem pensamento diferentes, e é isso o que eu penso, a morte pode ser só um novo começo.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

21 - A vida está em todos os lugares, temos fases na vida, todos dizem que quando morremos é porque comprimos nossa missão na terra, alguns acreditam que a única morte é o nosso corpo, mas nossa alma passa para outro mundo.

A vida pra mim é linda apesar das coisas que passamos, nascemos, passamos pela vida de diversas pessoas, fazemos história e morremos.

A morte às vezes pode ser antecipada, mas nunca tem hora nem dia para chegar, talvez ela não seja má para quem morre, mas para quem fica ela é ruim, porque ela destrói muitas coisas, muda muitas coisas, a única certeza da vida é que um dia iremos morrer.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

22 - A VIDA NÃO DÁ PARA SER EXPLICADA COM UMA ÚNICA PALAVRA, A VIDA TEM MUITAS FORMAS TIPO AS FLORESTAS, AS FLORESTAS FORMAM O BERÇO DA VIDA DEPOIS DA ERA JURÁSSICA, MUITOS ANIMAIS VIVEM NA FLORESTA INCLUINDO O SER HUMANO.

A VIDA É ALGO QUE NÃO DÁ PARA EXPLICAR MAS A MORTE DÁ PARA EXPLICAR.

A MORTE É QUANDO UMA PARTE MUITO IMPORTANTE DO CORPO PARA DE FUNCIONAR COMO O CORAÇÃO. QUANDO O CORAÇÃO PARA O RESTO DO CORPO PARA DE FUNCIONAR DEIXANDO O CORPO IMÓVEL; QUANDO O CEREBRO PARA DE FUNCIONAR O CORPO AINDA PODE CONTINUAR FUNCIONANDO POR UM TEMPO MAS COMO O CEREBRO NÃO ESTÁ FUNCIONANDO, O CORPO MESMO FUNCIONANDO, ESTÁ MORTO, DEPOIS DISSO A GENTE NÃO SABE O QUE ACONTECE DEPOIS.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

23 - A vida é tipo um papel onde você começa a escrever desde o momento que nasce, você escreve todos os momentos em família, amigos ou sozinho, e pensativos. Escreve lembranças e experiências vividas que você pode fazer escolhas certas ou erradas dependendo. Poderá incutir a vida por vários motivos, quanto vai chegando ao fim da vida você passa experiências de vida para outro papel (vida).

A morte é o fim, muitos têm ideias do que vem depois da morte, outra vida ou ir para o inferno ou paraíso, ou, depois da morte não acontece nada. Ninguém ao certo sabe o que acontece depois da morte, pois ninguém voltou para contar, muitos têm medo da morte, outros não vêem problema em morrer, tem bastante gente que teve experiência de quase morte, e disse que sempre vão para um lugar tranquilo e conversam com um homem, mas depois voltam. Eu tenho um pouco de medo pois não se sabe o que vem depois da morte.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.



24 - eu acho que a vida é feita pra ser vivida (ava) quando nascemos, mas sabemos de nada e somos bem pequenos (AVA).

Mas sabe, essa é que é a graça, é o nosso poder. Nós aprendemos, cada dia descobrimos algo novo aos pouquinhos, às vezes com dificuldades, às vezes não... fazer o quê? ;-;

E vai ser sempre assim (eu acho) não seria sem graça se a gente nasce sabendo tudo? (só uma observação 😊)



Sei lá, mas é FODA, você tem que aproveitar a vida a cada momento, é uma coisa muito valiosa pra ser desperdiçada.

Sobre a morte? Bem, eu posso confirmar que várias vezes eu tive a experiência de "quase morte" e meu irmão... é foda...

O que eu acho o que vai acontecer quando eu morrer? Eu espero que eu vá DIRETO PRO CÉU! pela morte de DEUS, amém.

* de português propositais

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

25 - Para mim a vida e a reencarnação que Deus nos dá para passarmos um tempo na terra, eu vejo que quando nossa vida é boa e porque não eramos grandes pecadores e quanto pior e porque nosso karma de nossa antiga encarnação está sendo aplicada e a morte é um

descanço que nos teremos a que nós volte mos a uma encarnação nova, e pra mim podere mos ser perdoados se for para o inferno, quando nos arrependemos seremos perdoados. Para mim sempre poderemos reencarnar sem limites

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

26 - O que é a vida e a morte

Bom, a vida e a morte, caminham lado a lado, porém ficam algumas perguntas no ar, por exemplo “de onde viemos”, “o que estamos fazendo aqui”, “para onde vamos”, “tudo acaba após a morte”. Enfim não existe definição para vida, porém eu acredito que viemos aqui para crescer, aprende um com os outros e depois morrer, alguns acreditam que iremos para o “céu”, outros que vamos renascer, eu acredito que vamos para o tal paraíso.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

27 - Vida e morte

A vida é algo que ganhamos devemos preservar e aproveitar a vida é uma coisa delicada você pode ser esfaqueado, baleado, atropelado, pode pegar um vírus, uma doença sem cura. A vida esta passando a cada dia acho que a vida significa viver sem medo da morte.

A morte é o vazio é o escuro acho que morrer deve ser solitário eu imagino que você fique num limbo infinito mas, a morte é natural uma hora vai chegar para todos não é possível enganar ela a morte significa o fim.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

28 - A vida para mim é algo que tem seu lado bom e o seu lado ruim , por exemplo: seu lado bom é que você pode sonhar e ate se empenhar para realizar seus sonhos, a vida para mim é feito de sonhos porque sem eles não sabemos o que iriamos fazer, se não seguirlas. A parte ruim da vida é que existem pessoas vam te umilhar, te depresar e não vam se importar se você levou isso a sério ou não, e você vai acabar sofrendo com os comentários maldosos.

A morte para mim é a única certeza que vamos ter, mesmo sendo cedo ou tarde vamos acabar nesse destino, e cada dia mais as pessoas roubam o lugar da morte com o suicídio, pois o papel da morte é ela nós levar e não a gente se levar até ela, confesso ter tentado pular o papel dela me buscar e eu ir até ela, mas rezouvi que não valeria deixar as pessoas que eu amo pra tras.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

29 - A vida é o tempo que temos aqui na terra para se tornar pessoas melhores. É o tempo que temos para fazermos o que queremos da nossa vida e o que vamos se tornar no futuro, é o tempo para a gente se prepararmos para voltar a presença de Deus.

A morte é o período quando nosso espirito abandona nosso corpo físico e fica aqui na terra. Quando a morte ocorre a um a pessoa, o espirito se eleva para o mundo espiritual e seremos julgados por Deus, independente de nossas ações, seja elas boas más. Para muitos a morte significa muitas coisas.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

30 - VIDA e A MORTE

Bom todo mundo Pensa o que acontece depois que agente morre mais ninguem Pode Saber o que vem depois que agente morre. A vida e uma coisa que todo mundo tem o so basta cada um cuidar da Sua que todos vivem feliz i eu acho que todo mundo tem que ta feliz por ter uma vida ninguem pede pra vim no mundo é uma coisa que acontece com todos mundo a morte é uma coisa que ninguem espera vem na hora que nós menos espera só se alguem quiser morrer esse mata so porque tudo da errado na vida ou vai matando todo mundo so porque ta com raiva da vida e tambem todos ficam falando se vai pro céu ou pro inferno eu acho que ninguem sabe dessa que sabe disso é só Deus.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

31 - Bom a vida para mim é você realizar sonhos, criar ideias para seu dia a dia, relembrar momentos bons, a vida não é como planejamos sempre. Tem momentos ruins, momentos bons, momentos que ficaram marcados outros nem lembrados serão quase, a vida é você viver a cada dia como se não ouvesse amanhã.

A morte, bom não tem muito o que falar da morte, porque quando falecemos, nós não teremos mais momentos, bom eu acho pelo menos, a morte é um assulto ruim, porém a gente não terá

mais momentos, mais com certeza deixaremos saudades assim como muitas pessoas que já se foram deixaram.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

32 - VIDA DO MORTE

OU, SOU VIDAS DO MUNDO A DEMA Ò NO É VIVER MORRES DA FIZ DO MORRER DA MAO ESSE É O CAMINHO DE BEM VIDA. VIDA ETERNA.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

33 - A vida é só uma passagem, pós devemos aproveitar cada momento dela seja feliz, triste com dificuldade financeira ou boa devemos aproveitar cada momento dela seja feliz ou triste com dificuldade financeira ou boa devemos agradecer pela vida que temos e sempre agradecer a Deus por ter nos dado vida e saúde.

Morte coisa que ninguém deseja. um nome ruim de pronúncia a morte deixa todos triste mas mesmas as pessoas ~~(sabendo que é uma coisa e)~~ fazem coisas que chama a morte pra perto dele a melhor coisa pra evitar a morte e viver e aproveitar cada momento sem loucura e suave.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

34 - A vida é um ciclo em eramos recém-nascido, criança, adolescente, adultos e ficamos idosos, mais nem todas as pessoas passam por esse ciclo, umas morrem quando crianças, ou até recém-nascido, ou adolescentes adultos, ou idosos, não temos idade para morrer, mais quando a morte vim não tem como fugir.

A morte, como eu tenho uma religião eu acredito que tenha vida após a morte, não sei onde iríamos ficar, dependendo do que ou de como você foi na vida, se fez o bem ou o mal, mas eu acho só nossas almas ficam vivas, quando morremos a alma deve sair do corpo e como eu falei dependendo se fizemos o bem ou mal, na minha religião acreditam em que quem fizer o bem vai para o céu e quem fizer o mal vai pagar os pecados na terra e iríamos para o inferno.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

35 - A vida é aproveitar os momentos bons com os amigos, famílias, aproveitar para viajar, fazer várias loucuras, é claro que tem os momentos ruins também, várias coisas acontecem nas nossas vidas.

Perdemos muitas pessoas por conta de doença, acidente, e mais acontecimentos, ninguém sabe que coisa vai acontecer, ninguém sabe o dia de amanhã, por isso devemos valorizar cada momento com quem a gente ama.

A única certeza da vida é que um dia iremos morrer, muitos acreditam que há vida após a morte, já outros acreditam que as pessoas mortas se reencarnam.

Os evangélicos acreditam que todos nós vamos para o céu, e também, acreditam que as pessoas ruins não vão para o céu, dizem que vai para o céu somente pessoas boas.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

36 - Entendo que a vida é uma coisa difícil de se explicar, nos nascemos, depois toda a fase de crescimento e desenvolvimento social tanto com as pessoas em casa quanto no trabalho e escola.

Passamos a vida toda estudando e trabalhando para concluir nossos objetivos e construir uma família. E a morte é questão de finalidade desses objetivos, ou pode ser por fins trágicos, doenças, ou uma pessoa fazer algo contra a própria vida por problemas pessoais.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

37 - A vida é um estado físico onde você passa por varias situações e obstaculos tanto emocionais como físicos, durante um dia podemos passar por varias emoções boas ou ruins a vida é uma surpresa nunca sabemos o que vai acontecer.

A morte é quando “a vida acaba” a gente diz que existe vida após a morte...

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

38 - Sobre a vida, primeiro nascemos, aí crescemos e nos desenvolvemos, socialmente tanto em casa como na escola, no trabalho, etc. Na vida temos nossos objetivos, concluímos eles com emprego, questões de família, como por exemplo, namorar, casar e construir sua família. Já a morte é questão de finalidade desses objetivos ou pode ser por fins tragicos

como por exemplo: doenças, acidentes ou por problemas pessoais a pessoa acaba fazendo algo contra a própria vida.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

39 - Sobre a vida e a morte eu não entendo muito mas vou tentar falar o que eu sei sobre esse assunto, irei dizer do religioso e da minha opinião e que existem varias teorias e varias religioes que falam sobre esse

Na minha religião falam que quando você morre você tem a possibilidade de ir para dois lugares o inferno que as almas pagão por todos seus pecados e o céu para onde você fica tranquilo com deus.

Na minha quando agente apenas morre sem muito o que falsa já foi provado cientificamente que quando você morre seu cerebro desliga e seu coração para meio que você começa a apodrecer.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

40 - "Morte" um ponto aparentemente desconhecido, um animal feroz que corre sem descanso, atrás de sua presa, sabendo que ela uma hora se cansará, e assim a levará com ele para sempre

E como definir a vida? Talvez uma breve passagem pela terra, muitas vezes sem sentido, uma vinda a terra, onde você nasce, cresce, estuda para ter um "futuro" e depois de vitórias, altos e baixos, muitos fracassos também, a morte te alcança, e tudo parece ter sido em vão; para que? A vida é sim algo maravilhoso, onde você conhece pessoas maravilhosas algumas nem tanto... mas e se você tiver um propósito? E ter convicção para alcança-lo para alcança-lo? Tudo começa a fazer sentido, nossa vinda a terra se torna importante na vida de outras pessoas também encontrem seu proposito, e assim essa breve passagem aqui se torna bem mais do que só nascer, crescer e morrer?

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

41 - Eu entendo que quando você esta viva, te esta vivendo toda a sua vida realizando tudo aquilo que você tem vontade vive uma vida aqui no mundo, tem a sua família inteira com você. Sem dizer que com a tu aprende muito.

Já a morte quando você morre as pessoas vão sofrer pois depois não, você vai cair no esquecimento geralmente únicas pessoas que realmente vão sofrer e sua mãe e seu pai pois é assim que sua família ira ver quem são seus amigos, pois o meu pensamento sabe tudo.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

42 - Vida → viver feliz, vida é sorrir, aproveitar a vida, curtir, zoar, dançar, pular alcançar os objetivos, as metas, nascer, crescer, estudar e casar, formar família, não viver de aparência, ser você mesmo, não ter medo de errar, namorar, levar fora também é viver, porque a vida não é feita só de "sim", vão ter "nãos" que sempre se pensa em desistir, mas o negócio é dá a volta por cima, levantar, arrumar o cabelo, mostrar os dentes e seguir.

Morte → assim como a vida é viver feliz mesmo com dificuldade, também existe a morte, que pode ser interpretada por dois sentidos, você morrer (caixão, flores) ou morrer de espírito, que é, uma pessoa sem (alma) que é triste, sedentária, briga por qualquer coisa, que acha que a vida é só trabalhar e afazeres atrás de um escritório.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

43 - Eu entendo que a vida é uma coisa que Deus deu pra nós, para que possamos viver ela, ajudar as pessoas, fazer coisas boas e etc. A vida é uma coisa que você tem que valorizar pois ela é uma coisa boa e não é todos que a tem, pois tem pessoas que na hora do nascimento acaba morrendo ou acontece outra coisa.

A morte é a uma coisa que todos sabemos que vai acontecer, por isso não devemos ter medo, a qualquer momento isso vai acontecer. Na morte quando você morre ou vai para o céu ou vai para o inferno. A morte ela um demônio que qualquer momento ela vai chegar, todos iram morrer por isso temos que prestar atenção em tudo o que vamos fazer.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

44 - Eu entendo que a vida é uma coisa boa é só saber aproveitar ela, não ficar jogando ela "fora" tipo ficar fumando narguilhe, cigarro, maconha, etc. Ficar bebendo e usar drogas

Para ter uma vida boa e longa tem que comer coisas saudáveis, sempre fazer exercícios, não comer tanta gordura, etc. Bom todo mundo sabe que um dia iremos morrer, porque não terá um começo sem ao menos ter um fim

A morte é uma coisa certa, e triste também pois ficamos abalados quando um conhecido ou parente morre, tem pessoas que não estão nem aí ficam falando; "A quem morrer, a vida é uma bosta". A maioria das vezes estão falando para se aparecer, claro tem casos que são verdadeiros em que a pessoa está em uma depressão ou coisa do tipo.

Os jovens de hoje estão se suicidando pois não sabem resolver problemas tipos terminos namoro, problema em casa, etc. É uma fase delicada mas passageira se saberem agir corretamente tudo acaba bem.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

45 - A vida é o período em que as pessoas cometem erros e acertos em busca de algo nem sempre tão importante, o que faz elas cometerem pecados.

A morte é o período em que as pessoas são julgadas pelo que fizeram em vida e pelo que pretendem fazer em morte com suas decisões.

Eu acho que isso pouco importa porque todos nós um dia vamos morrer

independente do que fizemos em vida se erramos ou acertamos. ou se cometemos pecados.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

46 - Vida ou morte

A vida é meio difícil de entender tem muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo na vida de várias pessoas, e tudo o que acontece ninguém consegue prever como um acidente ou um milagre, tragédias, coisas boas tipo uma promoção de emprego ou uma vaga de trabalho para pessoa que precisa.

Uma das únicas coisas que eu percebi que a vida pode ser e injusta com algumas coisas e pessoas vou usar o exemplo do rico e do pobre, O rico tem tudo a partir da vestimenta até saúde tem hospital de qualidade vida boa casa boa, enquanto o pobre não tem um hospital decente e consegue ser feliz com pouco.

No caso da morte eu acho fácil entender mas a única parte difícil de aceitar dela é quando uma pessoa que amamos seja ela um amigo, um parente, até mesmo uma namorada às vezes, depois que morremos não vamos levar nada, na morte a única coisa que vamos deixar é saudade para algumas pessoas e quando alguma pessoa que amamos acaba morrendo ela nos deixa a saudade e as lembranças dos momentos bons, se fosse para dar um conselho eu diria para aproveitar a vida buscar correr atrás dos seus sonhos porque nunca sabemos quando a morte vai chegar.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

47 - A Vida e a morte

Vida é uma coisa que todos que respiram tem, vida é você poder viver ela, mesmo na alegria ou na tristeza, mesmo você tendo vários problemas você continua com ela, A coisa boa da vida é isso você poder passar por momentos difíceis e ainda continuar firme. Na minha opinião as pessoas não aproveitam os momentos de suas vidas, elas só sabem reclamar e reclamar sendo que se não fosse as dificuldades da vida, você não teria isso porque todos nós temos dificuldade, e a graça da vida é poder passar os momentos mais engraçados e os de choro. A morte é algo que a maioria das pessoas não quer porque ela tem "medo", mas a morte é simplesmente o fim da vida, que você não pode viver mais os seus momentos.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

48- Vida e Morte

Então vou começar com a vida, a vida é um dom de Deus que somente ele pode dar e tirar, tem muitas pessoas que apenas existem no mundo mas não vivem a vida não aproveitam cada segundo dela, a vida só é bem vivida quando tem Deus no coração porque não tem nada melhor do que aproveitar as pequenas coisas, muitas vezes tem pessoas que reclamam da vida tendo tudo porque o dinheiro e bens materiais não importam, o que realmente importa são os sentimentos são cada segundo vivido com amigos, família. Mas já quando a morte vem você não leva nada com você, mas sim deixa muitas lembranças para as pessoas com quem você convivia. Após a morte para aqueles que foram fieis a Deus tem uma vida

maravilhosa no paraíso e repetindo somente Deus o todo-poderoso tem o poder de tira-la e ninguém sabe o que vai acontecer após a morte só Deus e ele é o caminho a verdade e a vida.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

49 - A vida ser bem vivida porque nunca vamos saber quando é o nosso ultimo dia com vida, e como vemos hoje em dia acontecendo varios desastres, como assassinatos, explosões e desastres naturais, e a gente nunca sabe quando vai ser com a gente, por isso devemos aproveitar cada momento com amigos e familia, porque algum dia poder ser só saudade. E depois que alguém importante morre, à única coisa que vai ter s so saudades e lembranças, porque hoje em dia além de desastres tem as pessoas com depressão, e devemos ajuda-las porque não queremos que algum amigo nosso morra de tal forma.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

50 - Vida e Morte

“Vida” a vida é pra ser vivida, não deixando para depois bons momentos que podem ser vividos agora, ela deve ser vivida sem ódio, sendo feliz e fazendo as pessoas ao redor feliz, viver sempre de bem com os amigos familiares.

Viver e estar sempre desarmado. viver tranquilo, porque que nem diz o ditado “tudo que se planta, colhe”.

“Morte” acho que atravez da minha religião irão vim outras vidas, e que a morte é onde as pessoas encontram a paz.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

51 - Eu acho que a vida é um dom de Deus que somente ele pode dar e tirar, tem muitas pessoas que apenas existem porque ele quer, porque afinal ele é quem dá e quem tira a vida, tem muitas pessoas que tem a vida mas não vive, principalmente nos melhores momentos, com a família, amigos e pessoas importante.

E a morte é uma coisa que pra muitas pessoas é ruim, mas para outras é o paraíso principalmente pelo falo de elas que tem fé quando morrem (pelo menos eu acredito) é muito bom pois vão para o céu o que eu acredito que é o paraíso.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

52 - O que significa vida e morte?

Para muitas pessoas a vida e a morte tem varios significados, o que significa a vida? A vida é algo mais que um conceito biologico a vida para cada pessoa tem um significado diferente para mim a vida significa uma oportunidade para realizar sonhos alcançar objetivos e aprender.

Para mim a morte significa o fim, significa que tudo acaba quando você morre, para outros a morte é o começo de uma nova vida em um lugar melhor onde podemos viver eternamente. A vida e a morte tem vários significados o que entendo como vida é que ela é uma oportunidade de você aprender , sonhar, e alcançar objetivos, e a morte para mim é o fim dessa oportunidade mais se suas ações na terra tiverem um bom significado a morte pode ser o começo de uma vida melhor.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

53 - A VIDA E A MORTE

A VIDA VOCÊ PODE FAZER MUITAS COISAS INTERESSANTES, COMO BRINCAR SE DIVERTIR ETC. MAS COM A MORTE EU JÁ NÃO SEI SE É POSSÍVEL FAZER ALGO ASSIM MAS COM A VIDA É POSSÍVEL FAZER MUITAS COISAS BOAS E DIFERENTES, COM A MORTE EU ACHO QUE NÃO É POSSÍVEL FAZER NADA DISSO. E COM A VIDA VOCÊ PODE FAZER AMIGOS, COISAS QUE TALVEZ COM A MORTE NÃO SE TENHA NADA DISSO SE TENHA SOMENTE UM VAZIO, COM A VIDA VOCÊ APRENDE MUITAS COISA BOAS PARA SE FAZER COM A MORTE NÃO SE APRENDE NADA.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

54 - Titulo: O começo e o fim

A vida, uma palavra tão certa, cujo significado é intenso. A vida é aquilo que você faz ela ser. Se usá-la com sabedoria, certamente irá aproveitar tudo da mesma. É correr atrás de seus objetivos, é ultrapassar barreiras e limites, é saber se arriscar e se divertir com aquilo, é lutar

pelos seus sonhos e pelo que acredita, é cair e aprender a se levantar, é aprender e ensinar e saber que nada acontece por acaso.

A morte, ela é como um túnel profundo e vazio. Sabemos que se cairmos lá, não iremos mais voltar, mas também sabemos todos um dia, irão cair lá. E mesmo não sabendo o que iremos encontrar, temos que fazer a nossa parte para que o fim não seja ruim.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

55 - A vida para mim é ter um objetivo e viver para alcançá-lo, mais também desfrutar das pequenas coisas ao longo desse caminho, como coisas que gostamos de fazer, comer, ler e etc. Têm quem diga que viemos para terra por alguma razão, talvez algumas pessoas já tenham descoberto seu motivo para vir ao mundo, outros ainda estão procurando. Existem outras coisas também para usufruir da vida, como sentimentos, emoções, momentos e sabores.

A morte é uma verdade dolorosa, que muitas evitam. É o fim de tudo, é o momento onde você deixa tudo para trás, em princípio as coisa que conquistou, mais então você percebe que o real significado não te-las conquistado, e sim o caminho pelo qual percorreu para fazê-lo. O sentido da vida é aproveitando a bateria que ele tem antes que acabe.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

56 - A vida e a morte são coisas totalmente diferente. Uns ficam vivos na terra sofrendo, já outros falam que querem partir para descansar.

Uns perguntam se existe vida após a morte, mas ninguém sabe.

À vida tem muitos momentos bons, mas também tem seus momentos ruins. Para uma pessoa próxima, é muito ruim ver ela se partir, pois nunca mais verá a pessoa, mas sabe que lá em cima ela estará melhor.

A única certeza que temo é que um dia iremos morrer.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

57 - O que é a vida: vida quase tudo tem por exemplo: animais, bactéria, plantas... as pessoas também tem por que se as células estiver morta a pessoa também estava morta por que quando agente se corta é ela que se junta com outra para fechar o corte então a vida depende das árvores da água de comida e de muitas outras coisas sem vida nada disso iria existir como por exemplo as árvores.

O que é a morte: morte é quando a pessoa ou ser vivo perde as células ou um órgão vida, como os animais e as pessoas se o coração parar não há outro caminho se não a morte já a árvore não tem coração então ela só pode morrer se as células dela morrerem daí as pessoas iriam descobrir se vão para cima ou caso viveu defedo do que fez aqui na terra.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

58 - Bom, a vida pra mim é algo inexplicável de dizer, quero saber o significado da vida, qual é o verdadeiro motivo de viver? É uma pergunta que muitos não saberiam responder. A vida para mim é algo sem sentido, porque tantas pessoas novas que teriam uma vida boa no futuro, hoje estão no túmulo, porque as pessoas nascem e morrem, porque a vida tem que ter essa rotina, de nascer jovem e morrer velho? A vida pra mim é algo passageiro, se você morrer hoje, onde você ficará? A vida muitas vezes é tão sentido.

Já a morte, preferia não contar, porque com certeza pra muitos é algo muito ruim, ninguém sabe o significado da morte (eu acho) simplesmente a morte é algo impossível de calcular, quando algum ente-querido da sua família morre, principalmente do seu sangue, parece que o mundo caiu na sua cabeça, tem vezes que você pensa em mente e deita no chão, pedindo para que a terra o engolissem de uma vez. Enfim a vida e a morte são algo tão difícil de explicar.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

59 - Todo e qualquer ser humano tem algo em comum: o desejo de ser feliz. Tudo o que ele faz está relacionado à busca pela felicidade. Tudo o que ele faz está relacionado à busca da satisfação desse desejo. A pessoa está sempre focada na felicidade e ela não fará de bom grado nada que implique em se desviar do foco.

A libertação da alma e do corpo, mesmo o corpo se desintegrando. Os laços da alma e do corpo não se rompem mas se sim pouco a pouco. Se alguém perturbar alguma alma essa pessoa pode se arrepender entre outras coisas. Mas tem gente que já não liga e faz

várias coisas tipo magia negra, macumba, entre outras coisas, não deixando a alma dos mortos em paz.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

60 - Vida e Morte

A vida para mim é uma coisa boa, para coensar pessoas fazer amigos ajudar as pessoas que percisão de ajuda

A morte para muitos é uma coisa ruía, para outras pessoas é uma coisa boa como se tiver vida após a morte ou recarmção.

Eu acho que a vida para mim é estar junto com as pessoas que eu amo meus amigos parentes etc

Eu espero quanto eu morrer eu encontro meus parentes que já morreram e deixaram saudades.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

61 - A vida é um período de aprendizado e de “evolução” do espírito, você vai cometer erros e falhas para aprender o certo e o errado tudo faz parte da evolução.

Após a vida vencer a morte hora de refletir e pagar pelos erros mais graves. Pessoas que se suicidaram, assassinos, estupradores entre outros sempre sofrem mais no “umbral”. O restante paga uma mínima parcela por pequenos atos e até que “seres de luz” o resgatem, eles se recompõem e reencarnam e começam tudo de novo a vida muitas vezes nossos familiares dessa vida estarão na próxima mais com outro grau de parentesco, mãe como irmã, pai como amigo, etc.

Mas a vida e a morte é um ciclo, até que um dia o espírito descansará em paz.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

62 - A vida é uma coisa pra gente viver, por que é um milagre agente estar, porque, as pessoa podem morrer a qualquer instante, mas tentam evitar isso. Todo acreditam que se as pessoas pensam que se morrerem eles vão ir pra ou se a pessoa for muito má, pode até ser que seja verdade, mas minha opinião é que se morreu não tem volte, não vai proceu e nem, pro inferno.

A vida é muito importante para as pessoas e pra mim, por que muita gente ta no hospital respirando por maquinas e sofrendo mas não quer morrer.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

63 - A vida é uma coisa muito boa que o nosso poderoso DEUS nos deu ou é isso que falam a vida até que é uma coisa boa, mas religião diz que foi deus que deu nossa vida mais a ciência diz que foi os bom e velhos macacos eu não sei dizer muito bem.

A morte é uma coisa boa pra muitos e mal para outros etem gente que se suicidar e gente que quer matar outras pessoas (por jogos, filmes, etc) a morte é quase que nem a vida você nasce, cresce, envelhece, diminui (porque chega numa idade e começa a diminuir) e chega a sua vez VOCÊ MORRE

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

64 - VIDA e MORTE

Vida é quando você, nasce cresce e sobrevive, trabalha tem filhos e se torna um adulto.

Morte é quando você deixa de viver, e algumas pessoas acham que sua alma vai para um lugar chamado céu o inferno.

Vida é sua escolha de viver. Mas não como morrer você pode morrer de morte normal ou assassinato e suicídio, algumas pessoas acreditam que Deus te da a vida e quando ele quer ele te leva sua alma e você morre.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

65 - Vida e a morte

O bem mais precioso de qualquer ser vivo, nela passamos por muitas coisas, muito aprendizados e muitas experiências, acontecem coisas boas e ruins. Porém a vida não é eterna, quando ela acaba chamamos de morte, bom ninguém sabe o que acontece quando morremos, se vamos para outro “plano”, se reencarnamos, quando acaba simplesmente acaba, só saberemos quando for a nossa vez de ir. Por isso devemos aproveitar ao máximo

nossa vida e ser feliz ao máximo também e aproveitar quem amamos, pois também não sabemos quando vai ser a nossa hora.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

66 - A MORTE E A VIDA

A VIDA É QUANDO VOCÊ ARPOVEITA MOMENTOS BONS COM A FAMILIA E AMIGOS E TEM O RÚIM QUANDO NADA TA MAIS DANDO CERTO TUDO DA ERRADO VOCE PERDE O EMPREGO E FICA SEM DINHEIRO MUITAS VEZES SEM UMA FAMÍLIA POR PERTO, E FICA DOENTE PODE PEGAR UMA DOENÇA FORTE E FICAR NO HOSPITAL INTERNADO SEM NINGUEM PARA VISITAR E PODE MORRE COMO MUITO ACONTECE, E A MORTE É QUANDO SEU CORPO PARA DE FUNCIONAR CORAÇÃO PARA DE BATER E MORRE OU QUANDO TEM UM INFARTO, OU QUANDO É ASSALTADO E O CANDIDO TIRA A VIDA E ENCERRA A SUA VIDA.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

67 - Morte e vida são o ciclo da vida onde nasce, cresce, envelhece, e morre você passa momentos da vida que são importantes exemplo teu primeiro filho é um momento lindo onde você vai fica olhando o tempo passar cada momento que você passa com seu filho ou filha são preciosos porque a morte chega do nada imagine você ta lá com o seu filho daí bum você morre. E todo mundo morreu acabo.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

68 - VIDA E MORTE

VIDA, A VIDA HÁ EM VARIAS COISAS COMO PLANTAS, ANIMAIS, HUMANOS, ETC. EXISTEM VARIAS TEORIAS DE COMO ELA SURTIU. A MAIOR PARTE DAS VIDAS EM NOSSO MUNDO SÃO MUITO IMPORTANTES COMO AS PLANTAS, SE ELAS NÃO EXISTISSEM NÓS MUITO PROVAVELMENTE TAMBEM NÃO EXISTIRIAMOS. A VIDA É ALGO LINDO PARA UNS E NÃO MUITO PARA OUTROS. NINGUEM SABE PORQUE VIVEMOS E PORQUE MORREMOS; A VIDA É UM ENIGMA. MORTE. A MORTE É ALGO CERTO NA VIDA; TODAS AS VIDAS MORREM, MAS SEMPRE DEIXAM UMA PARTE DE SI NO MUNDO. COMO UM FILHO, UMA SEMENTE OU UMA LEMBRANÇA. AS COISAS NASCEM, VIVEM E MORREM EM UM DETERMINADO TEMPO, ALGUNS VÃO JOVEM OU VELHOS, DEIXAM SAUDAS OU NÃO. A MORTE TAMBEM É UM ENIGMA NINGUEM SABE O QUE TEM DEPOIS DELA.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

69 - Vida é quando você nasce, cresce e tem sua vida profissional e social e é interrompida pela morte.

E a morte é quando um ser ou indivíduo morre por algum tipo de doença ou morte natural por velhice, algumas doenças podem te dar uma morte instantanea ou deixar sequelas pra vida toda sendo uma dela um AVC.

Outras causas da morte são o suicídio onde um ser depressivo e acha que a morte irá resolver seus problemas, ou você pode morrer a qualquer momento com uma bala perdida ou um assalto e etc....

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

70 - Vida: É quando a pessoa, nasce, cresce, tem sua vida profissional e morre.

Morte: Como vou explicar. Morte é quando uma pessoa se sente atormentada por problemas, tanto quanto sentimental, financeiro acaba pensando em tirar a própria vida para amenizar suas dores.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

71 - Vida é quando se tem algum motivo para continuar vivendo, pois com algumas palavras, ações podemos machucar alguém que amamos , bom mais pra mim vida e morte são quase coisas diferentes, para uns viver é como se por alguns instantes fosse morrer aos poucos.

Texto escrito por uma aluna do 1º ano matutino, 2019.

72 - A Vida e A Morte

PRA MIM A VIDA SIGNIFICA VOCE NASCER SER UM BEBE, CRESCER TER UMA INFANCIA BRINCAR BASTANTE SOLTAR PIPA JOGAR BOLA BRINCAR DE MAE PEGA E FAZER TODAS AS COISAS DE CRIANCAS, APROVEITAR A VIDA ENQUANTO VOCE AINDA E CRIANÇA, PORQUE DEPOIS VOCE NÃO PODE MAIS FAZER ESSAS COISAS, POIS TERA QUE TRABALHAR BASTANTE PARA CONSEGUIR O QUE VOCE QUER.

PARA ALGUNS A VIDA E CONSIDERADA FACIL PARA OUTROS A VIDA é difícil, ALGUNS JÁ NASCEM COM BASTANTE DINHEIRO, OUTOS JÁ NÃO TEM QUE CONSEGUIR A SUA MOEDA SOZINHO. MAS TODOS LUTAM, TRABALHAM E DEPOIS MORREM.

PARA OS CRISTÃOS A MORTE NÃO É O FIM E APEÑS UMA PASSAGEM PARA O CEU OU PARA O INFERNO, EU ACREDITO NISSO.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

73 - temos que aprender a dar valor para vida enquanto estamos vivos aproveitar a vida. todo ser vivo possui vida cada um tem sua missão na terra, pois se não tivesse não teria o por que existir. O significado da vida, para cada um tem um significado pois para um tem que trabalhar para comprar o pão para comer. Outros so para conquistar se capital outros so para curtir.

Morte

Muitos querem tirar a vida por causa de pouca coisa como não ter dinheiro por causa de se envolver com drogas. Muitos acreditam em vida apos a morte para outros nao. Uns já acreditam que a passagem para o céu ao inferno, a morte é uma coisa que acontece e nunca esperamos, mas é a única certeza que temos na vida.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

74 - A vida para mim é como viver, aprender e outras coisas. Alem disso pode aproveitar bem a vida e muito para fazer novos amigos ter uma esposa uma família. Com tempo você vai ficar velho com dificuldades como andar, ouvir, e problemas respiratorios e fim MORTE.

Texto escrito por um aluno do 1º ano matutino, 2019.

75 - A vida é uma coisa boa você faz varias coisas legais, acontece coisas legais e bom, como exemplo batata frita que é bom mais quando acaba você fica triste com a mesma coisa com a vida quando você está vivo pessoas que gosta de você estão feliz mais quando você morrer as pessoas ficam triste mais elas superar a sua morte.

Eu acredito que depois da morte você vai para o céu se você estiver uma alma boa. quaso ao contrario você vai pagar seus pecados vice ira para o inferno.

Texto escrito por um aluno do 2º ano matutino, 2019.

76 - A vida

Todo ser vivo possui vida, plantas animais... a palavra vida tem vários significados, para alguns a vida é considerada fácil para outros nem tanto. Tudo depende do ponto de vista da pessoa em relação a viver.

Alguns batalham para conquistar o “pão” de cada dia, outras, já bem sucedidos pensam no seu capital, existem também aqueles que querem apenas curtir a vida, sem preocupações, aproveitar a vida, viajando e curtindo momentos em família.

A morte

Para cristãos a morte é uma passagem para o céu ou o inferno, para outros o recomeço. Muitos querem tirar a vida por causa de alguns problema pessoal, as vezes muito inocentes perdem a vida por causa de conflitos policiais, acidentes, ou até mesmo em um assalto.

A morte é a única certeza que temos na vida

Texto escrito por um aluno do 2º ano matutino, 2019.

77 - Vida

A vida pode ter varios significados e cada um tem uma razão para qual a pessoa vive.

E também não tem só o ser humano de ser vivo também tem as plantas, animais etc, por esse motivo temos que aproveitar bem a vida porque só a uma vez é não tem como voltar atrás de algumas escolhas que a pessoa faz errada.

Morte

Ao contrario da vida a morte é uma coisa temida por todas as pessoas, tem algumas pessoas que falam que querem morrer mas falam da boca para fora por que perder a vida é ruim mesmo que algumas pessoas dizem que existe vida após a morte, mas cada um acredita em algo.

Texto escrito por um aluno do 2º ano matutino, 2019.

78 - Para um história morte parto a amigos não tem coração para o que é céu deus cúa nós vamos morte

Texto escrito por um aluno do 2º ano matutino, 2019.

79 - A vida pode ser algo muito bonito para muitos, mas para mim e algo superficial, aonde devemos agradar os outros para ser pelo menos lembrado, é algo que não é valorizado, e que se formos felizes tudo vira mais fácil, mais para muitos isso não é importante, o “importante” para eles é ser bem de vida, ter um carro bom, uma casa bonita, e ser cheios de seguidores nas redes sociais.

A morte eu não sei explicar e algo que só acontecendo pra saber, só sei que devemos valorizar a vida, e aproveitar cada segundo com quem você ama, pois você não sabe quando você vai estar do lado dela denovo.

Texto escrito por uma aluna do 2º ano matutino, 2019.

80 - A vida é a morte

A vida assim como a morte são inevitáveis mesmo que tente evitar não há escapatória ou escolha a vida significa desafios sejam eles morais ou reais como perdas desafios para nos ou desafios em outras áreas como trabalho ou escola pois temos que nos esforçar para ter o reconhecimento ou para sermos reconhecidos enquanto outros não precisam disso, então a vida ao meu ver tem tudo isso é mais, enquanto a morte é um completo é absoluto misterio ninguem sabe o que há do outro lado ou se há um lado alguns acreditam que há outros que a morte é um fim ou um reencontro em outra vida enfim tanto um quanto outro são imprevisíveis

Texto escrito por uma aluna do 2º ano matutino, 2019.

81 - Nesses últimos anos têm ocorrendo diversas tragédias horríveis no mundo. Muitas delas por ganância, ódio ou desamor, o ser humano tem se tornado cada vez pior, em um mundo onde a vida parece não valer nada. Não mais que o dinheiro, simples nota de papel.

Inumeras mortes ocorrem o tempo todo, isso está ficando mais comum a cada dia. Isso nunca deveria ser assim, pois uma vida, cada uma dessas vidas, valem muito e significam muito.

Muitas dessas pessoas tinham família, amigos, alguém que se importe muito com elas e uma história inteira pela frente. A morte não significa só o fim da vida de alguém, mas também muita tristeza e lembranças para quem fica.

A vida não pode ser desperdiçada, temos que vive-la, contar nossa história e ajudar a tornar o mundo um pouco melhor, fazendo a nossa parte.

Texto escrito por uma aluna do 2º ano matutino, 2019.

82 - Para mim, a vida significa algo que temos que valorizar muito, principalmente com essas tragédias que estão acontecendo, significa também dar o valor a quem está sempre com a gente, pois um dia vamos perde-las. A morte faz parte da vida. Desde que nascemos, começamos a compreender as coisas e saber que um dia a vida chega ao fim. Muitas vezes as pessoas tiram a própria vida por conta de algum motivo. Por isso, devemos aproveitar a vida, pois nunca sabemos o que está para acontecer.

Texto escrito por uma aluna do 2º ano matutino, 2019.

83 - A vida para mim significa dar valor ao que temos, valorizar que está sempre por perto. A morte faz parte da vida todo dia morre alguém, todo dia uma tragédia nova aparecendo na TV, temos que dar valor antes de perder, pois quando não temos por perto queremos dar valor a algo que não temos mais. Quando morremos você coloca um ponto final nela, isso é sinal

que você já cumpriu o seu papel aqui na terra, muitas pessoas tiram a vida das outras por puro ódio ou sem motivo algum. Valorize quem você tem por perto, quem você ama, pois o mundo hoje está cheio de ódio, ame enquanto ainda você tem tempo amanhã pode ser tarde mais. Plante mais amor e menos ódio.

Texto escrito por uma aluna do 2º ano matutino, 2019.

84 - A morte é uma tagedia que deixam muitas pessoas em choro com muita dor, mais é o nosso destino algumas morrem por velhisse, de doenças de acidentes de trabalho ou de carro, pra mim a morte um dia vai chegar pra todos mesmo não querendo, eu posso sair e não volta ninguém sabe o dia de amanhã e não sabemos o que Deus proporciona pra nós e nem quando vai ser nosso dia, quando chegar meu dia eu espero que esteja preparada, e eu sempre me pergunto se sempre, ou se vamos pro ceu ou pra outro lugar, e enquanto a morte não chegar eu quero curtir e aproveitar, porque não sabemos se vamos descansar ou ter outra vida.

Texto escrito por uma aluna do 2º ano matutino, 2019.

85 - A vida é o que a gente vive cada dia, na realidade, não existem conceitos e explicações para a vida e a morte mas a certeza e que a gente morre, e muitas pessoas acreditam na vida após a morte, eu acredito, mas não sabemos a hora e dia que podemos partir, e para mim que sou religiosa acredito que a vida seja uma passagem para o céu.

Temos que fazer o hoje sempre valer a pena, deixar na memória mesmo que um dia a gente morra, vamos aproveitar o momento, sorrir e dar valos as pessoas ao seu lado, e as pequenas coisas que você faz, que seja poucos os momentos tristes.

Texto escrito por uma aluna do 2º ano matutino, 2019.

86 - A vida e a Morte

A vida e a morte fazem parte do nosso ciclo. Com a vida adquirimos experiencias e nos tornamos aquilo que somos, nascer (ter vida), crescimento, desenvolvimento, experiencias, tudo isso faz parte da vida, viver.

A morte é algo natural da vida, não tem como fugir, as vezes ela vem no momento certo, e outras não. Mas temos que estar preparados pra quando ela vem, tanto pra um parente ou para nós mesmos.

Texto escrito por uma aluna do 2º ano matutino, 2019.

87 - A VIDA E A MORTE SÃO ASSUNTOS COMPLICADOS, ELES PODEM TER UMA EXPLICAÇÃO BIOLÓGICA, FILOSOFICA E RELIGIOSA, E POR ESTES TENTANDO EXPLICAR ACABA TENDO CADA UMA SEU PONTO DE VISTA MAS TODAS COM AS MESMAS DUVIDAS. A MINHA DEFINIÇÃO SOBRE O ASSUNTO SERIA UM NASCIMENTO QUE DA O INICIO DE UMA NOVA VIDA OU UM RENASCIMENTO A PARTIR DE SUA MENTE DANDO UMA VISÃO DIFERENTE SOBRE TUDO E TODOS, MAS A VIDA PODE SER DEFINIDA COMO NÃO TENHO CONHECIMENTO NESSE ASPECTO PARA FAZELO, MAS SERIA AS COISAS QUE NÓS PASSAMOS ISSO SERIA VIDA?

MORTE PODE SER DEFINIDA TANTO QUANTO A PARADA DO FUNCIONAMENTO DO CORPO BIOLÓGICO OU MORTE INTERIOR FAZENDO QUE VOCÊ FIQUE DESLIGADO DO MUNDO E SEU CORPO AINDA FUNCIONANDO, MESMO COM TODO ESSE MEU PENSAMENTO SOBRE A MORTE COMO VOU DEFINILA SE NÃO SEI AO CERTO O QUE É A VIDA? SÃO SENTIMENTOS ACUMULADOS NUM CORPO OU É A EXISTENCIA SEM SENTIDO DO MESMO SER, O TEXTO ERA PARA EU EXPLICAR E ACABEI FAZENDO PERGUNTAS, MAS REALMENTE MORREMOS? REALMENTE NASCEMOS? ALGUMAS DEFINIÇÕES MAIS SIMPLORIAS COMO “VIVER E TER EXPERIÊNCIA SOBRE SUA EXISTÊNCIA”, OU “COMEMOS E BEBEMOS, TEMOS RELAÇÕES COM OS OUTROS ISSO É VIVER”, MAS EU AINDA TENHO DÚVIDAS.

Texto escrito por um aluno do 2º ano matutino, 2019.

88 - A vida e a morte

Pra mim a vida é algo muito superficial, não damos valor a ela, o modo em que vivemos não é da nossa natureza, meio que não sabemos viver, fazemos coisas sem pensar, a nossa vida é uma coisa tão pequena.

A morte é algo que eu não sei exatamente o que é, quando “perdemos” alguém ficamos muito tristes, logo pensamos que agora eles estão num lugar bom, só sei que todos estamos submetidos a isso, querendo ou não.

Texto escrito por uma aluna do 2º ano matutino, 2019.

89 - A vida

Existem varios conceitos para explicação da vida, seja eles cientificamente, ou religiosamente, mas ninguém sabe ao certo ainda o verdadeiro significado, e isso as vezes faz nos parar para pensar, como nós, seres humanos existimos e qual o significado de tudo isto?

A única certeza que temos é que a morte acaba com a vida, para algumas crenças existe vida após a morte, e, é nisso que eu acredito, que aqui na terra pagamos por alguma coisa que fizemos, e quando acaba está “missão” morremos e enfim vamos para o “paraíso”.

A vida é uma coisa, que pode ser para um recomeço, então desfrute, viva da melhor forma possível, sorria, me, faça valer a pena! Que quando a morte chegar, o acerto de contas pode ser fácil, e, é isto que acredito, mais no conceito religioso do que científico.

Texto escrito por um aluno do 2º ano matutino, 2019.

90 - A vida pra mim tem dois sentidos o primeiro é que vida você ganha quando você é fegundado no ventre de sua mãe pois ali nasce mais uma vida. O segundo é que a vida é oque você faz dez do dia que você nasce a sua vida começa você que faz a sua vida opta por decisizões que você decide adquirir para você e geralmente coisas boas.

A morte e quando seu coração para de bater e suas células do corpo param e morrem, e tem aconteceres para uma morte como acidentes, ou doenças mesmo ou até vírus dai quando você morre você é velado enterrado ou cremado.

Texto escrito por um aluno do 2º ano matutino, 2019.
